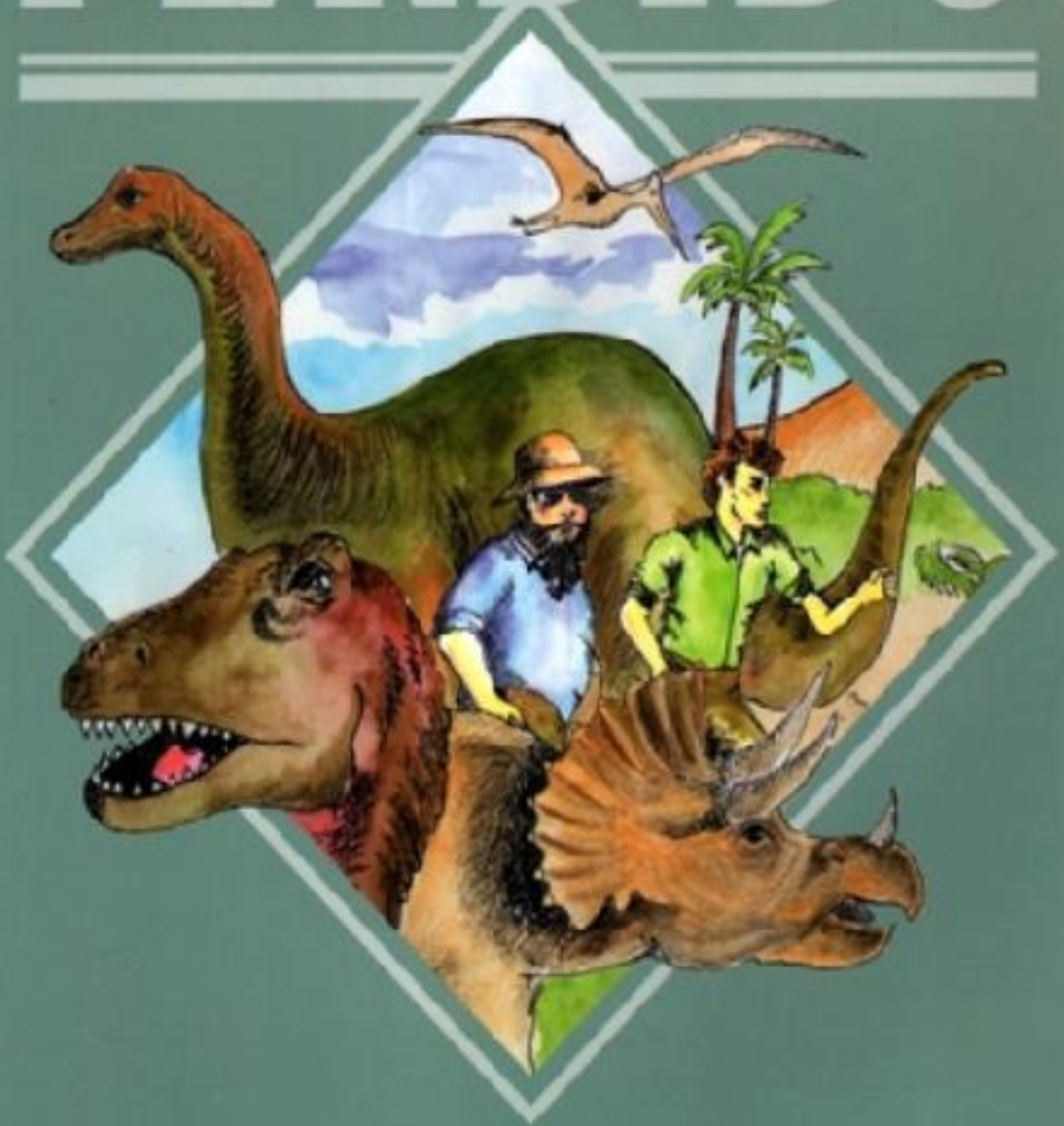
A. CONAN DOYLE

O MUNDO PERDIDO



NOVA ALEXANDRIA

Arthur Conan Doyle

O MUNDO PERDIDO

Tradução de Romualdo Apis Guimarães

Digitalização de Isis Maat (PDL)

Formatação de LeYtor

NOVA ALEXANDRIA
SÃO PAULO
1 9 9 8

Título original: *The Lost World*

© Copyright da tradução: Editora Nova Alexandria Ltda.

Todos os direitos reservados

Rua Dionísio da Costa, 141

04117-110-São Paulo - SP

Caixa Postal 12.994

04910-970 - São Paulo - SP

Fone/Fax: 571 5637

Capa: Antonio Kehl e Ionit Zilberman

Ilustrações: Ionit Zilberman

Revisão: PS comunicações

Composição: GAPP design

ISBN: 85-86075-34-5

APRESENTAÇÃO

Arthur Conan Doyle (1859-1930) é o criador de um dos personagens mais famosos de todos os tempos: Sherlock Holmes. O sucesso foi tão grande que fez o detetive inglês extrapolar os limites da literatura, sendo incorporado ao que se poderia chamar de subconsciente coletivo ocidental. Holmes tor-nou-se um autêntico mito da civilização moderna.

Escrever algo que ganhe essa dimensão deveria ser o sonho de todo o escritor. E, no entanto, Conan Doyle sentia certa rejeição por sua mais famosa criatura. Chegou a matá-la uma vez, afogando-a nas cataratas de Reichenbach. A reação do público foi tão grande que o escritor, para muitos contra sua própria vontade, viu-se obrigado a ressuscitar o detetive. Como se explica a ambiguidade de Conan Doyle em relação a seu personagem historicamente mais importante?

Talvez Conan Doyle não acreditasse que a literatura policial fosse um gênero de primeira grandeza. Além disso, não pode ter deixado de pressentir o perigo que a fama descomunal de Sherlock representaria para todo o resto de sua obra, ofuscando suas outras criações. São duas hipóteses. Talvez nunca fique inteiramente claro por que ele, logo ele, não se apaixonou também pelo detetive de Baker Street.

Mas persiste o fato: o escritor não considerava seu personagem mais popular, e um dos mais populares de todo o século XX, o mais interessante de sua imensa galeria de criações. Diante disso, a leitura das obras menos conhecidas de Conan Doyle ganha uma importância e um interesse especiais. Permitindo-se essa pequena "revisão histórica", descobre-se verdadeiros tesouros por trás da muralha sherlockiana. Um deles é, justamente, a novela de ficção científica *O Mundo Perdido.* Publicada pela primeira vez em 1912, ela conta a história de quatro ingleses que vêm à Amazónia e encontram um platô onde a pré-história ainda não acabou. Um enredo fácil de enunciar, mas que serve de base para uma pequena obra-prima do gênero.

Conan Doyle tinha certamente uma relação profunda com a ciência de seu tempo, com tudo o que ela já conquistara e com as promessas que fazia à espécie

humana. Ele havia se formado em medicina e exercera a profissão até os 32 anos. Não lhe era estranho, logicamente, o orgulho de vencer os desafios impostos pela natureza, fossem eles na matemática, na física, na química, na biologia, ou no campo das ciências sociais. Mas nele, como em outros fundadores dessa tradição científico-literária, a postura cientificista vinha relativizada. Havia a consciência de que a natureza guardava forças infinitamente mais poderosas que o engenho humano. A noção muito clara de que a ciência poderia vir a se tornar uma ameaça à espécie, caso não fosse inteligentemente aplicada. Por fim, a certeza de que nem a supremacia científica seria capaz de romper os laços entre a espécie humana e a natureza a sua volta.

Os quatro personagens principais de *O Mundo Perdido* funcionam como balizas e fomentadores das especulações científicas que se sucedem ao longo da novela. De um lado está o prof. Summerlee, o porta-voz da academia, da presunção científica vitoriana. Em seguida tem-se o jornalista Malone e o aventureiro/lorde Roxton. O primeiro é o leigo jovem, o segundo o leigo experiente, sempre oscilantes entre a credulidade e a descrença. Eles fazem a mediação entre Summerlee e o outro pólo do comportamento científico, o prof. Challenger.

George Edward Challenger é o cientista que está na contra-mão da academia. Um tipo clássico na ficção científica. Em geral auto-exilados da sociedade, esses gênios alternativos podem ser verdadeiramente loucos, como o capitão Nemo, de Júlio Verne, ou "apenas" visionários intransigentes, arrogantes e irrascíveis, que preferem morrer escarnecidos por todos a renegarem suas idéias científicas. É nesse último grupo que o prof. Challenger está inserido. Embora não seja ele o narrador, é sem dúvida o personagem central de *O Mundo Perdido.* Também na outra novela em que este mesmo grupo de personagens aparece, *A Nuvem da Morte,* de 1913 , é Challenger a figura que vem balançar os alicerces da ciência oficial, desta vez prevendo a destruição da vida no planeta por envenenamento cósmico.

Os dois livros são independentes entre si. Apesar de reunirem os mesmo personagens, chegam a ser opostos sob determinado ponto de vista. Enquanto *O Mundo Perdido* é recheado de ação, predominando uma dimensão física da aventura, perigos das selvas, lutas contra animais e povos desconhecidos, *A Nuvem da Morte* é uma novela mais psicológica, na qual o desastre planetário é assistido por ura grupo de pessoas trancadas num escritório. O professor Challenger ainda protagonizaria um romance e duas histórias publicadas mais

tarde, nos últimos anos de vida do escritor: *A Terra das Brumas* (1926) *A Máquina da Desintegração* e *Quando o Mundo Gritou* (1929). No primeiro, a morte da esposa faz Challenger voltar suas prodigiosas faculdades mentais para o mundo dos espíritos, da vida após a morte. Na outra Challenger salva a humanidade da ciência pervertida por um cientista louco. Na última delas, Challenger desenvolve a teoria de que por baixo da crosta terrestre o mundo é um gigantesco animal, que grita quando Challenger consegue perfurar sua camada de proteção.

Em todos os livros, a ciência é desafiada, questionada, a fragilidade humana exibida de forma inegável. Em O *Mundo Perdido,* particularmente, não há um tom solene, profético do caos, como em vários livros dessa tradição, mas sim um ceticismo irônico, tornado possível graças à ignorância científica do narrador, que é a do leitor. Algumas leis da natureza soam absurdas, mesmo quando provadas cientificamente. Outras, totalmente absurdas, parecem até sensatas quando desenvolvidas pelos personagens.

Voltando a Sherlock Holmes, vale dizer que entre ele e Challenger, há um ponto crucial em comum. Ambos têm um raciocínio lógico excepcional. Este raciocínio é poderoso, porque nunca se deixa levar pela explicação mais fácil. E prodigioso, porque nunca se desenvolve inteiramente às claras. Desta forma, quando chega a uma conclusão e a explicita, causa no leitor o impacto de uma revelação.

Assim Malone narra uma passagem de dificuldades no meio da selva: "Para iludir o mau humor, todos tentaram dormir cedo. Apenas Challenger se manteve desperto. Recordo-me que, antes de ir dormir, enxerguei-o agachado como um sapo imenso diante da fogueira, a cabeça desproporcional entre as mãos peludas, como se estivesse refletindo profundamente. Nem respondeu ao boa-noite que lhe dirigi." Challenger, na manhã seguinte, já exulta: "— Eureka! Enquanto os senhores dormiam o sono da inocência, eu resolvia o maior problema do nosso século..." E logo começa a desfiar sua mirabolante solução para os problemas que viviam.

Já no final da vida, após a morte de seu filho e de seu cunhado durante a I Guerra Mundial, Conan Doyle terminaria por renegar de vez a doutrina científica vigente. Jurando ter feito contato com o cunhado falecido, dedicou seus últimos anos ao espiritualismo, feito Challenger em *A Terra das Brumas.* Mas, como se poderá constatar, desde os anos dez ele flertava com os limites da ciência, com as potencialidades inesgotáveis da natureza.

Assim talvez tome corpo uma terceira hipótese para explicar o incómodo de Conan Doyle em relação a Sherlock Holmes, enquanto Challenger o deixava tão à vontade que, no frontispício da primeira edição de *O Mundo Perdido,* o escritor se deixou fotografar nas roupas do cientista, com barba postiça e tudo. Os dois personagens têm a função de conduzir o leitor por um momento de turbulência até o ponto de restauração da ordem, mas os desafios enfrentados pelo raciocínio lógico de Sherlock têm uma dimensão acanhada quando comparados aos de Challenger. Para Sherlock, re-solvido o crime, descobertos os meios, o porquê, a hora e o local, acaba o problema. Para Challenger, o universo é o limite. Ele também é, em vários momentos, não apenas quem reestabelece a ordem alterada por uma pessoa ou um acontecimento, mas o próprio responsável por sua alteração e pela formulação de perguntas inesperadas, com implicações planetárias. Um personagem digno do maior interesse, que nos oferece uma porta diferente para a imaginação criativa de um dos grandes escritores do início do século.

Rodrigo Lacerda – escritor e autor de O mistério do leão rompante e O ritmo das larvas e tradutor de A nuvem da morte.

CAPÍTULO I

O Mundo Está Cheio de Possibilidades de Heroísmo

O Sr. Hungerton, pai de Gladys, era a pessoa mais impertinente e desagradável deste mundo: como uma espécie de grande papagaio emplumado, mostrava-se sempre todo falante e cheio de si, mas, apesar de tudo, tinha um bom coração. Se alguma coisa neste mundo pudesse afastar-me dela, seria o receio de ter um sogro desse tipo.

Acredito também que ele tinha a ingenuidade de supor que eu ia três vezes por semana à sua casa, em Chestnuts, para desfrutar de sua companhia e ouvi-lo expor, de maneira interminável, suas opiniões sobre a teoria bimetalista, uma tagarelice sobre a necessidade de se ter o equivalente das moedas em ouro e prata, assunto que para ele já havia tomado as proporções de uma obsessão.

— Imagine — disse ele, com seu jeito empolado — se todos os credores do mundo quisessem receber suas dívidas ao mesmo tempo e imediatamente. Considerando a situação presente, o que aconteceria?

Respondi que eu estaria falido e ele, reprovando minha brincadeira — que impedia-o de prosseguir com o seu lenga-lenga monetário —, saiu da sala afirmando que ia se arrumar para encaminhar-se a uma reunião na loja maçônica.

Finalmente, pude ficar sozinho com Gladys, o momento que tão ansiosamente eu aguardava. Sentia-me, naquela noite, como um soldado a caminho de uma missão arriscada, com meu espírito oscilando entre a esperança de vencer e o medo absoluto da derrota.

Eu admirava seu rosto altivo e delicado, que se emoldurava sobre o fundo vermelho da cortina da sala. Como era bela e, ao mesmo tempo, tão distante de mim! Não havia entre nós coisa alguma; isto é — ainda não tinha havido. Conhecíamo-nos desde a infância e sempre havíamos sido bons amigos, convivendo com prazer e desembaraço. Ultimamente é que — coincidindo com os sonhos que eu começara a arquitetar cheio de ternura — Gladys começara a tratar-me com certa reserva. A princípio esse fato deso-lou-me; depois, pensando bem, vi nele um bom sintoma. Não aprecio mulheres excessivamente ousadas e, ao mesmo tempo, creio que a timidez e a desconfiança são os sinais efetivos da verdadeira atração sentimental. Mesmo sendo jovem, eu já havia aprendido que,

quando uma moça não se sente perturbada nem intimidada diante de um rapaz, é porque não imagina sequer a possibilidade de lhe amar.

Ligeiramente morena, de uma tez quase oriental, ela tinha cabelos negros, grandes olhos expressivos e lábios carnudos. Tudo em Gladys era profundamente feminino, embora alguns a considerassem, impropriamente, um tanto fria. Em meio à nossa amizade, que vinha desde a meninice, foi ela talvez a primeira a compreender que eu começava a amá-la. E naquele instante estava decidido a saber, definitivamente, se eu era correspondido ou não. Foi quando, ainda imerso nesse pensamento, ouvi sua voz afirmar com doce reprovação:

— Sinto que você está para dizer algo sobre nós dois, mas peço que não o faça. Não vamos mudar o que está tão bem.

Puxei a minha cadeira para ficar mais próximo dela.

— Como você soube que eu pretendia falar sobre nós dois? — indaguei-lhe num tom que denunciava minha autêntica surpresa.

— É a intuição feminina. Ou você acha que uma mulher não percebe quando vai receber uma declaração de amor? Mas, por favor, não vamos estragar a nossa amizade: não vê que é tão bom podermos falar um com o outro como bons amigos?

— Querida Gladys, conversar da forma que fazemos eu posso até com o chefe da estação ferroviária (nem sei por que ele surgiu no meio da conversa, mas o fato nos fez rir). — Quero muito mais, quero poder abraçá-la, sentir o peso de sua cabeça em meu peito, eu quero...

Ela se levantou com rapidez ao perceber que eu pretendia demonstrar mais fisicamente os meus sentimentos.

— Assim você vai estragar tudo! Tudo estava tão bem como era antes. Será que você não consegue se controlar?

— Eu não tenho culpa! — falei desoladamente. — Não posso impedir a força natural do amor!

— Mas eu nunca senti esses ímpetos.

— Oh Gladys, fomos feitos para amar. Linda e sensível como é, você não pode se furtar ao sentimento do amor.

— Então é preciso esperar que aconteça para mim.

— Quer dizer que você não consegue me amar, Gladys? Você me acha muito

feio?

Concedendo um pouco, ela graciosamente empurrou minha cabeça para trás e olhou-me com um sorriso triste. Depois de alguns segundos, disse:

— Não é nada disso — disse delicadamente. — É algo muito mais profundo.

— Então é o meu caráter?

Com um severo movimento de cabeça, ela confirmou.

— Mas o que devo fazer? Por favor, sente-se, eu não vou fazer nada. Só quero ouvi-la...

O jeito com que ela olhava deixava-me desnorteado, a ponto de não conseguir, agora, colocar em forma escrita o que senti então. Finalmente, ela resolveu sentar:

— Diga-me, Gladys, o que há de tão errado em mim?

Com a resposta que ela me deu, foi a minha vez de dar um salto da cadeira:

— Eu amo outra pessoa — ela falou, olhando para o meu rosto perturbado. Depois, rindo, completou: — Não é ninguém em particular, mas sim uma forma ideal de homem, que eu ainda não encontrei na realidade.

— Como você o imagina?

— Bem, poderia parecer-se bastante com você.

— Ah, como você é gentil em dizer-me isso! Então, o que devo fazer para me aproximar desse tipo ideal? Devo tornar-me abstêmio, vegetariano, aeronauta, teosofista, super-homem...? Dê-me ao menos uma idéia do que você deseja.

— Em primeiro lugar, creio que o meu tipo ideal não daria tanta atenção aos caprichos de uma jovem boba, como você está fazendo. Porém, antes de mais nada, este homem teria a coragem de enfrentar a morte sem jamais temê-la, seria o autor de grandes feitos e de experiências insólitas. Creio que não apenas seria capaz de amar esse homem, como também as suas glórias, que estariam refletidas em mim. Um exemplo: Richard Burton (Nota 1). Ao ler a biografia escrita por sua esposa, compreendi perfeitamente porque ela o amava tanto. E *Lady* Stanley (Nota 2): leu o que ela escreveu sobre o marido? São esses os tipos de homens que eu adoraria com toda a força de meu espírito, ao mesmo tempo em que seria vista como a inspiradora de suas ações extraordinárias.

A forma linda e entusiasmada com que ela falava, impelia-me a agarrá-la, beijá-la ardentemente. Mas pude controlar-me e repliquei:

Nem todos têm a oportunidade de se tornarem Burtons e Stanleys. Mas seu a tivesse, eu procuraria aproveitá-la.

— O mundo está cheio de possibilidades de heroísmo — ela falou, decidida. — Todo grande homem, daquele a quem ninguém e nada pode deter, é capaz de criar suas oportunidades de aventura. E cumpre a ele realizá-las e à mulher recompensá-lo com seu amor. Lembra-se do jovem francês, aquele que na semana passada subiu aos ares num balão? Apesar do forte vendaval, não temeu e continuou a empreitada. Seu balão foi arrastado por dois mil e quinhentos quilômetros, durante vinte e quatro horas, e ele foi parar bem no meio da Rússia. Está aí um exemplo do homem que eu amaria. Imagine sua mulher, invejada por tantas outras! Isso mesmo: eu gostaria de ter um homem como esse para ser invejada por outras mulheres.

— Ora, para agradá-la, eu também teria feito isso.

— Não, não apenas para agradar-me: faria-o porque é da sua natureza, porque o homem que você é quer mostrar-se em ações heróicas. Na reportagem que fez sobre a explosão da mina de carvão, semanas atrás, você não poderia ter descido para salvar aqueles desafortunados, apesar de todo o risco que havia?

— Mas eu fiz isso.

— Mas não me disse...

— Não vi motivo para contar vantagens.

— Não sabia... — ela me disse, olhando-me de um modo diferente. — Foi um ato corajoso.

— Tinha que ir lá. Numa reportagem, é preciso estar no centro dos acontecimentos.

— Dizendo assim, você tira todo o romantismo do que fez. De todo modo, você o fez e fico orgulhosa por isso.

Em seguida, ela estendeu-me a mão e eu a beijei, ternamente. Ela continuou:

— Não passo de uma mulher com fantasias de menina. Porém, é assim que penso, é assim que sinto. Quero me casar com um homem célebre.

— E por que não? — repliquei. Creio que são mulheres como você que fazem os homens alcançarem as grandes metas. Por isso, eu também buscarei a

minha oportunidade, assim como Clive, um simples funcionário burocrático que acabou conquistando a Índia. Ah, sim, eu também farei algo importante!

Ela achou graça dessa manifestação súbita de meu entusiasmo irlandês.

— Claro que pode, você tem tudo para isso: é jovem, forte, inteligente, corajoso. Gostei muito de termos conversado e, mais ainda, por ter despertado em você essa vontade.

— O que você acha se eu...?

Ela interrompeu minha indagação colocando sua mão de veludo em meus lábios:

— Senhor, não diga mais nada... Aliás, você deveria estar no plantão noturno da redação do jornal há muito tempo, mas eu não quis interromper nossa conversa. Voltaremos a nos encontrar, quem sabe, quando você tiver conquistado o seu ato de bravura.

Saí dali, naquela noite brumosa de novembro, com o coração palpitando e, já no bonde de Camberwell, pensava em não perder mais nenhum minuto para encontrar algo que pudesse oferecer à minha amada. Mas eu não poderia sequer imaginar a estranha aventura que me esperava, nem mesmo os diversos e incríveis acontecimentos que me levariam a ela.

Pode parecer ao leitor que este primeiro capítulo pouca relação terá com a minha narrativa. Porém, sem os fatos contados aqui, não teria desabrochado o desejo vivo da aventura, que moveu a mim e a tantos outros homens. Essa força interna que nos obriga a romper a fronteira do comum e penetrar o reino maravilhoso das grandes realizações e das grandes recompensas.

Na redação do *Daily Gazette*, eu era apenas mais um entre tantos outros seres insignificantes. Mas agora eu estava absolutamente convencido de que encontraria o desafio que faria honrar minha Gladys! Ela teria me pedido isso por puro egoísmo? Esta indagação pode surgir-me agora, na maturidade, mas não faria sentido para aquele jovem de vinte e três anos com o coração transbordando de amor.

CAPÍTULO II

NÃO QUER ARRISCAR A SORTE COM O PROFESSOR CHALLENGER?

Eu sempre gostei do editor-chefe da *Daily Gazette*, o ruivo, idoso e algo rabugento Sr. Ardle, e também tinha a impressão que ele me apreciava. O diretor do jornal, Sr. Beaumont, era muito importante para que eu tivesse com ele um contato mais constante. Às vezes, eu o via passar com seu ar majestoso, como se estivesse acima de qualquer crise internacional ou da queda de um ministério. Com o Sr. Ardle era diferente, com ele é que eu tinha de me entender. Dirigi-me a seu gabinete e tive desde a entrada um bom acolhimento.

— Sr. Malone, o senhor está indo muito bem. Sua reportagem sobre a explosão da mina de carvão estava excelente — disse-me ele, acentuando o sotaque escocês.

— Obrigado, Sr. McArdle.

— Não tem que me agradecer nada, Sr. Malone: é justiça. Mesmo a reportagem do incêndio de Southwark já tinha sido interessantíssima... Mas creio que vinha para me dizer alguma coisa...

— Sim. Queria lhe pedir um favor... Não tem algum serviço de reportagem bem importante, e mesmo perigoso?

Os olhos do Sr. Ardle inquietaram-se.

— Como? Que disse?

— Digo-lhe que sou jovem, robusto, corajoso; preciso lazer carreira e desejo encontrar ocasião para empreender algo que valha a pena...

— Mas que história é essa? Por que essa resolução súbita de procurar riscos de vida?

— Para poder viver.

— Hum! E todas essas belas ambições vieram-lhe assim de repente? Bem... bem... Não quero ser indiscreto, mas o senhor está mesmo muito exaltado. Como sabe, as reportagens especiais são confiadas apenas a jornalistas experientes, porque, além de tudo, custam caro ao jornal. Mas espere um pouco... Ah, sim, tenho mesmo uma idéia que estava amadurecendo há muito tempo, sem saber a

quem confiá-la. Quer tomar a si a missão de desmascarar um impostor, um Munchhausen (Nota 3) moderno, que anda contando mil histórias mirabolantes?

— Excelente... O que eu quero é que seja um caso sensacional.

— Esse poderá sê-lo. Creio até que só mesmo o senhor, com seu dom natural de inspirar simpatia (nesse momento, curvei-me lisonjeado...) poderá realizar a missão, pois se trata do homem mais exaltado e brutal de toda a Inglaterra: o professor Challenger, de Enmore Park.

— Como? Challenger, o famoso e amalucado zoologista, que partiu a cabeça de Blundell, do *Daily Telegraph?*

O sr. Ardle esboçou um sorriso.

— Parece-lhe muito perigoso esse trabalho? Não quer arriscar a sorte com o professor Challenger?

— Não tenho dúvidas de que pode ser uma grande aventura. Mas isso não quer dizer que a recuse. Ao contrário. Além disso, o senhor não é Blundell; tem outros dotes de sedução, uma qualidade fundamental para situações como essa... Escute bem: há talvez grandes coisas a fazer com o caso Challenger. Eu observo-o já há meses e tenho sobre ele informações detalhadas.

Tirou da gaveta uma espécie de ficha e leu:

"George Edward Challenger. Nascido em Large, no ano de 1863. Estudos brilhantes. Nomeado adjunto no British Museum e depois professor de antropologia comparada (1893). Demitiu-se no mesmo ano, após desavenças com todos os seus colegas do Museum. Titular da medalha Crayston por seus trabalhos zoológicos e membro de várias academias nacionais e estrangeiras, entre elas..." E citou inúmeras entidades do mundo inteiro. Depois, continuou: *"Publicou diversos trabalhos, como* 'Algumas observações sobre os crânios Kamlmuck', 'Esboços da evolução dos vertebrados", *e um texto polémico, 'O* erro básico de Weissmann', *que provocou discussões intensas no Congresso de Zoologia de Viena."*

— Mas a que propósito irei entrevistá-lo? — perguntei. O Sr. McArdle prosseguiu:

— Imagine que há cerca de dois anos ele partiu para a América do Sul em viagem de exploração. Voltou há poucos meses e recusou-se a dizer exatamente por onde andou. Isto é: havia começado a fazer uma descrição da viagem ao seu

colega, o repórter Blundell, porém este se atreveu a fazer uma objeção e ele resolveu não dizer mais nada a ninguém. De duas, uma: ou teve nessa viagem aventuras pouco banais ou é simplesmente um contador de histórias, um mentiroso. Dizem que ele trouxe algumas fotografias em mau estado e que parecem de fantasia: mas a manifestação de qualquer dúvida a esse respeito irrita-o a ponto de o tornar agressivo, capaz de atacar o primeiro que lhe aparecer pela frente. Foi num momento desses que abriu a cabeça de seu colega...

Estampando no rosto vermelho o seu peculiar sorriso, o Sr. McArdle calou-se, indicando que a nossa conversa havia terminado.

Saí dali pensativo e, sem rumo certo, andei longamente pelas ruas. Depois, entrei no Savage Club, ali encontrando o meu amigo Turp Henry, da *Nature Review* — um sujeito magro que esconde, por detrás do jeito áspero e introspectivo, uma imensa generosidade. Pedi a ele informações sobre Challenger.

— Ah! — exclamou Henry — esse tipo partiu para a América do Sul e voltou com histórias extravagantes.

— Que histórias?

— Pura tolice: voltou dizendo haver encontrado animais absolutamente fantásticos. Mas as suas primeiras declarações provocaram tantas controvérsias que ele não se atreveu a prosseguir. De início, deu uma entrevista para a *Reuter's*, mas o rebuliço foi tão grande que resolveu se calar. Apenas uma ou duas pessoas pareceram dispostas a tomar a sério sua narrativa, porém ele próprio se encarregou de desanimá-las.

— Como?

— Com sua inqualificável grosseria. O velho *Sir* Wadley, presidente do Instituto Zoológico, convidou-o para assistir a uma sessão... Pois ele mandou uma resposta com termos tão desrespeitosos que não pôde nem ser publicada.

— Nossa!

— Foi assim mesmo. Trata-se de um sujeito impossível. Muito inteligente, não há dúvida, mas intolerante, grosseiro, com idéias fixas, orgulhoso de tal forma que se considera superior a todo mundo e recebe qualquer obje-ção como uma ofensa pessoal.

Como Henry parecia querer encerrar ali sua explanação sobre Challenger, insisti:

— Fale-me mais sobre ele.

— Você sabe, sou bacteriologista, minha vida é o microscópio, e tenho mesmo dificuldades em me relacionar com seres humanos, que são todos enormes e ameaçadores. Pela mesma razão, não gosto de me envolver com disque-disques tão comuns nos meios científicos, um mundo cheio de vaidades. Mas o caso de Challenger é diferente, e de fato provocou minha curiosidade. Uma mente brilhante como aquela, criando fantasias maníacas e, por elas, arrumando encrencas com todo mundo...

— Mas você falou em idéias fixas. Cite-me uma.

— A mais recente tem por objeto as teorias evolucionistas e causou um barulho infernal na Academia de Viena. Eu não conheço bem o caso, mas venha comigo ã revista e poderá ler a transcrição das atas, onde toda a questão está claramente exposta.

Uma hora depois eu lia atentamente o calhamaço, que dava conta de um erudito debate sobre as teorias de Weissmann (Nota 4) e Darwin (Nota 5), tão erudito que meu insuficiente conhecimento científico não me permitia entendê-lo direito.

Em todo caso, como não convinha perder tempo, resolvi escrever a seguinte carta:

"Ilustre professor Challenger:

Sou apenas um modesto curioso das leis naturais e, como tal, sempre acompanhei com profundo interesse seus luminosos estudos sobre Darwin e Weissmann. Relendo hoje sua magistral comunicação à Academia de Viena pude perceber que se trata de uma contribuição inestimável para a discussão do tema. Contudo, há uma especulação que me deixou em dúvida. Transcrevo-a aqui: 'Oponho-me fortemente contra a absurda e dogmática proposição de que cada id é, em *si, um microcosmo dotado de uma estrutura histórica paulatinamente elaborada por meio de uma série de modificações. ' Julguei a afirmação muito enfática, razão pela qual peço-lhe a gentileza de uma explicação. Espero que não negue esse favor a um humilde discípulo, que terá a honra de procurá-lo na quarta-feira, às onze horas.*

Com meus sentimentos de admiração e respeito,

Edward Malone."

Como eu deveria usar o endereço da *Nature Review, u*ma publicação científica, evitando, desse modo, possíveis suspeitas de Challenger, tive de submeter a carta à aprovação de Henry:

— Seu grande canalha! — brincou ele, ao terminar de lê-la. — Só espero que ele não venha aqui quebrar toda a redação da revista.

— Pelo menos, essa é uma forma de me aproximar do homem. Depois, caso ele desconfie das minhas reais intenções, posso até contar-lhe a verdade.

— Ah, sim. E você vai levar uma grande surra! O melhor mesmo é você ir preparado, usando um daqueles uniformes do futebol americano. É bem provável que você venha a se arrepender tremendamente de ter querido mexer com o briguento Challenger.

CAPÍTULO III

UMA CRIATURA IMPOSSÍVEL!

Dias depois, voltei à *Nature* e encontrei um envelope, com o carimbo postal de West Kensington, dirigido a mim numa caligrafia horrenda. Eis o conteúdo da carta:

"Senhor,

Recebi a sua carta, que parece endossar algumas das minhas posições, mas ao mesmo tempo utiliza a palavra especulação *ao tratar de minhas pesquisas sobre a teoria de Weissmann.*

O senhor, sem dúvida, é um ignorante, mas prefiro um ignorante a um malicioso, razão pela qual relevo a afirmação. Embora creia que somente uma inteligência subumana deixaria de entender o sentido do que foi ali expresso, concedo em atendê-lo na hora solicitada.

Quando chegar, apresente, portanto, este envelope ao meu criado Austin, que é a pessoa encarregada de impedir a aproximação de seres indesejáveis, notadamente aqueles velhacos que se chamam a si próprios de 'jornalistas'.

Atenciosamente, George Edward Challenger."

Quarta-feira, pontualmente às onze horas, um táxi deixava-me diante de uma casa cujo aspecto denotava a excelente situação de fortuna do temível professor. A porta foi-me aberta por um homem moreno e forte, de perneiras. Soube depois que ele era o chofer e substituía os criados de quarto todas as vezes em que esses (mais ao alcance das garras do patrão) se demitiam bruscamente.

Ele examinou-me com atenção e desconfiança:

— Está sendo esperado? — indagou.

— Sim — respondi, entregando-lhe a carta.

— Ah! Então é o senhor mesmo — disse o chofer.

E fez-me entrar para um corredor onde encontrei uma senhora ainda jovem, de pequena estatura, mas graciosa. Ela me deteve:

— Um instante, senhor. Diga-me: já falou alguma vez com o meu marido?

— Ainda não tive essa honra.

— Então permita que eu o previna e lhe apresente antecipadamente minhas desculpas. É uma criatura impossível, absolutamente impossível. Prefiro preveni-lo desde já.

— Mas, minha senhora...

— E tome bem nota da minha recomendação. Se ele se exaltar, não fique em seu gabinete nem mais um instante. Não perca tempo com palavras: fuja, fuja imediatamente. Diga-me somente uma coisa: é sobre o caso da América do Sul que vem falar com ele?

Era impossível mentir a uma senhora.

— Ah, meu Deus — ela suspirou. — É o mais perigoso dos assuntos! Ele vai lhe contar coisas que o senhor não vai poder acreditar. Eu sou a primeira a achar natural que não acredite. Mas, pelo amor de Deus, não deixe transparecer a menor dúvida, senão ele fica furioso, pois acredita no que diz. Posso afirmar-lhe que Challenger é um homem absolutamente honesto. Agora, vá... Deus o acompanhe. Eu vou ficar aqui no corredor, pois mesmo nos momentos de maior exaltação ele conserva um certo respeito por mim.

Dito isso, deixou-me seguir o chofer até uma porta no fundo do corredor. Passado o limiar, entrei num vasto gabinete e vi-me em frente do professor.

Estava sentado diante de uma mesa, cheia de papéis, mapas, diagramas, e seu aspecto cortou-me a respiração. Eu julgava-me prevenido para todas as eventualidades, mas nunca esperaria encontrar uma personalidade tão formidável. Nunca havia visto uma cabeça tão grande, estou mesmo certo que nunca houve uma cabeça com tais proporções sobre um corpo humano. E o resto evocava, por não sei que linhas gerais, a idéia de um touro assírio. Muito vermelho, com uma barba negra azulada em ondas espessas até o meio do peito, e cabelos lisos, empastados sobre a fronte curva. Os olhos, muito azuis e muito claros, sob as espessas sobrancelhas negras, tinham uma acuidade imperiosa, vigilante, quase insuportável. Os ombros, também amplos, um dorso rotundo e, pousadas sobre a mesa, mãos de gigante, cobertas por pêlo áspero.

— Então? — perguntou ele, fitando-me com insolência, com uma voz que mais parecia um mugido.

— Senhor... — balbuciei humildemente. — Teve a bondade de permitir que

eu viesse e...

— Ah! Sim. O senhor é o jovem que não conseguiu entender o que eu escrevi em inglês bem claro, mas que concorda com as minhas conclusões gerais.

— Inteiramente, meu caro professor, inteiramente.

— Que grande honra para mim! O senhor traz-me a dupla autoridade de sua idade e de sua situação. Enfim... sempre vale mais do que esses miseráveis porcos de Viena... Mas vamos ao que interessa. Esta palestra não deverá ter para o senhor grandes encantos e, para mim, com certeza, irá aborrecer profundamente. O senhor, ao que parece, tem observações a fazer sobre a minha tese. Explique-se!

Sua maneira brutal e sua voz trovejante não me permitiam hesitar. Entrei logo no assunto.

— Queira perdoar minha ousadia. Eu sou um humilde estudante, mas parece-me que o senhor tratou Weissmann com excessiva severidade, pois os fatos até agora verificados concorrem até para consolidar sua doutrina...

— Que fatos? — perguntou Challenger, com uma calma apavorante.

— Sim, quero dizer... fatos positivamente não, mas a... o... o que poderíamos chamar de tendência científica geral do pensamento moderno.

Ele inclinou-se para mim com um ar muito interessado:

— O senhor deve saber que o ângulo craniano é um fator constante.

— Naturalmente.

— E que a telegomia é uma hipótese ainda controvertida.

— Sem dúvida.

— E que o protoplasma germinativo é substancialmente diverso do ovo partenogenético?

— É claro — respondi entusiasticamente, surpreso com a minha própria cara-de-pau.

— E o que isso prova? — perguntou ele com voz muito doce, como se tentasse me convencer.

— Sim, de fato, o que isso prova? — repeti sem saber o que dizer.

— Eu vou lhe dizer o que isso prova — exclamou o professor, em um súbito acesso de cólera. — Nada do que eu disse tem o menor nexo e isso prova que o senhor é um miserável que nunca estudou coisa alguma e cuja ignorância só é igual à sua falta de vergonha. Você pertence à corja desses escribas de pasquim, que se consideram onipoten-tes a ponto de achar que podem criar ou destruir a integridade de alguém. Vocês não podem derrotar esse homem chamado G.E.C., seus vermes nojentos.

Erguera-se impetuosamente, com os olhos esbugalhados de furor, e eu recuei surpreendido. De pé, o professor mal me chegava aos ombros. Seu crescimento de hércules detivera-se na adolescência e ele havia desenvolvido apenas em largura, espessura e volume cerebral a sua espantosa vitalidade.

Ele avançava em minha direção, totalmente ameaçador.

— Você será o quarto ou quinto verme que eu enxoto da minha casa. Eu tenho pago caro por isso, coisa de três libras e pouco cada processo. Mas vale a pena...

E continuava em seu avanço lento, mas implacável, andando nas pontas dos pés como um dançarino desajeitado.

Pensei em fugir, mas isso iria ferir por demais o meu orgulho, além do que já despertava em mim uma ira impulsionadora para o embate.

— Peço-lhe que fique longe de mim, pois senão...

— Senão o quê? — ameaçou ele, deixando à mostra grandes dentes caninos.

— Advirto-lhe que tenho quase cem quilos e sou jogador de *rugby* no time dos irlandeses de Londres. Se o senhor...

Nesse momento ele me atacou com tal virulência, que rompemos a porta — que estava apenas encostada — e rolamos pelo corredor. Assim fomos, trombando em cadeiras em direção ã porta da rua, que foi diligentemente aberta pelo criado Austin. Agarrados um ao corpo do outro, numa massa humana que incluía movimentos desajeitados de braços e punhos tentando atingir-se reciprocamente, rolamos os degraus e chegamos à rua. Levantando-se esbaforido e, colocando-se em posição de guarda, ele disse:

— Quer mais?

— Seu crápula! — berrei, colocando a mão sobre meu olho esquerdo, que doía intensamente.

Challenger ia atirar-se novamente contra mim, quando entre nós surgiu a figura enorme de um policial:

— O que é isso? Os senhores não têm vergonha? Eram as primeiras palavras sensatas que eu ouvia

desde que havia chegado àquela casa. O policial continuou, tirando do bolso um caderno e um lápis.

— Nos últimos tempos, rara é a semana em que coisas como essas não acontecem por aqui. — Depois, voltando-se para mim, perguntou: — Quer apresentar queixa da agres são? Devo prender este homem?

— Não — respondi prontamente. — Fui o culpado, em parte. Introduzi-me na casa deste homem indevidamente, com um falso pretexto.

O policial fechou o caderno e, como já quatro ou cinco pessoas haviam parado para observar-nos, disse severo:

— Todos andando. É proibido ajuntamentos na via pública.

E afastou-se.

Eu também me preparava para ir embora, quando ouvi Challenger dizer, com uma expressão de riso:

— Venha cá. Eu ainda não acabei com o senhor. Muito embora seu convite parecesse mais uma

ameaça, acompanhei-o, e o chofer Austin fechou mais uma vez a porta atrás de nós.

CAPÍTULO IV

A Coisa Mais Espantosa deste Mundo

Tão logo o professor entrou, a Sra. Challenger preci-pitou-se em direção a ele totalmente furiosa, como uma galinha cacarejando contra um buldogue. Ela não percebeu que eu havia retornado à casa.

— Seu bruto! Criatura impossível! Você feriu aquele pobre moço tão elegante...

Ele apontou-me com o polegar, mostrando a ela que eu estava logo atrás.

— Aqui o tem, são e salvo.

— Oh! — exclamou ela, corando. — Desculpe, eu não o tinha visto. Mas não importa, George, você é um bruto, deixou o rapaz com um olho roxo! Não há um dia em que não escandalize a vizinhança com um disparate destes. Você torna-se ridículo e odiado por todo o mundo.

— Bom, bom... Acabemos com isto.

— Não. Você é insuportável e eu hei de...

— Ah! É assim? — cortou ele. — Então vai ficar de castigo.

Curvou-se, segurou-a pela cintura e, levando-a com os braços estendidos como se fosse uma boneca, foi colocá-la sentada sobre uma coluna de mármore, que estava a um canto do salão — uma coluna com metro e meio de altura, c tão estrita que ela precisava manter-se em absoluta imobilidade para conservar o equilíbrio. Era a coisa mais absurda e mais curiosa vê-la assim, como se estivesse em exposição, com o rosto convulsionado pela cólera e o corpo imóvel para não cair.

— Desça-me daqui — gemia ela.

— Peça-me por favor.

— Bruto! Mal-educado! Desça-me daqui imediatamente.

— Entre no meu escritório, Sr. Malone.

— Oh, professor!... Mas deixar assim sua senhora...

— Vê? O Sr. Malone intercede por você. Peça por favor e eu lhe coloco no

chão.

— Bruto! Por favor, por favor — murmurou a Sra. Challenger, quase chorando de raiva.

Ele segurou-a com uma só mão, pousando-a no assoalho, como a um passarinho. Depois disse:

— Jessie, querida, você precisa se comportar melhor. Imagine se o Sr. Malone resolve publicar, no pasquim dele, uma matéria sobre a nossa vida doméstica. Os vizinhos iriam adorar e, certamente, esgotariam a edição. O Sr. Malone, e todos da raça dos jornalistas, é como um urubu, gosta de se alimentar de porcarias. Ah, talvez fosse melhor compará-los aos porcos, não é Sr. Malone?

— O senhor é realmente intolerável — respondi, agastado.

Ele emitiu uma gargalhada tonitruante. Em seguida, virando-se para a esposa e pondo as mãos gigantescas em seus ombros, disse em voz surpreendentemente doce:

—Você está certa, meu anjo. Caso eu seguisse os seus conselhos, eu seria um homem muito melhor, mas não se ria mais George Edward Challenger. Nesse mundo, há muitos homens bons, mas apenas um único G.E.C.. Assim, aproveite-o da melhor maneira possível.

Após dizer isso, deu-lhe um beijo tão barulhento que a deixou ainda mais embaraçada.

Eu e ele seguimos para o escritório de onde, pouco antes, havíamos saído tão desastrosamente. O professor fechou a porta com cuidado, fez-me sentar em uma poltrona confortável, pôs ao alcance de minha mão uma caixa de excelentes charutos e começou.

— Agora preste atenção e, pense o que pensar, guarde suas reflexões para mais tarde. Eu o trouxe novamente aqui, depois de o ter posto na rua com todo o direito — e ergueu a barba com um ar agressivo para ver se eu protestava —, por causa da resposta que deu ao policial. A lealdade com que reconheceu também ter culpa no cartório mostrou-me que possui alguns sentimentos de dignidade. Em geral os indivíduos da subespécie humana a que pertence julgam-se com todos os direitos, inclusive o de penetrar na casa alheia e aborrecer um homem livre, contra sua vontade. Se eu os ponho na rua consideram-se agredidos. O senhor, ao menos, é leal e por isso concordei em satisfazer sua curiosidade, com uma condição: o que eu contar é só para seu conhecimento pessoal e não pode

ser publicado.

Era duro, mas que fazer? Concordei. Ele voltou-se para uma estante ao lado, tirou dela um livro, que me pareceu um álbum de croquis e prosseguiu:

— Dê-me sua palavra? — assenti, novamente sem ter outra opção. — Muito bem. Vou lhe falar da América do Sul e desde já o previno que minha exposição será muito incompleta: conterá apenas algumas indicações. Decerto, já sabe que eu fiz ali uma viagem destinada a ficar clássica nos anais da ciência. Propunha-me apenas verificar umas tantas conclusões de Wallace e de Bates (Nota 6); mas aconteceu-me lá um incidente, que abriu novas perspectivas às minhas pesquisas. O senhor sabe — ou não sabe, porque os jornalistas são sempre de uma ignorância calamitosa — que algumas regiões do Baixo Amazonas são ainda completamente desconhecidas. Pois foi uma destas regiões que eu visitei, encontrando em sua fauna material para vários capítulos de uma obra monumental de zoologia, que será a consagração de minha carreira. Voltando dessa excursão, que já considerava tão feliz, passei uma noite em uma aldeia de índios, no ponto em que um afluente deságua no Amazonas.

— Os índios da tribo eucana são hospitaleiros, mas estúpidos. Contudo, menos ignorantes do que qualquer jorna lista de Londres. Durante a viagem, eu havia curado alguns dos índios com quinino, aspirina e óleo de rícino, e, por isso, ao chegar à aldeia, minha fama de médico era tal que o próprio cacique veio buscar-me para atender a um doente. Quando, porém, cheguei à taba, o pobre coitado tinha acabado de morrer e qual não foi o meu espanto ao ver que o falecido não era um índio, mas um homem branco, com o corpo ainda semi-envolvido em restos de roupa civilizada. Procurei informar-me. Os índios não o conheciam. Sabiam apenas que ele chegara ali uma semana an-tes, arrastando-se, já muito mal.

— A maltratada mochila do morto estava a seu lado e tive a curiosidade de examiná-la. Dentro, ele havia colado uma etiqueta com seu nome e endereço: Mapple White, Lake Avenue, Detroit, Michigan. Tome bem nota deste nome: Mapple White. Não exagero ao dizer que a importância deste homem estará na mesma dimensão que a minha, quando a posteridade nos fizer justiça. Um exame atento de suas bagagens levou-me a concluir que ele era poeta e pintor, pois encontrei trechos de poemas e muitos desenhos entre seus papéis. Tinha também algumas caixas de tinta e de giz colorido, um livro sobre mariposas e borboletas, além de um revólver imprestável. Mas foi no bolso interno de seu casaco que encontrei uma maravilha — este álbum —, contendo a revelação da mais

prodigiosa das viagens. As primeiras páginas mostram, como vê, desenhos banais: paisagens, tipos de índios... Mas de repente... Veja!

Olhei para a página que ele me apresentava, sem conseguir compreender o que via. Parecia um desses esboços com que os paisagistas preparam suas telas: ondas de vegetação no primeiro plano e, ao fundo, um paredão interminável de rocha vermelho-escura em gomos quase regulares. Por cima um céu tropical.

— Então? — perguntou o professor Challenger.

— Parece-me que há aqui um caso curioso de formação rochosa, mas não sou bastante forte em geologia para...

— Um caso curioso! — mugiu Challenger. — Pode dizer um caso único, quase incrível. Quem poderia imaginar semelhante portento? Mas isso não é nada. Veja a página seguinte.

Olhei. Era um desenho de página inteira, que parecia ter sido feito por alguém sob a influência de ópio, pois se tratava de uma visão delirante, a coisa mais espantosa do mundo! Estava ali aquarelado um animal fantástico, inverossímil: com cabeça de ave de rapina, corpo de lagarto e a espinha dorsal ornada com pontas como esporões de galo. Diante desse animal, um homem muito pequenino parecia contemplá-lo estupefato.

— Que diz a isso? — exclamou o professor, esfregando as mãos com evidente júbilo.

— Parece-me uma fantasia.

— Pois eu afirmo-lhe que esse animal existe.

Fitei-o com assombro mas, fiel a minha promessa, abstive-me de qualquer manifestação.

— E repare a figura do homem — continuou o professor, com a voz vibrante de entusiasmo. — Se fosse um índio, atestaria a existência de uma raça de pigmeus; mas note que é branco. Por que estará assim, tão pequeno?

— Talvez seja um anão — arrisquei.

O professor franziu as narinas como um búfalo em cólera.

— Admirável. O senhor toca os limites da paralisia cerebral e da inércia mental. Essas árvores, essas palmeiras... também são anãs?

De fato, havia no quadro árvores de várias espécies desenhadas em

proporção ao homem, mas parecendo minúsculas em relação ao animal.

— Como! — exclamei por minha vez. — Então pode haver um animal deste tamanho?

Challenger levantou-se, apanhou em outra estante um livro enorme e, abrindo-o, disse simplesmente:

— Há aqui, na obra indiscutível do mestre Ray Lankester, uma gravura que pode interessá-lo. Vou ler a legenda: *"Aspecto provável do* Stegosaurius dinosauriano jurassico."

— Somente a pata desse animal tem duas vezes o tamanho de um homem adulto. Que diz a isto?

Fiquei pasmado ao olhar para a página. Aquela reconstituição do monstro pré-histórico era extremamente semelhante ao desenho do artista.

— É curioso... — murmurei afinal.

— Não lhe parece também concludente? Bem, não falemos mais nisso, mas veja este osso.

Apresentava-me um osso com um palmo de comprimento e uma polegada de largura, conservando ainda nas extremidades restos de cartilagem.

— Que osso é este? — perguntou a voz reboante do professor.

— Dir-se-ia uma... uma clavícula humana.

O professor teve um gesto de desprezo.

— A clavícula humana é curva; este osso é reto e com um sulco no qual devia se alojar um tendão... Será que existe um jornalista que sabe algo de anatomia?

Tirou de uma gaveta um osso minúsculo, pouco maior do que um grão de milho e apresentou-me, continuando:

— Isto sim; isto é um osso humano e observe que é quase perfeitamente igual ao outro, com uma só diferença: o tamanho. Portanto, calcule o tamanho que devia ter esse animal... E note que não se trata de um osso fóssil e sim de um osso moderno; ainda há nele pedaços de cartilagem... Portanto, esse animal monstruoso existiu há pouco tempo na região ainda inexplorada do Brasil. É fácil compreender que, tendo encontrado tão estranhos indícios, eu não podia deixar as florestas amazônicas sem fazer um inquérito. Atirei-me a ele com

paixão e soube logo que entre todas as tribos de índios dos arredores havia uma tradição muito antiga, falando de um país extraordinário e terrível e do Curupira...

— Curu... o quê?

— Curupira. Os índios do Amazonas dão esse nome a um espírito dos bosques, maléfico e terrível, que vive lá para o sul... E mostravam a direção de onde viera o norte-americano.

— E o senhor atreveu-se a ir para esse lado?

— Como não? O mais difícil foi vencer o terror dos índios, que não queriam servir-me de guia. Tive que me arruinar em facas de mato e colares de contas para conseguir que dois deles me conduzissem pela floresta que, segundo as lendas, vai dar nos domínios Curupira. E cheguei afinal a avistar o panorama observado pelo norte-america-no; avistar e fotografar. Veja isto.

Mostrava-me uma prova fotográfica muito pálida, manchada, explicando:

— Está muito ruim, porque, deixando o rio, nosso bote virou e a caixa, que continha as películas ainda não reveladas, partiu-se, estragando quase todas. Foi uma perda irreparável, que me causou verdadeiro desespero. Essa é uma das poucas que restou, mesmo assim avariada. Por causa disso apareceram por aí uns idiotas dizendo que estas fotografias são falsificadas. Eu nem me digno a discutir semelhante infâmia.

De fato, a fotografia estava bem desbotada, de tal forma que era perfeitamente possível considerá-la uma falsificação. Mas, de modo geral, podia-se ver ali uma paisagem, onde, observando bem, distinguia-se ao fundo, acima das árvores, a linha de um imenso platô com encosta a pique, dando a impressão de uma imensa catarata.

— Sim... — murmurei. — De fato, o lugar parece ser o mesmo que Maple White desenhou.

— É o mesmo; posso afirmar-lhe que é o mesmo porque encontrei restos do acampamento do artista. Agora, veja isto.

Apresentava-me outra fotografia da mesma paisagem, vista de mais perto; e, embora a prova fosse também ruim, via-se nitidamente nela a agulha rochosa coroada por uma árvore.

— Oh! — exclamei. — Desta vez não há dúvida.

— Ora, ainda bem! — mugiu Challenger, recostando-se na cadeira com prazer evidente. — E repare bem. Sirva-se dessa lente e observe a árvore... Não vê nela alguma coisa?

— Sim, sim... Parece-me um pássaro... um pelicano... um grande pássaro, com bico enorme... Certamente, uma espécie de pelicano.

— Não é um pelicano — disse o professor. — Não é nem mesmo uma ave. É um animal pré-histórico, que eu consegui matar e apanhar, mas tive a desgraça de perdê-lo quando o meu bote virou no Amazonas... Ah! Não imagina o quanto lutei para salvá-lo; deixei-me arrastar pelas águas para não o largar; porém, quando finalmente a correnteza atirou-me sem sentidos numa margem do rio, eu tinha nas mãos apenas uns miseráveis restos do bicho, que lhe apresento aqui.

Colocou sobre a mesa um osso curvo com dois palmos de comprimento e do qual pendia uma membrana.

— Parece a asa de um morcego gigantesco.

— Sim, parece — disse o professor em tom complacente. — Pode parecer aos olhos de um ignorante. Mas a asa de um morcego é formada com dedos. Para ter ossos dessa força nas asas somente se fosse um pássaro, mas os pássaros não têm membranas. Portanto...

— Portanto... — repeti, sem saber o que dizer.

O professor Challenger abriu outra página do grande livro e mostrou-me uma gravura.

— Portanto essa asa só pode ser a de um pterodáctilo, ou *dimadorfon,* que viveu no período jurássico. E encontrei-o vivo, matei-o, apanhei-o...

Eu estava atónito e esmagado pela evidência. Tudo se encaixava perfeitamente: a narrativa, a gravura e aquela prova irrefutável.

— Oh! — exclamei, não podendo mais conter o meu entusiasmo. — Mas isso é uma maravilha. Como um novo Cristóvão Colombo, o senhor descobriu um mundo perdido...

O professor ronronava de satisfação, como um gato a quem se acaricia o dorso.

— E depois, o que fez? — continuei.

— Começava a estação das chuvas e minhas provisões estavam quase no fim. Durante um dia inteiro caminhei ao longo da gigantesca encosta com a

esperança de encontrar um ponto acessível. Mas não encontrei. A rocha em forma de pirâmide de onde abati o pterodáctilo me pareceu mais acessível. Como tenho prática de alpinismo, logrei chegar até a metade do caminho ao cume. Depois, somente as lascas rochosas me ofereciam asperezas capazes de permitir a escalada. Subi, finalmente, e lá de cima consegui lançar um olhar sobre o misterioso planalto. Pareceu-me muito extenso, com imensas áreas de floresta. Embaixo, a muralha natural é cercada por pântanos, onde as serpentes, os mosquitos e as febres formam uma barreira tão temível, que explica o isolamento em que se manteve o platô.

— E o pterodáctilo foi a única forma viva que o senhor conseguiu encontrar?

— A única, embora estivéssemos há uma semana acampados junto à barreira e ouvíssemos barulhos muito estranhos vindos do alto do platô.

— E o animal desenhado por Mapple White?

— Suponho que ele só o poderia ter encontrado no planalto; portanto, arranjou um meio de ir até lá. Mas se há um caminho, deve ser de dificílimo acesso, pois do contrário esses monstros tomariam conta da região em volta.

— Mas como explicar que esses animais tenham continuado a viver e reproduzir-se somente naquele lugar, desde a época jurássica?

— Eu só vejo uma explicação, e muito simples. A América do Sul é um continente granítico. Provavelmente, aquele lugar surgiu de ura movimento sísmico, com uma convulsão vulcânica, em uma época muito remota, isolan-do-o com tudo o quanto continha. Como o terreno é basáltico, o platô ficou separado do resto do continente, protegido por precipícios perpendiculares. Com o isolamento completo, as condições de vida mantiveram-se iguais e constantes, e as leis normais da natureza foram suspensas. Por isso, apenas ali sobreviveram aquelas espécies, que no resto do mundo se modificaram ou, simplesmente, foram extintas.

— Mas — acrescentei abismado —, como se explica que o senhor, tendo feito um tão sensacional descobrimento, não o comunique à humanidade?

O professor esboçou um sorriso amargo e, depois, bufou como um touro que está para avançar na arena. Deu um murro na mesa, e declarou:

— Tive a ingenuidade de tentar fazê-lo, mas logo nas primeiras palavras esbarrei com as piores pragas existentes na face da Terra: a incredulidade, a estupidez e a inveja. Ora, eu não gosto de ser obrigado a jurar acerca daquilo que

declaro e não admito que se ponha em dúvida a minha palavra. Por isso, resolvi conservar somente para mim este segredo. Hoje, não sei por quê... talvez a sua teimosia, e indícios de uma lealdade rara, fizeram-me consentir em desvendar-lhe o mistério. E vou fazer mais. Tome isto.

Entregou-me um cartão de convite do Instituto Zoológico.

— Como vê, o Dr. Percival Waldron, o famoso naturalista, fará hoje, às oito horas, uma conferência sobre o tema "Épocas terrestres". Pediram-me para figurar na mesa e apresentar uma moção de agradecimento ao conferencista. Aproveitarei a oportunidade para fazer algumas alusões a meu descobrimento, mas tomarei o cuidado de apresentar, discretamente, sem agressividade, algumas informações que talvez despertem entre os mais argutos o desejo de conhecerem melhor o caso.

— Posso ir a essa conferência?

— Claro — respondeu com cordialidade.

Ele mostrava agora uma jovialidade, uma alegria comunicativa muito distante da ferocidade e desconfiança que, antes, pareciam os traços irremovíveis de seu temperamento.

— Esteja lá, pois será para mim agradável saber que na platéia encontra-se um aliado, ainda que ignorante no assunto. Creio que haverá muita gente, pois Waldron é bastante popular, embora não passe de um grande impostor. Mas o senhor não deve se esquecer de uma coisa: nada do que foi tratado aqui pode ser utilizado publicamente sem a minha autorização.

— Mas o Sr. McArdle, meu editor-chefe, vai querer saber a respeito de nossa conversa.

— Invente o que quiser e não se esqueça de lhe dizer que se enviar algum colega seu, este será recebido a chicote... Lembre-se que tem a esse respeito um compromisso formal comigo.

Despediu-se num gesto decidido. Saí e, já na rua, ainda conservava nos olhos a visão daquelas bochechas vermelhas, barbas revoltosas e um olhar tolerante.

CAPÍTULO V

É o que Precisa Ser Provado

Em razão do enfrentamento físico, resultado de meu primeiro encontro com o professor Challenger, e do enfrentamento intelectual, decorrente do segundo, cheguei à re-dação do jornal um tanto abatido. Em minha cabeça latejante persistia o pensamento de que a descoberta daquele homem era de fundamental importância e poderia possibilitar-me uma reportagem marcante — caso, é claro, ele me permitisse publicá-la.

O Sr. McArdle estava em sua sala e recebeu-me com muita expectativa:

— Então, o que conseguiu? Parece estar voltando de uma guerra... Não vai me dizer que ele bateu em você?

— A princípio, tivemos uma pequena discussão...

— Pela sua aparência, não foi tão pequena assim... E depois, o que aconteceu?

— Depois, ele se tornou bem mais razoável. Contudo, nada do que eu consegui pode ser publicado.

— Não estou tão certo disso. Agredir um jornalista e deixá-lo com um olho roxo, isto é notícia! Vamos acabar com esse violento charlatão. Publicaremos uma matéria, na edição de amanhã, revelando a impostura desse sujeito e...

— Senhor, creio que não devemos fazer isso.

— E por que não? — reagiu o editor-chefe, visivelmente irritado.

— Porque acho que ele não é um impostor.

— O quê — ele estava ainda mais furioso. — Não me diga que você acreditou nas fantasias dele sobre seres monstruosos e outras lorotas?

— Bem, ainda não estou certo, mas creio que ele descobriu algo novo.

— Oras, então escreva a reportagem!

— Não posso. Ele me fez prometer que apenas publicaria algo após a

autorização dele.

Resumidamente, contei o teor da conversa que mantivera com o cientista, incluindo o convite para a conferência. Pelo jeito com que me olhava, McArdle estava bastante incrédulo.

— Está bem — disse depois de alguns segundos de reflexão. — Mas nada impede que publiquemos algo do possível pronunciamento de Challenger na reunião científica
de hoje à noite. Poderemos ter um furo de reportagem, pois creio que nenhum outro jornal fará a cobertura desse evento. Vá até lá e me traga uma matéria. E não se esqueça: fecharemos a edição até a meia-noite.

Tive um dia agitado e, mais tarde, encontrei-me com Turp Henry no Savage Club. Relatei-lhe o meu encontro com Challenger e Henry desatou a rir:

— Como você é ingênuo! Challenger é um mentiroso profissional ou simplesmente um contador de histórias. Ninguém faz uma grande descoberta e depois perde as provas...

— Mas quanto ao poeta, o que me diz?

— Invencionice, ele nunca existiu.

— Eu vi o desenhos...

— São de Challenger.

— E quanto às fotografias?

— Você próprio afirma ter visto apenas uma ave.

— Não, um pterodáctilo.

— Você apenas se deixou levar pelo que *ele* disse haver na foto.

— Mas os ossos são irrefutáveis!

— Balela. É possível falsificar tanto fotos quanto ossos.

Fiquei preocupado. Teria eu me precipitado em acreditar no homem? Tentei uma forma de fazer com que Henry partilhasse minhas inquietações:

— Escuta, não quer ir comigo à conferência?

Ele não pareceu muito animado com a proposta.

— Não sei... Este sujeito atrai muitos desafetos; ele é talvez um dos mais odiados de Londres. Caso os estudantes de medicina apareçam por lá, pode

haver pancadaria. E eu não quero ser vítima de uma coisa dessas...

— Mas seria uma oportunidade para você ouvir Challenger defender as teses dele.

— Está bem, está bem. Eu o acompanho — ele finalmente assentiu.

O auditório estava tomado e foi com grande esforço que consegui chegar à primeira fileira de poltronas. Para a minha surpresa, o público presente era muito heterogêneo, envolvendo tanto cientistas, estudantes de medicina, quanto populares. Havia no ar um certo clima de balbúrdia juvenil, com músicas populares cantadas em coro, além de gozações que não poupavam os nomes dos célebres integrantes da mesa de conferências.

O primeiro a tomar assento foi o idoso Dr. Meldrun, portando sua indefectível cartola. Logo eclodiram gritos bem-humorados como "Onde arranjou esse chapéu ridículo?", fazendo com que o pobre doutor rapidamente retirasse a cartola e a escondesse atrás da mesa. A próxima vítima das travessuras da platéia foi o professor Wadley, cuja artrite o fazia mancar fortemente. Ao dirigir-se ao palco, foi saudado de maneira embaraçosa, com indagações relacionadas ao estado do seu dedão do pé. Nenhum outro, contudo, recebeu tão efusiva recepção quanto o professor Challenger: uma explosão de manifestações, entre simpáticas e cômicas, acompanharam-no até a mesa, fazendo-me crer que grande parte do público teria vindo porque sabia de sua participação na conferência.

O barulho persistia mesmo quando todos já haviam se acomodado à mesa. Curiosamente, Challenger parecia não se afetar pelo clima reinante: passando a mão pela espessa barba e, com os olhos semicerrados, sorria calmamente, num misto de tolerância e desprezo ao que ocorria. A algazarra diminuiu um pouco quando o professor Ronald Murray anunciou o início dos trabalhos.

Em sua fala de abertura — que antecederia a conferência do Dr. Waldron —, o professor Murray pronunciou algumas palavras profundas, tão profundas que ninguém conseguiu ouvir. Como grande parte dos ingleses, o homem falava de maneira inaudível. É inacreditável como pessoas que têm algo a dizer não aprendem a fazê-lo adequadamente. Trata-se de um mistério! Por tudo isso, a semi-muda fala preliminar do professor foi ouvida com grande nitidez apenas por sua própria gravata, pela jarra de água e pelo candelabro de prata que descansavam solenemente sobre a mesa.

Chegou finalmente a vez de nosso conferencista, o Dr. Waldron. Ele era um

homem de aspecto severo, magro, com voz rouca e maneiras agressivas, mas tinha o dom da assimilação e a capacidade de transmitir ao público, de modo inteligível e até interessante, as idéias formuladas por outros. Juntava a tudo isso uma habilidade histriônica, que o fazia um orador bastante apreciado.

Em linguagem clara, e por vezes pitoresca, expôs ao auditório a hipótese da ciência para a criação do mundo: primeiramente, formou-se uma massa de gases incandescentes que percorria o cosmo numa enorme velocidade; depois, o resfriamento, a solidificação e o enrugamento da crosta terrestre, fazendo surgir montanhas e abismos; mais adiante, o vapor se transformando em água, passo inicial para se dar o surgimento da vida. Quanto a isso, o orador mostrou-se bastante reticente. Qual a origem da vida? Teria ocorrido a partir dos elementos inorgânicos resultantes do pós-resfriamento? Sim, provavelmente. Formas primitivas de vida teriam chegado do cosmos, através da queda de um meteoro? Improvável. "Nesse terreno" — afirmou ele — "até agora só temos indagações e ainda não foi possível, com os recursos atuais, criar em laboratório a vida orgânica a partir de elementos inorgânicos (Nota 7)."

Saltando o grande mistério, nosso conferencista chegou à grande escala da vida animal, desde os primitivos moluscos e outros ínfimos organismos do mar, passando por peixes e répteis até chegar ao canguru-rato, o mais efetivo antepassado dos mamíferos, pois seus filhotes não nasciam de chocagem. Afirmou, portanto, que também descendíamos do canguru-rato, *no* que foi interrompido por um estudante de medicina: "Eu não, eu não!"

Dirigindo-se ao jovem da platéia, Waldron afirmou que estava ansioso para ouvir sua história no final da conferência, considerando que ele afirmava ter nascido de um ovo, coisa bastante incomum entre seres humanos. Um turbilhão de risadas explodiu na platéia, e o estudante teve de ouvir também as chacotas dos colegas que estavam próximos dele.

Satisfeito por ter se conduzido habilmente com o estudante, Waldron retomou suas observações sobre o passado da Terra, da vida rudimentar que no processo de evolução foi tomando formas cada vez mais elaboradas, chegando aos seres que povoavam o planeta na fase pré-histórica:

— Na época — disse ele — viviam todos aqueles sauros que hoje são apenas encontrados em estado fóssil, pois foram extintos antes do aparecimento do homem...

Uma voz trovejante o interrompeu:

— É o que precisa ser provado.

Um burburinho tomou conta da platéia, logo acrescido de risinhos irónicos e assobios. Indignado, Waldron buscou a direção onde presumia ter vindo a interrupção. Vendo Challenger recostado em sua cadeira, com os olhos semicerrados e a face radiante como Se estivesse sonhando, o conferencista balançou os ombros e disse:

— Ah! Foi apenas um gracejo de meu eminente amigo, o professor Challenger.

E como se apenas o fato de pronunciar o nome de Challenger o dispensasse de fazer qualquer outro comentário, Waldron buscou seguir o fio da meada de seu discurso. Contudo, o incidente não poderia terminar aí, pois, não importando qual rumo ele fosse dar à conferência, fatalmente teria que retomar o tema abordado no momento da interrupção. Desse modo, quando voltou a se referir à questão dos *animais extintos, a voz de Challenger novamente mugiu:*

— É o que precisa ser provado.

Foram tantas as interrupções que os próprios estudantes, que compunham a maioria da platéia, tinham resolvido criar um coro. Antes mesmo que Challenger emitisse qualquer som, do auditório cinquenta ou sessenta vozes bradavam:

— É o que precisa ser provado,

A algazarra estava instaurada. Em vão, o professor Murray tentava colocar ordem na casa, mas as suas advertências de "Silêncio!" e "Ordem!" conseguiam ser ouvidas apenas pelos copos de água depositados em cima da mesa. Por seu lado, Waldron, embora um conferencista com grande experiência, parecia estar totalmente abalado pelos acontecimentos. Sua voz esganiçava, gaguejava, seus argumentos perdiam-se em frases mal-articuladas e sem sentido. Finalmente, conseguiu gritar:

— Isto é uma total vergonha! — e voltando-se para a direção de Challenger. — Peço-lhe encarecidamente que cesse com essas provocações e falta de respeito!

— Tudo bem, desde que o senhor pare de fazer afirmativas sem respaldo no conhecimento científico — respondeu Challenger.

Uma tempestade de gritos, assobios e grunhidos exigia que Challenger tomasse a palavra. A esta altura, Waldron já havia se sentado e, após outro som inaudível do presidente da mesa, Challenger avançou até a beira do palco.

Como tinha que escrever a matéria para o jornal, eu procurei ficar totalmente atento às suas palavras:

— Senhoras e senhores — começou, tendo por acompanhamento alguns ruídos estridentes vindos do fundo da platéia —, fui encarregado pela douta comissão de lhes apresentar um voto de agradecimento pela conferência pitoresca e fantasista que acabamos de ouvir. Como notaram, eu assinalei em seu discurso alguns pontos que considero menos verdadeiros, mas isso não quer dizer que o Dr. Waldron não tenha feito jus ao programa, que era o de apresentar a história do planeta da forma que ele a concebe. Entendo que muitas vezes é muito mais fácil simplificar as coisas, como fez o Dr. Waldron — nesse momento, ele deu uma piscadela e um sorriso para o conferencista, que lhe devolveu um olhar indignado — sobretudo quando se está falando para uma platéia leiga e, por que não dizer, ignorante — uivos e aplausos se misturaram. — As palestras populares servem para divertir — gesto irado de Waldron — mas não contribuem em nada para o verdadeiro conhecimento. E o pior, utilizam deploravelmente o resultado do trabalho árduo realizado por verdadeiros e anônimos cientistas. Mas basta desse assunto! A questão fundamental é: por que eu realizei apartes na fala do conferencista? Quem lhes fala aqui não é um amador, um conferencista popularesco, mas um pesquisador cuja experiência científica o obriga a contrapor a afirmação de que os ditos animais pré-históricos foram extintos. Portanto, afirmo categoricamente que os animais formidáveis da época jurássica não desapareceram da face da Terra — da platéia, vinham gritos de "mentiroso!", "louco!", "prove, se puder!". — Falo assim porque os vi com os meus próprios olhos, eu visitei o lugar secreto onde eles habitam — novos uivos, e uma voz insistente gritando: mentiroso!. — Mentiroso? Quem me chamou de mentiroso?

Um grupo de estudantes apontou unanimemente para um homem baixinho, de ar inofensivo e portando um pincenê, que se encontrava numa das fileiras do meio da platéia: "Foi *ele! Foi ele!"*

— O senhor se atreveu a me chamar de mentiroso!? — bufou Challenger, olhando para o sujeitinho.

— Pelo amor de Deus, eu não disse nada! — gritou ele desesperado, fugindo em seguida para o fundo do auditório.

— Caso alguém duvide de minhas palavras, terei o prazer de explicitá-las melhor depois da conferência. Mas deixemos de disparates. Tenho plena

consciência de que todos os grandes descobrimentos tiveram que se defrontar com uma ignominiosa incredulidade. Todos sempre perseguiram aqueles que abriram novas fronteiras para a ciência, homens como Galileu, Darwin e... *("Mentiroso!").* Quem ousou dizer isso? — os estudantes ergueram novamente o homenzinho que, em vão, tentava se libertar.

Challenger, com o rosto em brasa, a barba eriçada e as narinas dilatadas, confinou:

— Repito, trata-se de fatos, a verdade é a verdade, não há risadas que possam impedi-la. Dizem que estou mentindo... Pois bem, vou lhes colocar em prova: quem estaria disposto a ir aonde eu fui e verificar pessoalmente se eu disse a verdade ou não?

Um momento de estupefação tomou conta da sala, mas passados alguns instantes ergueu-se um homem alto, magro, com o ar encanecido de um teólogo. Era o Sr. Summerlee, velho professor de anatomia comparada que desejava saber se os resultados a que aludia haviam sido colhidos na expedição que ele empreendera ao Amazonas.

Challenger respondeu que sim.

Em seguida, Summerlee quis saber como outros exploradores da região do Amazonas, como Wallace e Bates, não haviam anteriormente feito nenhuma descoberta como essa.

Com ironia, Challenger asseverou que o Sr. Summerlee parecia confundir o rio Amazonas com o Tâmisa:

— Para a sua informação — continuou Challenger —, junto com o Orenoco, o Amazonas passa por regiões diversas e imensas, cobrindo uma extensão de mais de oitenta mil quilómetros.

Summerlee afirmou que sabia perfeitamente a diferença entre o Amazonas e o Tâmisa e indagou, então, o lugar exato em que ele havia feito a descoberta.

— Não! — atalhou Challenger, com seu ímpeto habitual. — Só darei informações minuciosas sob garantias especiais e somente para uma comissão escolhida nesse auditório. Afinal, o senhor quer fazer parte dessa comissão para verificar a veracidade de minhas afirmações?

— Quero — respondeu simplesmente o Sr. Summerlee.

O público manteve-se mudo por um momento, mas, logo, rompeu em

aclamações.

O destino revela-se num instante. Quando entrara naquele auditório, eu jamais poderia imaginar que estava dando o primeiro passo para uma aventura sem igual... Pois ali, de súbito, vislumbrei a ocasião magnífica para a oportunidade de heroísmo que eu tanto almejava. Ergui-me com ar decidido e Henry, que estava sentado a meu lado, tentou puxar-me pelo braço: — Sente-se. Não seja ridículo, não vá se enfiar numa enrascada! — Eu, porém, mantinha-me de pé, calado, pois outro membro da platéia também se erguera a pequena distância de onde eu me encontrava. Era um homem ruivo, alto, magro, mas certamente forte, que me fitava com evidente admiração.

Notando que ele não se decidia a falar, resolvi, então, manifestar-me:

— Estou pronto para partir com o Sr. Summerlee.

— Quem é? Quem é? — indagava o público. — Diga seu nome.

— Chamo-me Edward Malone e sou repórter do *Daily Gazette.* Se querem uma testemunha sem idéias preconcebidas, parece que estou nas condições.

— E o senhor? — perguntou o presidente da mesa.

— Eu sou lorde John Roxton. Gostaria de participar dessa aventura, pois conheço bem o Amazonas, em razão de ter participado de expedições anteriores.

— A reputação do lorde Roxton, como grande desportista e viajante, é amplamente reconhecida — atalhou o presidente da mesa. — Creio, portanto, que o grupo formado por ele, por um integrante da imprensa e um cientista é bastante oportuno e representativo. Proponho que a assembléia confirme seus nomes.

Assim foi lançada a minha sorte. Saí do edifício em meio a risos e aclamações, e quando me preparava para tomar o caminho da redação, senti um toque no meu ombro. Voltei-me e encontrei o homem ruivo, de olhos resolutos, que havia se proposto ser meu companheiro na aventurosa expedição.

— Sr. Malone... Permita-me que eu lhe acompanhe. Moro exatamente para os lados do *Daily Gazette,* no Albany. Se puder dispor de meia hora, há duas ou três coisas que eu gostaria de discutir com o senhor.

CAPÍTULO VI

Eu Fui o Flagelo do Senhor

Lorde John Roxton e eu seguimos pela Vigo Street, tradicional ponto residencial da aristocracia, e logo chegamos ao edifício em que vivia. Após percorrermos um corredor amarronzado, ele abriu a porta e, ao acionar o interruptor elétrico, diversas lâmpadas banharam o ambiente com uma luminosidade acentuadamente avermelhada.

Numa vista geral, enquanto entrava, já pude perceber que a residência era de extremo conforto. Decerto que, permeando o luxo, uma atmosfera de descuidada virilidade denunciava que ali vivia um solteirão. Espalhadas pelo chão, displicentemente, peles suntuosas e tapetes com estampas orientais e, nas paredes, quadros que mesmo aos olhos de um leigo mostrariam ser de grande valor.

A miscelânea decorativa incluía esboços retratando pugilistas, bailarinas e cavalos de corrida, tudo isso rivalizando com um lânguido Fragonard, um marcial Girardet, e os devaneios de um Turnet (Nota 8).

Completando os ornamentos, achavam-se ainda, aqui e ali, diversos troféus, que me fizeram lembrar o fato de que lorde John Roxton havia sido um dos grandes desportistas da época recente. Um remo azul-marinho, entrecruzado com outro de tom vermelho, encontrava-se acima da lareira, rememorando o ex-universitário, enquanto uma espada de esgrima e luvas de boxe, respectivamente acima e abaixo dos remos, simbolizavam as glórias daquele homem em todos esses esportes.

Uma mesa Luís XV, preta e dourada, sob um esplêndido tapete vermelho, chamava a atenção pela beleza, embora estivesse violentada por marcas de copos e chamuscas de pontas de charutos. Em cima da mesa havia uma bandeja de prata com charutos e cigarros, além de um metálico aparador de garrafas do qual meu anfitrião solenemente utilizou para nos preparar dois drinques. Oferecendo-me um havana, que eu acendi, ele indicou-me uma poltrona, indo sentar-se em outra bem em frente.

Encarou-me fixamente, com olhos de um azul-cla-ro gélido, levemente arrogantes, tudo acentuado pelas sobrancelhas bastas, que conferiam ao olhar um certo aspecto feroz. De minha parte, entre uma baforada e outra, também o observava, tendo por cortina tênua a fumaça espessa do charuto. Seu rosto já me era razoavelmente familiar, pois me lembrei de fotografias de seus tempos de glórias esportivas: nariz acentuadamente adunco, ralos cabelos ruivos, bigode eriçado e cheio, e uma penca de pelos no grande queixo, exibindo um irregular cavanhaque. Se havia naquele rosto traços da obstinência de um Dom Quixote ou de um Napoleão III, o aspecto geral deixava claro que ali estava um típico aristocrata rural inglês, daqueles que amam os espaços abertos, a caça e a cavalaria. Tratava-se de um homem de aproximadamente um metro e oitenta, magro, mas de uma magreza robusta, e ele já havia mostrado sua força em toda a sua trajetória como desportista e expedicionário, provando que poucos, na Inglaterra, se equipariariam a ele em vigor e coragem. Era este, portanto, o famoso lorde John Roxton que, sentado diante de mim, mantinha-se calado e observando-me.

— Então, meu caro jovem — disse ele, afinal, pronunciando a expressão *"meu-caro-jovem"* de maneira engraçada, como se fosse uma única palavra — saltamos no mesmo barco.

— É mesmo — respondi.

— Sou capaz de apostar que ao entrar ali não tinha a menor intenção a esse respeito.

— Nenhuma.

— Como eu. Imagine que cheguei de Uganda há três semanas, disposto a descansar durante uns três ou quatro meses. Aluguei, para isso, uma propriedade na Escócia: assinei o contrato anteontem e, agora, eis-me de viagem para o alto Amazonas. E quanto a você?

— Eu, bem... isso de partir, subitamente, para aqui ou ali, faz parte da profissão.

— Muito bem. Eu gostaria de conversar um pouco sobre a nossa expedição. Mas antes disso preciso lhe pedir que me auxilie num pequeno serviço.

— Estou às suas ordens — observei prontamente.

— Mas trata-se de uma coisa um pouco arriscada... Você conhece Ballinger? — respondi que não, com a cabeça. — Estou certo de que você já ouviu falar

dele... *Sir* John Ballinger é um fidalgo e um dos melhores jóqueis do país. Consegui enfrentá-lo em corridas convencionais, mas naquelas com obstáculos ele é invencível... Infelizmente, ele também bebe como uma esponja e o alcoolismo levou-o a uma loucura furiosa. Nesse momento, ele está trancado em seu aposento no segundo andar, vivendo um momento alarmante. Meteu-se no quarto com um revólver — quando sóbrio, ele tem uma pontaria infalível — e não admite que ninguém entre ali. O coitado não come direito há seis dias, fica apenas bebendo, e os médicos não respondem por sua vida se ele não ingerir algum alimento esta noite. Você não acha que seria humano deixá-lo morrer assim, não é mesmo?

— Mas o que pretende fazer?

— Não vejo outra saída senão forçar a entrada de seu quarto e atacá-lo de surpresa. Embora seja um bom atirador, ele provavelmente está cochilando, e se realizarmos a operação juntos, e rapidamente, creio que conseguiremos desarmá-lo sem ninguém ser ferido. Se o fizermos, os médicos poderão realizar uma lavagem estomacal e, depois, daremos ao homem a melhor refeição de sua vida.

Fiquei atônito com a proposta. Não me creio suficientemente corajoso, principalmente porque minha imaginação irlandesa faz-me, quase sempre, ver as coisas piores do que de fato são. Pareceu-me, ainda mais, um disparate a idéia de afrontar um louco alcoolizado e armado. Contudo, sempre tive profunda repugnância pela covardia, e apesar de ter cada nervo contraído tão somente em pensar na figura aloprada pelo uísque, fingi indiferença e repliquei:

— Já que temos de ir, vamos logo!

Levantei-me da poltrona e ele fez o mesmo. Depois, soltando uma risadinha irônica, bateu-me levemente no peito duas ou três vezes e, empurrando-me de volta à poltrona, disse:

— Muito bem, meu caro jovem. Já vejo que terei um bom companheiro de viagem.

Olhei-o com surpresa.

— Sim — continuou ele. — Eu não inventei o caso de John Ballinger: apenas lhe ocultei que já havia conseguido dominá-lo esta manhã. No estado de fraqueza em que estava, não foi tarefa difícil... O tiro com que me recebeu fez apenas um furo na manga de meu pijama e, depois de desarmá-lo, conseguimos colocá-lo numa camisa de força. Ele ficará bom em uma semana. Espero que não

leve a mal tê-lo submetido a este teste... Muito particularmente, considero essa expedição para a América do Sul uma coisa muito séria, e gostaria de ter absoluta certeza de poder confiar no companheiro. Pude, desse modo, comprovar que você tem as qualidades de bravura e resolução necessárias em situações arriscadas. Estou bastante satisfeito. Já deve ter calculado que as empreitadas mais perigosas dessa viagem ficarão por nossa conta, pois o velho Summerlee não é homem para essas coisas.

Depois de uma pausa, ele continuou:

— A propósito, lembrei-me há pouco de já ter visto seu rosto antes da reunião desta noite. Você joga na selecão irlandesa de *rugby,* não?

— Na reserva.

— Sim, eu estava presente quando você entrou no Jogo contra Richmond. Você jogou muito bem... Mas não o convidei para vir aqui apenas para falarmos sobre esporte. Vamos à nossa viagem: veja aqui, no *Times,* a lista dos navios que estão para partir. Há um da linha Booth, de partida para o Pará na quarta-feira da próxima semana. Converse com o professor: creio que poderíamos embarcar neste. E quanto a seu equipamento?

— O jornal vai cuidar disso.

— Sabe atirar?

— Minha única experiência foi quando servi ao Exército.

— Os jovens de hoje, meu Deus! Vocês são como abelhas sem ferrões. Pois bem, vou conseguir uma boa arma para você e aproveitarei o tempo que resta para a viagem para lhe dar algumas instruções.

Foi a um armário, que mais parecia um arsenal, e tirou de lá uma carabina curta e robusta.

— Esta é uma Bland Express 577, uma arma segura. Usei-a para abater este grandalhão — falou, indicando a cabeça de um rinoceronte branco. — Mais alguns metros e ele teria acabado comigo.

— Em seguida, lorde Roxton declamou um verso:

"Para o mais frágil uma vantagem justa: Ter a certeza da mira E uma bala ágil."

— Este é um trecho de um poema de Gordon, conhece-o? Ele é o poeta do

cavalo e da arma e, sobretudo, do homem que domina a ambos. Mas veja esta aqui, uma beleza: calibre 470, mira telescópica, dupla ejeção, trajetória reta de 350 jardas. Há três anos usei esta arma no Peru, contra traficantes de escravos. Eu fui o flagelo do Senhor naquela região. Foi uma guerra particular, meu caro jovem, porque há momentos em que se tem que pegar em armas para defender a justiça e os direitos humanos. Veja todas essas marcas... cada uma delas representa o extermínio de um mísero traficante e assassino de escravos. Esta maior é a de Pedro Lopes, o maioral de todos, que eu matei num ponto perdido do rio Potomayo. Bem, mas deixemos disso... creio que esta arma aqui é a indicada para você.

Entregou-me a arma e fechou o armário. Depois, sen-tou-se novamente na poltrona e perguntou:

— E o professor Challenger? O que sabe a respeito dele?

— Meu primeiro contato com ele foi hoje, pela manhã. O segundo, na reunião científica terminada há pouco.

— Pois é. Vamos partir para uma aventura levando ordens lacradas de um homem que nem ao menos conhecemos direito. Ao que parece, nem mesmo seus colegas cientistas o levam a sério. Por que, então, você teve interesse no caso?

Contei-lhe, sumariamente, minha conversa com o professor Challenger. Ele escutava atentamente, enquanto desenhava um mapa relacionado à minha narração.

— Creio que tudo o que ele disse é verdade — afirmou com uma fisionomia séria. — Tenho boa base para falar isso. A América do Sul é um continente que amo e conheço muito bem — do extremo de Darien à Terra do Fogo. Trata-se do território mais grandioso e belo deste planeta e viajando por lá — inclusive perto da região que visitaremos — pude ouvir diversos rumores sobre um maravilhoso mundo perdido. Há tantos e tantos lugares inexplorados, sobre tudo na Floresta Amazônica, que ficamos convencidos de que, realmente, lá tudo é possível! Toda a extensão que engloba parte do Amazonas e do Mato Grosso é quase completamente desconhecida, e seus extremos são tão distantes quanto Constantinopla está da Escócia. Vamos à aventura, então, meu caro jovem! Que os espaços abertos e as terras misteriosas nos permitam a alegria da descoberta e que o perigo e a temeridade nos façam merecer melhor a existência!

Ele deu, então, uma risada de prazer, saudando as perspectivas que nossa aventura apontava.

Decerto, os leitores compreenderão porque me detive tanto na descrição de meu encontro com lorde Roxton. Afinal, ele seria meu companheiro de viagem durante muito tempo, razão pela qual quis registrar detalhadamente a primeira impressão que tive de tão singular personalidade. De lato, foi penoso privar de sua companhia naquela noite, mas tinha de voltar ao jornal para dar conta do que havia se passado na conferência.

Chegando à redação, sentei-me com o Sr. McArdle e relatei-lhe toda a situação. Embora ressaltando que deveria ter o endosso do Sr. Beaumont, o diretor geral, ele considerou que o jornal deveria assumir a minha viagem. Desse modo, com quase tudo acertado, combinei que enviaria os meus relatos sob a forma de cartas, de modo que o jornal leria as informações suficientes para reelaborar o texto e publicar as reportagens ou guardá-las para edições posteriores, dependendo, nesse caso, do humor do professor Challenger, posto que não conhecíamos, ainda, as precondições que ele havia ficado de nos entregar antes de nossa partida.

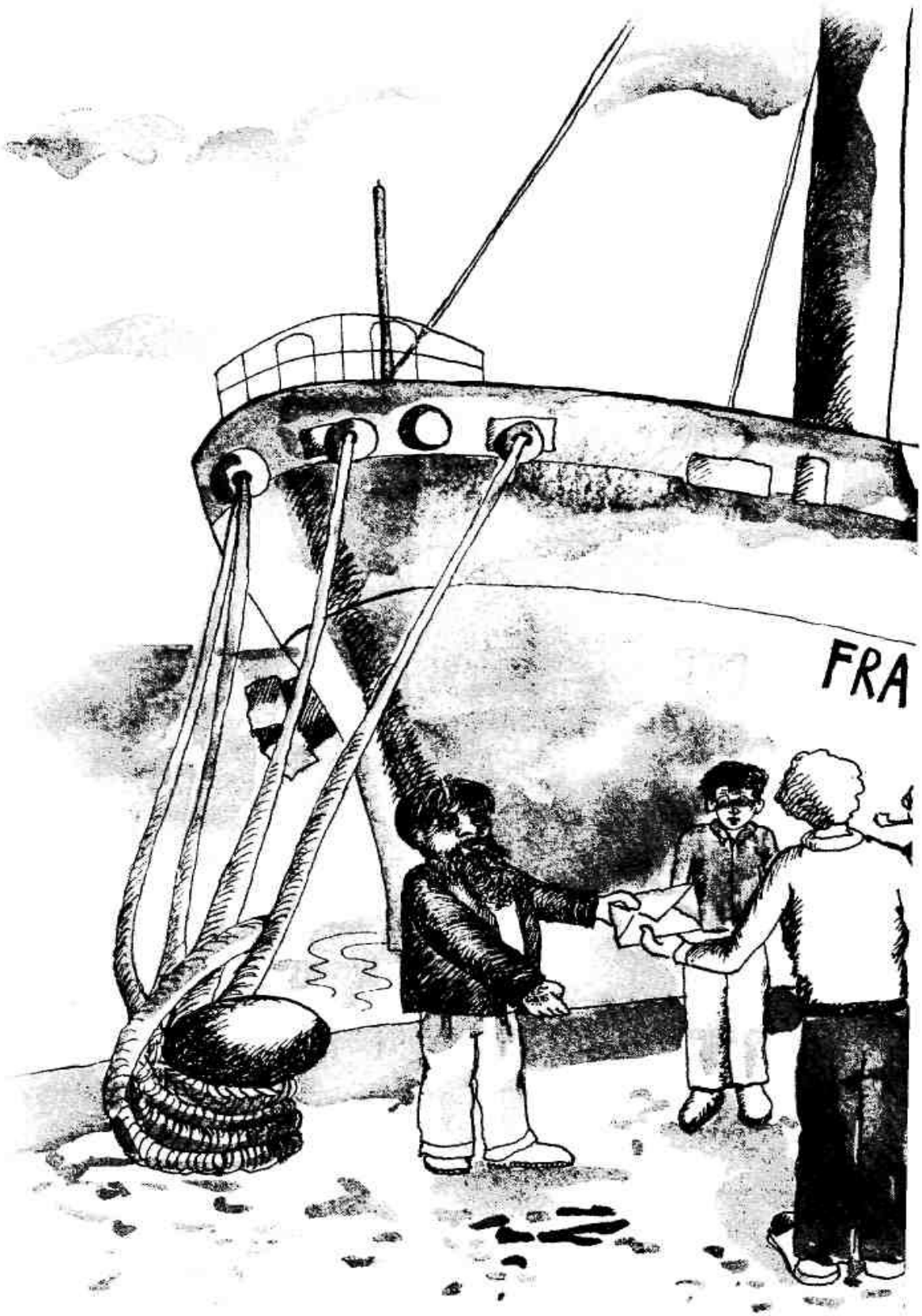
Em meus próximos relatos, dirigirei-me diretamente a vocês, meus pacientes leitores, se é que minhas próximas comunicações escritas vão poder, de fato, chegar ao jornal. Deixo esta última comunicação nas mãos do Sr. McArdle, narrando o início daquela que pode se constituir numa das mais notáveis expedições de todos os tempos. Escrevo essas linhas prestes a embarcar no navio *Francisca,* numa manhã brumosa em que cai uma garoa fria. Avisto, então, as figuras de meus dois companheiros caminhando pelo cais cm direção à prancha de embarque; à frente deles, um carregador tem dificuldades para trazer uma grande quantidade de malas, diversos pacotes e estojos de armas. A figura alta e soturna do professor Summerlee aponta primeiro, caminhando de maneira quase claudicante, como se estivesse compadecendo de si próprio. O inverso dessa postura vem logo atrás: lorde John Roxton parece saltitar com seu corpo magro, exibindo o entusiasmo e o sorriso de um adolescente. Kncontramo-nos e conversamos um pouco, observando a ausência do professor Challenger, que deveria trazer as instruções. Logo, porém, uma figura esbaforida e de rosto vermelho vem em nossa direção:

— Senhores... Peço-lhes que me poupem do esforço inútil de subir a bordo. Os senhores são os embaixadores da verdade e da ciência, respeito-os por isso, mas não pos-so perder tempo. Vim aqui apenas para lhes trazer o que havia prometido: minhas instruções estão nesse envelope, que deverá ser aberto apenas quando chegarem a uma cidade do Amazonas chamada Manaus. Que fique tudo

muito claro: não o abram antes da data e hora assinalados aqui. Confio na honra dos senhores.

Depois de fazer mais advertências a cada um de nós, afastou-se com a mesma rapidez com que havia chegado, e vimos seu vulto baixo e corpulento desaparecer no caminho que conduz à estação ferroviária.

E aqui já estamos nós, caros leitores, cruzando o Canal da Mancha. Que Deus nos abençoe, permitindo-nos uma viagem e um retorno seguros.


FRA

CAPÍTULO VII

As Fronteiras do Novo Mundo

Não me parece necessário relatar os detalhes de nossa longa viagem a bordo do navio da linha Booth. Chegando à capital do Estado do Pará, ali repousamos uma semana e, tendo completado nossas bagagens — graças à ajuda da Companhia Pereira da Pinta —, começamos a subir o gigantesco rio em um navio quase tão grande como o que nos tinha trazido através do Atlântico.

Depois de passarmos pelo estreito de Óbidos, chegamos, finalmente, a Manaus — bem antes do momento marcado para abertura do envelope. Um certo Sr. Shortman, representante da Companhia Anglo-Brasileira de Comércio, salvou-nos dos inconvenientes da hospedaria local, convidando-nos para passar alguns dias em uma hospitaleira fazenda dos arredores, onde organizamos a caravana e contratando auxiliares para a expedição. Nosso grupo, portanto, ficou da seguinte forma composto.

Professor Summerlee: sendo dispensável recapitularmos suas realizações científicas, detemo-nos, assim, em outras características. Com sessenta e seis anos, magro e seco, não obstante ele é um homem forte, muito resistente as fadigas físicas e morais. Como caráter, é leal mas sarcástico, pessimista e cheio de susceptibilidades. Está convencido de que o professor Challenger está de má-fé e fez-nos vir para estas terras sul-americanas tão-somente por pilhéria, para nos cobrir de ridículo. Durante toda a viagem não fez mais do que repetir essas acusações, sacudindo o ralo cavanhaque para expressar a sua cólera. Mas, desde que desembarcou em território brasileiro, a variedade deslumbrante de insetos e de pássaros consolou-o de tudo e passa os dias a correr os bosques, munido de espingarda e rede para borboletas. Entre suas características negativas, e descuidado com suas vestimentas, pouco higiênico e teima em ficar o tempo todo com o seu pequeno cachimbo branco na boca, mesmo quando está falando.

Lorde Roxton, também magro e de uma robustez pouco comum, anda sempre muito asseado, quase faceiro; fala pouco, com gestos tranquilos e mostra um prodigioso conhecimento da vida e dos homens. Embora não se tivesse gabado disso, até conhece o peculiar idioma dos índios daquela região — composto de um terço de português e outros dois terços de vários dialetos —, conhecimento que lhe possibilita conversar, correntemente, com os nativos. Foi

uma surpresa para mim constatar o prestígio que tinha entre os índios, para quem ele era uma espécie de herói e protetor. Os feitos do Chefe Vermelho, como o chamam, tornaram-se lendários entre eles. Pude descobrir o porquê, colhendo informações que se complementaram àquelas que sucintamente ele havia relatado quando de nossa conversa em Londres.

Alguns anos antes, lorde Roxton participava de uma expedição que percorria o território entre as maldefinidas linhas fronteiriças de Peru, Brasil e Colômbia. Ali proliferam as seringueiras nativas, cuja extração era explorada por alguns bárbaros e inescrupulosos homens, conduzindo, como no Congo, ã submissão dos índios ao trabalho forçado. Num clima de terror e tortura, transformaram-nos em escravos na colheita da borracha, que era transportada rio abaixo até o Pará. Constatando os fatos, lorde Roxton chamou para si a responsabilidade de libertar aquelas miseráveis vítimas e, formando um pequeno batalhão de escravos fugidos, declarou guerra ao mestiço Pedro Lopez, o chefe dos traficantes. Depois de algumas escaramuças vitoriosas, lorde Roxton o matou com suas próprias mãos, desbaratando o injusto sistema até então vigente.

Este é um dos motivos pelos quais, quando começa a falar no vale do Amazonas, entusiasma-se, revelando verdadeiro amor por essa terra tão cheia de beleza, de opulência e de surpresas. Era esse mesmo entusiasmo que o levava a acreditar no professor Challenger, razão das inúmeras discussões que travava com o professor Summerlee.

— O que pode existir para lá? — perguntava, indicando a direção norte. — Selva, pântano, terrenos impenetráveis. Quem pode dizer o que essa região oculta? E para o sul? Terras e terras de selva e pântano, que nenhum homem branco jamais pisou. Há tantos mistérios e desconhecimentos que levo a crer naquilo tudo que o professor Challenger nos relatou... — dizia ele, provocando no professor Summerlee uma indignada reprovação, que se refletia no movimento silencioso e obstinado de balançar a cabeça desconsoladamente.

Quanto aos auxiliares eram: em primeiro lugar Zambo, um negro gigantesco, dócil como um cavalo e pouco mais inteligente do que esse animal. Vinha conosco desde o Pará por falar um pouco de inglês.

Vinham, também do Pará, Gomez e Manuel, dois mulatos ágeis e fortes como panteras, profundos conhecedores das margens do Amazonas. Gomez fala inglês e ambos foram contratados como cozinheiros e remadores. E mais três índios mojos: o primeiro, que é chefe do grupo, decidimos chamá-lo pelo nome

de sua tribo; os outros dois declararam chamar-se José e Fernando.

Eis a caravana, que esperou o dia marcado na fazenda de Santo Ignácio. Esse dia chegou afinal. Parece-me ver ainda o professor Summerlee na sala de repouso da fazenda, no momento em que colocou sobre a mesa o envelope com a nota: "Para ser aberto em Manaus no dia quinze de julho ao meio-dia em ponto."

— Temos ainda sete minutos — disse lorde Roxton, consultando o relógio.

Com seu costumeiro sorriso sarcástico, o professor Summerlee pegou o envelope com a mão magra e disse:

— Por que esperarmos mais? Isso não passa mesmo de uma farsa, uma impostura que aquele charlatão do Challenger nos envolveu!

— Concordamos com as regras, então vamos jogar de acordo com elas — rebateu lorde Roxton.

A contragosto, o professor Summerlee assentiu. Passado o tempo necessário, cortou um lado do envelope com o canivete e extraiu dele uma folha de papel, que abriu sobre a mesa. Era uma folha em branco; nem de um nem de outro lado tinha uma só linha escrita.

Fitamo-nos estupefatos. Depois o professor Summerlee ergueu-se nervosamente, com a mesma risada sarcástica:

— Estão vendo! — exclamou ele. — Querem melhor confissão? Agora que caímos por completo na mistificação daquele farsante, só nos resta voltar à Inglaterra com caras de tolos.

— Dão-me licença? — mugiu de repente uma voz na varanda.

Voltamo-nos em sobressalto e vimos diante de nós a massa atarracada e a barba assíria de Challenger. Ali estava ele, com seu inverossímil chapéu de palha, que parecia de criança, sobre aquela cabeça monstruosa, com as mãos nos bolsos do casaco e os olhos zombeteiros...

— Receio ter chegado com alguns minutos de atraso que, embora involuntário, decerto inspirou já algumas blasfêmias do ilustre professor Summerlee.

— De fato — redarguiu lorde Roxton, com certa severidade —, confesso que sua chegada veio tirar-me de uma grande aflição, porque também cheguei a acreditar que nossa missão estava terminada. Seu procedimento foi dos mais

singulares.

Sem responder, Challenger apertou-lhe vigorosamente a mão, bateu-me num ombro, curvou-se com reverência irônica diante de Summerlee e deixou-se cair sobre uma poltrona de palha, que rangeu sob seu peso.

— Está tudo pronto para a partida? — perguntou afinal, depois de bem instalado.

— Pretendíamos partir amanhã.

— Pois partiremos e os senhores terão a inestimável vantagem de contar comigo como guia. Desde o início, havia decidido comandar essa investigação. Como devem concordar, mesmo que eu tivesse escrito instruções minuciosas, nada substituiria as minhas orientações pessoais. O papel em branco foi apenas um pequeno truque, uma sagaz brincadeira sem maiores consequências.

E estendendo a larga mão peluda:

— Estou certo de que seu bom senso me aprovará. Sei que minha presença não é das mais agradáveis e preferi só aparecer no momento em que ela fosse absolutamente necessária. Agora afirmo-lhes que estão em mão segura e chegarão ao fim desejado. Assumo desde este momento o comando da expedição e peço-lhes que tomem todas as providências para que possamos partir amanhã, ao amanhecer.

Lorde Roxton havia fretado uma lancha a vapor, a *Esmeralda,* para percorrermos o rio. Estávamos na estação da seca, a melhor possível, porque a temperatura naquela região é constantemente alta e no tempo das chuvas, sem a vantagem de um clima mais suave, tem-se o perigo das inundações, que elevam as águas até doze metros acima do nível normal.

Durante três dias viajamos rio acima e, embora estivéssemos já a mais de novecentas milhas de sua embocadura, a largura do Amazonas ainda era tal que as duas margens apareciam de um lado e outro como uma linha vaga.

No quarto dia após nossa partida de Manaus entramos por um rio secundário, também muito largo. Mais dois dias de navegação, e chegamos a uma aldeia de índios, onde Challenger nos fez saltar e despedir a lancha, alegando que dali por diante ela nos seria inútil.

— Além disso — acrescentou ele em tom confidencial —, estamos quase no ponto em que começam as maravilhas, e não seria prudente deixar que o pessoal da lancha desconfiasse de alguma coisa.

Despachada a embarcação, Challenger reuniu todos os outros integrantes da caravana, fazendo-os jurar que não diriam nada a ninguém sobre o caminho que íamos percorrer. Ignoro que motivos teria o iracundo sábio para tomar tais precauções; mas até a mim ele exigiu discrição e por Isso é que, nesta narrativa, só dou indicações muito vagas sobre o itinerário, incluindo diagramas voluntariamente Incompletos.

Finalmente, no dia dois de agosto, rompemos o último laço que nos ligava a alguma forma de mundo civilizado. Ficamos quatro dias na aldeia dos índios, completando nossas bagagens. Compramos, entre outras coisas, duas canoas muito leves, feitas de bambu e couro. Também contratamos os serviços de dois índios, Attaca e Ipetu, que já tinham acompanhado o professor Challenger em sua primeira viagem e pareciam aterrorizados só pela idéia de recomeçar a aventura. Mas o cacique da tribo, que exerce ali uma autoridade absoluta, fez um gesto e eles não mais se atreveram a discutir.

Está tudo pronto. Amanhã, quem sabe, chegaremos ás fronteiras do Novo Mundo. Remeto ao *Daily* esta correspondência por um índio que vai a Manaus. Conforme o que combinamos, meu caro Sr. McArdle, sinta-se à vontade para editar este texto da forma que melhor entender. A firmeza continuamente demonstrada pelo professor Challenger — mesmo considerando a antítese disso, ou seja, o pessimismo imbatível do professor Summerlee — faz-me crer que estamos prestes a experimentar uma aventura esplêndida na sequência de nossa viagem.

CAPÍTULO VIII

Ultrapassando os Limites do Desconhecido

Nossos amigos da Inglaterra podem rejubilar conosco: estamos para alcançar o fim de nossa viagem; pelo menos até o ponto em que já podemos confirmar a veracidade de algumas informações fornecidas antes pelo professor Challenger. Se ainda não subimos ao platô, pelo menos já o vemos diante de nós. O professor Summerlee nada diz para não confessar que seu rival pode estar certo em suas assertivas sobre a terra de mistérios. Cala-se, então, sobre este fato, refugiando-se em objeções de detalhe.

Mas retomemos a narração no ponto em que a deixei em minha última carta. Liquidemos em primeiro lugar as más notícias.

Gomez, um dos mestiços de que já falei, é trabalhador e atento, mas tem o péssimo hábito de ser indiscreto. Ao que parece, na noite passada ele se escondeu perto da tenda onde discutíamos os nossos planos, mas foi observado pelo negro Zambo que, além de ser o mais fiel, detesta mestiços. Ao surpreendê-lo oculto, ouvindo nossa conversa, Zambo agarrou-o pelo pescoço e iniciou-se uma violenta briga. O outro puxou uma faca e, não fosse o vigor excepcional do negro, tê-lo-ia matado. Foi necessária a nossa *Intervenção* para separá-los e, graças a Deus, o incidente não teve maiores consequências. Obrigamos os dois a se reconciliarem e tudo pareceu ter voltado ao normal.

Por outro lado, as discussões entre os nossos dois cientistas continuam no mesmo pé, criando entre nós uma situação de inquietação constante... Mas já estamos nos acostumando com isso.

O dia seguinte marcou, de fato, a primeira data decisiva em nossa expedição. Toda a nossa bagagem cabia perfeitamente em duas canoas e a viagem podia se fazer bem, contanto que os dois professores fossem separados. Eu ia, numa delas, com Challenger, que parecia enlevado com a perspectiva de chegar ao maravilhoso planalto. Ficar ao lado deste homem é uma experiência marcante, pois jamais se pode sentir tédio, considerando seu temperamento entusiasticamente imprevisível.

Durante dois dias subimos um rio caudaloso, de águas escuras mas razoavelmente translúcidas. Metade dos afluentes do Amazonas tem essas

características, enquanto a outra metade apresenta águas mais claras, diferenças que *se* explicam, naturalmente, pelo tipo de *terreno* em que es-ses rios correm. Por duas vezes encontramos corredeiras, que nos obrigaram a saltar e carregar as canoas nos braços. De um lado e outro era a floresta incessante com arvores gigantescas e folhagens tão espessas que o sol mal lograva atravessá-las. Nos troncos havia uma prodigiosa exposição de orquídeas, admiráveis pela beleza e proporções.

No terceiro dia de viagem ao longo dessa floresta deslumbrante tivemos os primeiros indícios da presença humana. Galhos partidos aqui e ali, restos de fogueiras... Depois ouvimos um ruído semelhante ao de um tambor, um ruído ritmado e grave, que aumentava ou decrescia caprichosamente da manhã à noite.

Logo que ouvimos esse ruído, os dois índios, que iam remando, detiveram-se imóveis, como se tivessem sido paralisados pelo terror.

— Que é isso? — perguntei.

— Tambores — respondeu displicentemente lorde Roxton. — Tambores de guerra. Já os ouvi muitas vezes.

— Sim — disse Gomez, intervindo na conversa com a sem-cerimônia peculiar à sua raça. — São tambores de guerra e isso não é bom sinal. Estamos atravessando uma zona de índios bravos. Se puderem, nos matam, eles estão nos vigiando.

— Como, se ainda não os vi?

O mestiço olhou-me com certo desprezo.

— Os índios sabem... Eles conhecem caminhos por onde ninguém passa e estão nos vigiando mesmo quando não vemos ninguém. Falam e transmitem notícias a grande distância com o tambor.

Na tarde desse dia — meu calendário indicava quarta-feira, dezoito de agosto — ouvimos seis ou sete tambores batendo em pontos diferentes e de fato notei que seus sons e suas cadências variavam constantemente, como se transmitissem perguntas e respostas numa espécie de telegrafia musical. Era profundamente temerária essa situação de viajar sob a vigilância de centenas de olhos invisíveis e expostos a cada instante a uma flechada mortal. Nada se movia na floresta, que se mantinha muda e serena. Mas por trás dela, à sua sombra, havia um ruído ameaçador.

Os tambores indígenas soaram assim durante toda a noite e, diante dos

indígenas e mestiços evidentemente apavorados, pude notar que Challenger e Summerlee possuíam a singular coragem científica, do mesmo tipo daquela que sustentou o ânimo de Darwin, entre os gaúchos argentinos, e o de Wallace, entre os degoladores da Malásia. A natureza misericordiosa deu a esses homens de cérebro superior uma espécie de inconsciência do perigo, que lhes permite afrontar o desconhecido em busca da verdade.

Creio mesmo que eles não se lembravam do perigo porque seu espírito estava inteiramente ocupado com as preocupações do problema de história natural e antropologia, que os índios representavam a seus olhos.

— São índios canibais da tribo dos Miraúbas e dos Arnajuacas — disse Challenger, agitando o polegar na direção de onde vinham os sons.

E Summerlee acrescentava:

— Certamente... Como todas as tribos dessa espécie, creio que utilizam um idioma polissintético e se assemelham ao tipo mongol.

— Quanto ao idioma tem razão — redarguiu Challenger, com indulgência. — Em todo este continente as línguas indígenas são polissintéticas; mas quanto ao tipo mongol...

— Como não? — protestou o outro. — O mais superficial conhecimento de anatomia comparada assegura-nos...

E entraram numa discussão furibunda, e como se estivessem nas margens do Tâmisa, prosseguiam alheios ao aviso sinistro dos tambores, que pareciam anunciar: "Vamos acabar com vocês... vamos acabar com vocês... vamos acabar com vocês."

À noite detivemo-nos no meio do rio, usando pedras para ancorar as canoas, e mantivemos sentinelas alertas até o amanhecer. Nada, porém, aconteceu. Logo que o sol surgiu prosseguimos a viagem e, cerca de três horas da tarde, chegamos a uma corredeira, que tinha mais de uma milha de extensão. Tratava-se da mesma em que Challenger tivera seu desastroso naufrágio. Confesso que a visão da corredeira me foi bastante animadora, pois era mais uma mostra direta das narrativas feitas anteriormente pelo nosso rabugento professor.

Foi preciso desembarcar e carregar canoas e bagagens por terra, através de vegetação tão espessa, que só cedia a golpes de machado. Os nossos auxiliares traziam os carregamentos, enquanto nós, os brancos, íamos de rifle em punho e olhar atento. Antes do anoitecer, ancoramos novamente diante de um afluente

secundário; calculo que estávamos a cem milhas do Amazonas.

No dia seguinte, Challenger despertou bastante inquieto e entusiasmado: íamos, afinal, empreender a marcha para o planalto. Ele explorou um pouco os arredores e, de súbito, teve um grito triunfante. Mostrou-nos uma árvore isolada, que se estendia de modo singular sobre o rio, e perguntou:

— Que diz a isso?

— É uma palmeira açaí — observou Summerlee.

— Exatamente. Uma palmeira açaí. Aqui começa meu domínio, foi esta palmeira que tomei como ponto de referência em minha viagem. A passagem secreta fica a meia milha daqui — ali, onde aqueles juncos verdes ocupam o lugar do mato escuro, está a nossa entrada particular para o desconhecido.

Entramos pelo pequeno rio afluente, empurrando os botes com varas compridas, porque era pouco fundo, embora a largura fosse ainda considerável — vinte metros ou mais.

De um lado e outro a paisagem era alucinante de riqueza e variedade. Notei também espantosa multiplicidade de bichos de toda a espécie, que andavam pela água, pelas margens ou pelos galhos, sem manifestar temor algum, como se estivessem acostumados a ver homens. Jacarés, antas, macacos, tapires, tamanduás e até uma onça parda esgueirando-se entre os arbustos, fitavam-nos com espanto ou curiosidade, mas sem medo.

Perguntava-me por que os índios não haviam ocupado essa região maravilhosa. Uma observação de Gomez deu-me a chave desse mistério.

— Os índios nunca vêm para estes lados. Têm medo do Curupira — disse ele.

Ao terceiro dia, o rio já não era fundo suficiente para permitir que continuássemos utilizando as canoas. Não houve remédio senão puxar as canoas para a beira e acampar durante a noite, antes de empreendermos a marcha a pé.

Ao acordar, fiz com lorde Roxton uma exploração de duas milhas pela floresta, ao longo do rio. Confirmamos, então, que havíamos alcançado o limite possível de onde se poderia ir navegando. Portanto, ocultamos as canoas em lugar seguro, distribuímos entre todos nós as bagagens, armas e utensílios. E partimos.

Summerlee estava de mau humor, insuportável, em razão das atitudes que

Challenger tomava, ditando ordens para todo mundo e levando demasiadamente a sério o papel de "chefe" da expedição. As discussões estavam se tornando terríveis.

Felizmente, havia ali mais dois homens com bom senso. Lorde Roxton e eu tínhamos um trabalho incessante para impedir que aquelas criaturas chegassem às vias de fato, evitando assim que a petulância e infantilidade de nossos eruditos companheiros nos obrigassem a voltar para Londres de mãos abanando. Por sorte, acabamos descobrindo um terreno neutro, o único em que era possível colocar em acordo os dois sábios. Ambos tinham ódio igual a um terceiro antropologista, o professor Illingworth, de Edimburgo; de modo que era bastante pronunciar esse nome para que os dois, esquecendo as próprias discussões, fizessem uma aliança temporária para espicaçar o rival comum...

A proporção que caminhávamos, quase sempre em fila indiana pela borda da água, o rio ia se tornando mais estreito. Milhões de mosquitos volteavam no ar, em nuvens sonoras; o fétido dos pântanos próximos tornava a atmosfera quase irrespirável.

No segundo dia, após deixarmos as canoas, verificamos que a região havia mudado acentuadamente de aspecto; o terreno começou a se elevar, tornou-se seco e a vegetação perdeu a exuberância tropical. As árvores gigantescas, peculiares à flora do Amazonas, cediam lugar aos coqueiros e palmeiras, com densos arbustos entre as árvores.

Challenger dirigia-se unicamente corn o auxílio da bússola e, como de certo ponto em diante suas indicações não concordassem com as dos índios, nós preferimos, segundo a frase indignada do professor, "colocar o instinto falacioso dos selvagens acima da opinião mais autorizada da ciência européia moderna". E fizemos muito bem, porquanto, guiados pelos índios, encontramos em pouco tempo os primeiros vestígios da viagem anterior de Challenger: quatro pedras enegrecidas pela fumaça — quatro pedras, que ele próprio reconheceu serem as mesmas que juntara para armar uma fogueira em seu último acampamento...

O terreno continuava a se elevar e a vegetação havia mudado mais uma vez. A árvore predominante agora era o pau-marfim, e havia uma abundância de lindas orquídeas, entre as quais me foi permitido conhecer a rara *Nuttonia Vexillaria,* além das belíssimas catléias, de cor escarlate vibrante. Pequenos rios com fundo de pedregulhos, entre margens repletas de samambaias e avencas, constituíam bons locais para nossos acampamentos, e ficávamos horas

admirando cardumes de peixinhos azulados, que algumas vezes nos proporcionaram jantares formidáveis, com um sabor que fazia-nos lembrar da truta inglesa.

No nono dia de marcha, quando já tínhamos caminhado talvez cento e vinte milhas, toda a flora estava reduzida a arbustos magros e, sobretudo, a bambuzais tão densos, que só podíamos vencê-los a golpes vigorosos das foices e facões que os índios haviam trazido. Superar esses obstáculos custou-nos muito, cerca de doze horas, com apenas dois intervalos de uma hora para descanso. Difícil enfrentar tarefa mais fatigante e monótona, porque mesmo nossa possibilidade de visão do que vinha à frente estava reduzida a oito ou nove jardas. Na verdade, a única coisa que eu enxergava pela frente era a jaqueta de lorde Roxton, além das paredes de bambu que margeavam o nosso caminho. Para completar este trabalho sombrio, apenas frestas de luz conseguiam penetrar aquelas paragens, pois os bambuzais, com cerca de dez ou até quinze metros de altura, formavam uma capoeira que quase impossibilitava o acesso da luminosidade. Ao longo do caminho, por diversas vezes, ouvimos o barulho da passagem de animais que presumimos serem grandes e robustos, mas não nos foi possível identificá-los. Lorde Roxton afirmou que provavelmente se tratava de algum tipo de boi selvagem. Quando anoiteceu, conseguimos finalmente vencer a região do bambuzal e acampamos, exauridos, no primeiro lugar que encontramos.

Levantamos cedo no dia seguinte, já constatando que novamente as características da região haviam mudado.

Atrás de nós estava o paredão de bambuzais e, à nossa frente, uma planície, um pouco aclivada, com uma vegetação em que pequenas árvores, entrelaçadas de samambaias, terminava, ao longe, num conjunto de penhascos que compunham a forma de um corpo de baleia. Seguindo, ao meio-dia alcançamos os penhascos e percebemos que, para além deles, havia um vale raso e, depois, nova subida conduzia a uma série de outras elevações. Quando já atravessávamos a primeira delas, ocorreu um fato digno de importância.

Em companhia de dois índios, o professor Challenger seguia na frente do grupo: subitamente, estancou, apontando entusiasticamente para a direita. Olhamos para aquela direção, a aproximadamente uma milha de distância, e vimos algo que parecia ser uma ave enorme e acinzentada erguer-se do solo e voar suavemente, como se estivesse planando, desaparecendo depois entre as árvores.

— Viram, viram! — excitado, Challenger gritou, olhando principalmente para Summerlee.

— Viu o quê? — este respondeu.

— Um pterodáctilo!

Summerlee soltou uma gargalhada:

— Não seja ridículo, Challenger: só se fosse um *"pterogonha"* — brincou. — Não passava de uma cegonha, e eu sei reconhecer uma quando a vejo.

Challenger ficou tão encolerizado que nem ao menos conseguiu responder à provocação. Lorde Roxton, entretanto, aproximou-se, com o cenho cerrado, de onde eu estava e trazendo nas mãos seus binóculos, disse:

— Focalizei a criatura antes que ela sumisse entre as árvores e uma coisa posso lhe afirmar: nunca vi nenhuma ave como essa em toda a minha vida!

A questão, portanto, ficou encoberta em brumas, mas eu sentia a nítida sensação que estávamos, verdadeiramente, ultrapassando os limites do desconhecido. De todo modo, relatei o evento da forma como ocorreu, para que o leitor tire suas próprias conclusões. A você, leitor que tem me acompanhado até agora, navegando os rios amazônicos.

Ao final de minha última carta, informava que estávamos a umas sete milhas da linha de penhascos, a qual, decerto, circunscreve o platô referido pelo professor Challenger. Quando nos aproximamos, vimos que essas ribanceiras eram muito mais altas do que pareciam a distância. Em certos pontos, elas pareciam ainda mais altas do que Challenger havia descrito, pois elevavam-se no mínimo a trezentos e cinquenta metros, apresentando sempre a sucessão de estrias que caracterizam tão curiosamente as formações basálticas. Algo parecido pode ser encontrado em Salisbury Crags, em Edimburgo. Ao alto apareciam indícios de vegetação luxuriante, com arbustos perto das beiras e, para além, muitas árvores portentosas. Mas não se via o menor indício de vida animal.

Acampamos, nessa noite, junto ao paredão, que, vertical na base, alargava-se à meia altura, desafiando assim qualquer tentativa de escalada. Em certo ponto, porém, à pequena distância da muralha, havia uma coluna rochosa, uma verdadeira agulha isolada e quase da mesma altura do planalto, com uma árvore na extremidade.

— Foi ali — disse o professor Challenger, apontando para essa árvore — que o pterodáctilo estava pousado. Subi metade da ribanceira antes de matá-lo a

tiros. Creio que homens robustos como nós são capazes de subir aquela pedra. Dali, ao menos, podemos lançar um olhar pelo platô.

No momento em que Challenger falava no pterodáctilo, eu fitei o professor Summerlee e tive a impressão de que seu ceticismo já não era tão intransigente. Ao contrário, ele parecia tomar uma atitude de interesse e surpresa. Challenger também notou essa mudança de comportamento em seu contumaz oponente, aproveitando para provocá-lo mais uma vez:

— Claro que o professor Summerlee compreenderá que quando falo de pterodáctilo, na verdade estou me referindo a cegonha. Uma cegonha especial, porém: ao invés de penas, tem pele de couro; suas asas têm membranas, e seu bico é uma bocarra cheia de dentes ferozes. — Depois sorriu para o desconsolado Summerlee.

Dormimos e, pela manhã, depois de havermos tomado uma refeição frugal com café e mandioca cozida a fim de poupar nossas provisões, reunimo-nos em conselho: Challenger cada vez mais sério no papel de chefe, sentado em uma rocha redonda, com o inverossímil chapéu de palha atirado para trás; Summerlee, digno e reservado, de cachimbo na boca; lorde Roxton mais esbelto do que nunca, com os olhos luzindo na face tostada pelo sol. Por trás de nós o negro, os dois mestiços e os índios formavam um círculo respeitoso.

— Não preciso dizer — começou Challenger — que em minha viagem anterior tentei por todos os meios escalar essa muralha e, se um homem como eu não o conseguiu, não acredito que alguém o consiga, pois sou excelente alpinista. É certo que, na primeira vez, eu nada trouxera que me ajudasse a subir e não podia demorar porque a estação das chuvas estava próxima. À vista disso, peço que me indiquem o que lhes parece mais conveniente fazer.

— Só vejo uma providência racional — disse Summerlee. — Da outra vez o senhor explorou a muralha para oeste. Vamos para o lado leste, para ver se encontramos um caminho.

— De inteiro acordo — disse lorde Roxton. — Em último caso daremos volta ao platô, que não pode ser muito extenso, de modo que poderemos circundá-lo até encontrarmos um ponto mais indicado para a escalada.

— Por mim — disse Challenger —, estou convencido de que é quase impossível que exista caminho, pois se o houvesse os animais antediluvianos teriam descido. É verdade que talvez haja algum local que um ser humano pudesse galgar, mas que fosse impossível para aqueles animais enormes e

desajeitados. Pensando melhor, é certo que há um caminho onde a subida é possível.

— Como pode o senhor afirmar? — interrompeu Summerlee, já eriçado.

— Pelo álbum de Mapple White. Somente no platô ele poderia ter encontrado o animal que desenhou...

— Isso é concluir sem prova — protestou Summerlee. — Eu admito a existência do platô porque o tenho diante de meus olhos, mas nada me demonstra que haja nele vida de qualquer espécie...

— Admita o senhor ou não, a verdade é que...

Mas nesse momento Challenger, tendo erguido os olhos, fez um gesto de triunfo e, precipitando-se para Summerlee, segurou-o pelo pescoço e, obrigando-o a erguer a cabeça, exclamou uma voz rouca pela emoção:

— E agora? Ainda sustenta que não há vida animal no platô?

Erguemos todos o olhar e vimos entre a vegetação do bordo da muralha uma enorme serpente. Durante alguns minutos o réptil agitou mansamente a cabeça, depois desapareceu.

Summerlee, desarmado pela curiosidade, não fizera até esse momento resistência alguma; mas, desde que a cobra se recolheu à sombra da floresta, ele repeliu seu irascível colega com um gesto indignado, observando:

— Parece-me que não lhe será difícil fazer suas afirmações sem me segurar as goelas. Nem acredito que o aparecimento de uma píton vulgar possa justificar semelhantes liberdades...

— Mas o caso é que há vida no platô. Isso o senhor não pode mais negar.

Acalmamos os nossos colegas e iniciamos a viagem de exploração para o oriente.

Ao fim de uma hora de marcha tivemos uma feliz surpresa: encontramos alguns indícios indiscutíveis de um antigo acampamento; latas de conservas com marca de uma fábrica de Chicago, uma garrafa de *brandy* e um número do *Chicago Democrat*, cuja data se tornara ilegível.

— Eu não vim para estes lados. Portanto este acampamento foi de Mapple White.

Lorde Roxton considerava com atenção uma árvore, que estendia sua sombra

sobre esse ponto.

— Olhem — disse ele pouco depois —, aqui está uma coisa que me parece um sinal indicativo.

De fato havia ali, pregado ao tronco, um pedaço de tábua, que parecia indicar a direção oeste.

— Sim, sim — murmurou Challenger, cheio de entusiasmo. — O que mais poderia ser? Nosso pioneiro receou não encontrar o caminho na volta e marcou o itinerário. Vamos seguindo... Haveremos de encontrar outros indícios.

Com efeito não tardamos a encontrar um e tão terrível que ainda estremeço ao recordá-lo. Junto à muralha havia uma moita de bambus enormes, alguns com seis a oito metros de altura, já secos e com pontas como lanças formidáveis. Passando, meu olhar foi atraído para algo branco entre esses bambus. Aproximei-me e distingui um crânio humano. Curvei-me para observar melhor. Estava ali um esqueleto inteiro no chão, embora a caveira tivesse se destacado, indo parar alguns passos à frente.

Abrimos espaço a machado para examinar de perto aqueles tristes restos. O vestuário do morto estava reduzido a alguns farrapos: só as botinas se conservavam perfeitas. Recolhemos entre os ossos um relógio com a marca "Hudson, New York", uma corrente da qual pendia uma caneta tinteiro e uma cigarreira de prata com as iniciais "J. C. de A.E.S.". O estado em que os objetos se encontravam pareciam indicar que a tragédia não tinha acontecido há muito tempo.

— Quem teria sido esse pobre coitado? — perguntou lorde Roxton. — Seus ossos estão todos quebrados...

— Oh! — exclamou nesse momento Summerlee. — Reparem!... Um dos bambus passa por entre suas costelas esmigalhadas. O bambu é uma planta que cresce com grande rapidez, mas o esqueleto parece muito recente para que este bambu tenha nascido, alcançado a altura de oito metros e secado depois da morte deste infeliz. Portanto...

Não ousou concluir e quedamo-nos os quatro estupefatos e apavorados diante daquela cena chocante. Challenger foi o primeiro a romper o silêncio.

— Quanto à identidade do morto — disse ele —, posso adiantar que, quando vinha agora procurá-los em Manaus, fiz no Pará uma investigação minuciosa sobre Mapple White. Felizmente, eu tinha um ponto de partida: um desenho de

seu álbum, que o representa almoçando com um sacerdote protestante. Encontrei esse eclesiástico e ele informou-me que Mapple viajava em companhia de outro norte-americano, um tal James Calver, desenhista.

— Sim, sim — murmurou lorde Roxton, pensativo —, deve ser ele... Porém o mais impressionante é que este corpo... com o bambu assim atravessado pelas costelas... Só há uma explicação... Este homem morreu empalado, caído do alto do platô.

Um silêncio angustiado seguiu-se a estas palavras. Exatamente por cima do lugar onde estava o esqueleto, a linha superior da muralha formava uma saliência, uma espécie de plataforma, que avançava pelo espaço. E veio-me um questionamento terrível: teria o morto caído acidentalmente ou havia sido precipitado por alguém? Aquela terra misteriosa começava a aparecer-nos com trágicos presságios.

Nenhum de nós se animava a enunciar os sombrios pensamentos que, decerto, atormentavam a todos. Continuamos a caminhar ao longo da muralha, que se estendia uniforme e ininterrupta como os *icebergs* das regiões antárticas. Ao fim de cinco milhas ainda não tínhamos descoberto coisa que se parecesse sequer com uma vereda. Mas, de súbito, em uma cavidade, que a chuva não podia alcançar, vimos uma flecha desenhada a giz, indicando o oeste.

— É uma marca de Mapple White — bradou Challenger. — Eu encontrei em sua mochila uma caixa de giz de várias cores. Recordo-me que o giz branco estava deveras gasto, quase um pequeno toco.

— Bem — declarou Summerlee —, isso é uma prova aceitável. Vamos adiante.

Encontramos outra flecha, a três milhas de distância, diante de uma larga fresta, onde uma terceira flecha, desenhada com a ponta para cima, parecia convidar a subir.

Suspiramos aliviados, pois aquelas indicações nos pareceram alvissareiras e, como não comíamos desde o amanhecer, decidimos fazer uma refeição antes de tentar mais alguma coisa. Porém nossa tensão de nervos era tal que, apesar da fome e da fadiga, enquanto os mestiços preparavam o café, não resistimos à tentação de iniciar a escalada.

A fenda tinha cerca de doze metros de largura na face central do rochedo, mas estreitava-se à medida que seguia para o topo, de modo que não era

possível, por ali, alcançarmos o platô. Contudo, em pouco tempo compreendemos a indicação de Mapple White. Foi o olhar experimentado de lorde Roxton que descobriu o que procurávamos. A certa altura havia um círculo de sombra mais negra... Decerto, a entrada de uma caverna, que naturalmente comunicava-se com a parte de cima. E o acesso até ela era relativamente fácil. Fora aquele o caminho seguido por Mapple White e seu companheiro.

Em nossa impaciência resolvemos reconhecer imediatamente essa pista. Lorde Roxton fez funcionar sua lâmpada elétrica portátil e tomou a frente, lançando o feixe de luz que seguíamos em fila indiana.

A caverna era obra das águas, pois as paredes eram lisas e o chão estava repleto de pedras arredondadas. Ao longo de uns cinquenta metros tinha a forma de um corredor quase plano; mas depois começava a subir rapidamente, a tal ponto que tivemos de subir engatinhando, amparan-do-nos uns aos outros para não escorregarmos em função das pedras soltas que permeavam o caminho.

De súbito, porém, lorde Roxton deteve-se, exclamando:

— Oh! O caminho está bloqueado.

— Como? Por quê?

— O teto desmoronou.

De fato, enormes blocos de pedra, decerto caídos do alto, obstruíam completamente a passagem. Tentamos afastá-los; mas logo vimos que isso seria muito perigoso, porquanto os blocos ameaçavam rolar pelo estreito túnel, esmagando-nos.

Tivemos de nos render à irredutível constatação: já não era possível utilizarmos o caminho seguido por Mapple White. Desanimados, voltamos novamente ao solo e, nesse momento, ocorreu um incidente ao qual as verificações anteriores provaram ser de significação terrível.

Estávamos reunidos em grupo, à pequena distância da fresta, quando um bloco enorme de pedra caiu junto de nós com uma força espantosa. Mais um metro e teríamos sido esmagados horrivelmente. Recuamos apavorados... erguemos o olhar. Sem dúvida alguma, aquele bloco só podia ter vindo do alto da muralha, onde, entretanto, não havia pedras vacilantes ou simplesmente soltas. Portanto aquele projétil grosseiro, mas brutalmente mortífero, devia ter sido atirado propositalmente contra nós... Tudo apontava para uma presença hostil — humana? — no alto do platô.

Batemos em retirada, profundamente emocionados pelo incidente e ainda pelo que ele prometia para o futuro. Nossa situação, que antes já era bastante difícil, poderia tornar-se trágica se a cega obstrução da Natureza fosse aumentada pela oposição voluntária e deliberada do Homem. Entretanto, diante de tão fascinantes segredos, quem seria capaz de voltar a Londres sem os haver desvendado?

Voltamos para o nosso acampamento discutindo o problema e consideramos que o melhor procedimento seria continuar a contornar o platô, na esperança de encontrarmos outro modo de alcançarmos o topo. Retomamos, desse modo, a investigação. A linha de penhascos, conforme andávamos, diminuía consideravelmente de altura, e já começava a mudar de oeste para norte. Caso considerássemos a formação rochosa como um arco circular, como de fato julgávamos que era, a circunferência inteira não podia ser grande, e poderíamos completá-la a contento. O máximo que poderia acontecer era retornarmos ao ponto de partida em alguns dias.

Caminhamos nesse dia mais vinte e duas milhas, sem descobrir novas frestas ou ladeiras. Felizmente, como o solo era ali já cem metros acima do nível do mar, estávamos livres dos insuportáveis mosquitos e a vegetação era de característica quase européia.

Na noite que se seguiu a essa marcha tivemos uma nova aventura e de tal gravidade que dissipou por completo quaisquer dúvidas do Sr. Summerlee sobre as maravilhas de que estávamos tão próximos.

Foi rápido como um relâmpago. Lorde Roxton tinha abatido um desses pequenos animais que os índios chamam *ajutu* e que se assemelham muito a nosso porco doméstico; os mestiços tinham armado uma fogueira para assá-lo. Como a temperatura baixara muito com o crepúsculo, estávamos todos sentados em torno do braseiro, conversando, quando algo, subitamente, surgiu do céu, como se fosse um aeroplano.

Num instante, duas asas de couro abriram-se sobre nós como um toldo enorme, e vimos um pescoço longo como uma serpente, dois olhos vermelhos e ferozes, um enorme bico eriçado de dentes agudos... Foi um instante, uma visão rápida... E o monstro desapareceu, levando nosso jantar. Erguendo a cabeça, eu já mal distinguia uma sombra enorme, que se afastava no espaço, movendo as asas desmedidas, e desaparecia no platô.

Ficamos mudos de espanto por alguns instantes e foi afinal o professor

Summerlee quem primeiro rompeu o silêncio, dizendo com voz grave e ainda trêmula de emoção:

— Professor Challenger, devo-lhe minhas desculpas. Confesso que fui injusto a seu respeito e peço-lhe que me perdoe pelo que disse no passado.

Foram belas palavras, ditas com dignidade e, pela primeira vez, aqueles dois homens apertaram-se as mãos. Pelo menos, a perda de nosso jantar não foi em vão, considerando a reconciliação daqueles dois homens magníficos.

Mas, se havia animais pré-históricos no platô, não deviam ser em grande quantidade porque três dias se passaram sem que fosse nos apresentado mais nenhum só sinal das criaturas. Durante esse tempo, exploramos a muralha para o norte e depois para o leste, ao longo de uma região estéril onde os desertos pedregosos alternavam com pântanos onde só viviam aves selvagens. Por todo esse lado, a muralha continuava inacessível. Além disso, aquela parte do terreno era infestada por jararacas, a mais venenosa e agressiva serpente da América do Sul, obrigando-nos a um cuidado redobrado em nossos deslocamentos. Ali devia ser uma espécie de ninho delas, pois os peçonhentos répteis apareciam por todos os cantos, rastejando em direção a nós. Como eram tantas e tantas, nossos tiros não as impediam de avançar, de modo que tivemos de fugir intempestivamente para não sermos pegos. Nunca esquecerei como, olhando para trás, via as serpentes pululando entre os bambus ressequidos, ansiosas por nos atacarem. Nomeamos o lugar como Pântano das Jararacas e o incluímos no mapa que estávamos desenhando.

A sequência de penhascos, até então de tom avermelhado, havia adquirido uma coloração amarronzada, e a vegetação do cume era mais esparsa. Constatamos, também, que a altura se reduzira para cerca de cem ou cento e vinte metros, mas não conseguíamos vislumbrar um ponto acessível para a escalada. Este local parecia ainda mais inacessível do que os anteriores.

— Mas esperem! — exclamei eu de repente, depois de observar um pouco. — Se não há nenhum declive deste planalto para o solo, por onde se escoam as águas da chuva, que nele cai?

— Este jovem tem às vezes uns lampejos de bom senso — bradou Challenger, batendo-me no ombro com certo carinho. — Como não encontramos sua saída por fora, claro que ela existe por dentro, em algum canal subterrâneo.

— Alguma antiga cratera — sugeriu Summerlee —, mesmo porque este planalto é evidentemente de formação vulcânica.

No sexto dia, tendo contornado todo o platô, chegamos a nosso ponto de partida junto à agulha rochosa. Não tínhamos achado caminho algum, e o local que havia servido a Mapple White, aquele indicado pela seta, estava obstruído. Que poderíamos fazer?

Nossas reservas de provisões vinham resistindo bem, principalmente porque não nos faltava caça; porém, mais cedo ou mais tarde, necessitaríamos de mais mantimentos. Além disso, dentro de dois meses começaria a estação das chuvas, que nos expulsaria dali, irremediavelmente.

Aquelas rochas eram incrivelmente duras, tornando impossível qualquer tentativa de rompê-las, até mesmo porque não tínhamos ferramentas para um trabalho de tal proporção. Por tudo isso, aquela primeira noite no acampamento foi sombria: estávamos desanimados, e praticamente não trocamos palavras. Para iludir o mau humor, todos tentaram dormir cedo. Apenas Challenger se manteve desperto. Recordo-me que, antes de ir dormir, enxerguei-o agachado como um sapo imenso diante da fogueira, a cabeça desproporcional entre as mãos peludas, como se estivesse refletindo profundamente. Nem respondeu ao boa-noite que lhe dirigi.

Na manhã seguinte, ao despertar, encontrei um Challenger completamente mudado, irradiando contentamento enquanto passeava de um lado para outro, com ar mais triunfante do que nunca. Sua barba eriçava-se de orgulho e seu peito inflado parecia desafiar nossa admiração. Quando o interrogamos, respondeu simplesmente:

— Eureca! Enquanto os senhores dormiam o sono da inocência, eu resolvia o maior problema do nosso século...

— Achou um caminho para o platô?

— Não achei. Inventei um. E tão fácil! É só subir aquela agulha rochosa.

— Ora! — exclamou Summerlee. — Mas entre a agulha e o platô há um espaço enorme.

— Bem o sei — concedeu Challenger, com ar compreensivo. — Mas venham comigo. Eu ainda não esgotei minhas faculdades inventivas.

Enfim!... Como a subida para a agulha era relativamente fácil, não nos recusamos a segui-lo. Munimo-nos com rolos de corda, paus ferrados, ganchos de ferro e Challenger colocou na cintura uma machadinha.

Eu era o único noviço como alpinista — tanto lorde John quanto Summerlee

eram experientes —, mas a minha agilidade compensava a falta de prática. Subimos... Não direi que foi sem esforço e sem risco, pois em muitos momentos meus cabelos chegaram a se arrepiar de temor. A primeira metade da escalada foi razoavelmente fácil, mas depois tornou-se mais íngreme e, sobretudo na parte final, poderia chamar de penosa, pois tínhamos que nos apoiar com os dedos das mãos e as pontas dos pés em estreitíssimas fendas e estrias rochosas. Eu não teria conseguido (e nem mesmo Summerlee) completar a escalada, caso Challenger não tivesse conseguido chegar rapidamente ao topo e ali amarrar uma corda numa árvore. Com o auxílio da corda, que ele nos lançara de cima, pudemos concluir a subida e, finalmente, chegamos ao alto da agulha rochosa. Tratava-se de uma pequena plataforma quase circular, com oito metros de diâmetro.

O espetáculo dali era um deslumbramento: de um lado toda a planície brasileira parecia estender-se a nossos pés, coberta de vegetação espessa como eu jamais vira; de outro, no mesmo nível em que estávamos, o platô cheio de vegetação e de mistério. Mas o professor Summerlee interrompeu meu êxtase com uma exclamação de assombro:

— Ora essa!... Já observaram esta árvore?

— Um cedro — disse Challenger.

— Que surpresa encontrar um compatriota nesta latitude!

— E que diz o senhor? Um compatriota! — interveio Challenger. — No momento, esta árvore é para mim mais do que isso; é uma aliada. Ela é que vai abrir-nos o caminho em direção ao platô.

— Excelente! — exclamou lorde Roxton, compreendendo sua idéia. — Vamos improvisar uma ponte.

— Pois claro! — respondeu Challenger, com a face toda iluminada por um sorriso. — Derrubamos esta árvore, cortando o tronco somente do lado de cá e forçosamente ela cairá para a esquerda, ligando este ponto ao planalto. É tão simples!

E o singular homenzinho bamboleava-se de orgulho, com os polegares nas cavas do colete e num tal ardor que, sem o pulso forte de lorde Roxton, que o deteve a tempo, teria rolado da agulha até o chão.

De fato, a idéia era inteligente e trazia-nos a solução do problema. Por isso apressamo-nos para colocá-la em prática.

Challenger tomou a direção da manobra, ordenan-do-me:

CAPÍTULO IX

— Como este jovem tem bons músculos, vai cortar a árvore. O tronco tem seguramente vinte metros de altura, há de alcançar o planalto. Apenas, peço ao jovem amigo que a corte abstendo-se de pensar; faça somente o que eu lhe disser.

Empunhei o machado e meti mãos à obra. Ao fim de um quarto de hora, lorde Roxton rendeu-me nesse penoso serviço. Trabalhamos assim, alternadamente, durante uma hora. Por fim, a árvore vacilou, inclinou-se... O tronco partiu-se com um estalido formidável e seus galhos foram esmagar-se sobre a borda do planalto.

Tínhamos lançado uma ponte para o desconhecido. Sem uma palavra, todos apertamos a mão de Challenger, que recebeu essa homenagem com muita satisfação, fazendo curiosas mesuras com o chapéu de palha.

— Reclamo a honra de ser o primeiro a pisar o planalto maravilhoso — declarou ele, de maneira quase solene, como se posando para uma pintura histórica.

E já se aproximava do tronco quando lorde Roxton deteve-o:

— Perdão... Não posso permitir que...

— Quem é o senhor que se atreve a não me permitir? — perguntou Challenger, já todo eriçado.

— Ouça — disse lorde Roxton, muito calmo. — Todos aqui têm profissão nítida. O senhor e seu colega são professores. Este jovem é jornalista. Eu tenho formação militar. Ao que parece, há nesse planalto gente ou entes hostis, talvez canibais que contam conosco para seu almoço. Portanto, não posso consentir que entre por aí às cegas. Espero que nenhum perigo nos alcance ou surpreenda; espero-o e desejo-o; mas a prudência nos aconselha a agir como se o houvesse. Eu e Malone vamos descer para buscar nossos quatro rifles e traremos também Gomez. Então, um de nós poderá ser o primeiro a atravessar a ponte, sob a proteção dos outros.

Challenger sentou-se no chão, rosnando de impaciência. Descemos por uma corda, que só chegava a meia altura da agulha, mas cujo auxílio foi muito útil para o regresso. Em uma hora ali estávamos de novo devidamente armados,

trazendo também uma caixa de provisões, que lorde Roxton, sempre prático, se lembrara de preparar.

— Agora — disse ele a Challenger —, se faz questão de ser o primeiro...

— Agradeço-lhe imensamente a gentileza — disse Challenger furioso, demonstrando sua singular intolerância. — Já que o senhor teve a bondade de permitir, assumo a primazia que fiz por merecer.

E, montando no tronco, com as pernas pendentes e a machadinha enfiada no cinto, agilmente iniciou a passagem. Depois, chegando ao platô, ergueu e agitou os braços, gritando:

— Enfim! Enfim!

Fitei-o inquieto, receando que nesse momento acontecesse qualquer outra coisa espantosa; mas tudo se manteve tranquilo. Apenas um pássaro de forma estranha se ergueu a pouca distância e desapareceu entre as árvores.

Summerlee passou em segundo lugar, levando dois rifles — o seu e o de Challenger —, demonstrando uma energia inusitada para alguém com uma aparência tão frágil. Fui o terceiro, fazendo esforços para não ver o abismo, que se abria sob mim. Lorde Roxton passou em último lugar, de pé, com uma tranquilidade impressionante. Que criatura de admirável coragem!

Era um instante supremo. Estávamos afinal no território inverossímil de que toda a ciência européia negara a existência. Demos as costas e seguimos, pois, a despeito da sensação maravilhosa de vitória que sentíamos, estávamos ansiosos para prosseguir na aventura.

Mas foi então que surgiu o incidente trágico, que devia separar-nos, talvez para sempre, do mundo civilizado. Tínhamos caminhado cerca de cinquenta metros pela borda do platô, quando ouvimos um grande estrondo à nossa retaguarda. O ímpeto de voltar foi imediato e, então, vimos uma coisa horrível. A ponte desaparecera.

Sim; o tronco lançado com tanto esforço entre a agulha rochosa e a borda do planalto caíra. Como? Talvez tivesse cedido sob o próprio peso. Por um instante, esta nos pareceu a explicação mais plausível. Contudo, logo após vimos surgir, do lado oposto da rocha, o rosto moreno de Gomez, mas com uma expressão diferente daquela hesitante e boçal que exibia anteriormente. Seu rosto estava agora contorcido de ódio.

— Lorde Roxton! Lorde Roxton! — bradou Gomez, gesticulando como um

doido, os olhos faiscantes. Ele estava acompanhado de outro mestiço.

— Aqui estou — respondeu nosso companheiro.

— Sim, aí está você seu porco inglês? Esperei muito, mas a minha vingança chegou! Se vocês acharam difícil subir até aí, tentem descer agora... — e soltou uma gargalhada tresloucada, que ecoava através do abismo.

Estávamos perplexos demais para dizer algo, o máximo que conseguíamos era permanecer estáticos, impotentes, os olhos fixos de surpresa e assombro. Víamos também, jogado num canto, um grosso galho quebrado, que Gomez havia usado como alavanca para deslocar o tronco. O outro prosseguiu sua fala alucinada:

— Quase tínhamos conseguido matá-los com a pedra, na caverna, mas assim vai ser bem melhor... Agora, vocês vão morrer bem devagar, seus porcos ingleses... Lembra-se de Lopez, o peão peruano que você matou há cinco anos no Acre?... Era meu irmão. Sim, inglês maldito... Eu o reconheci no Pará e segui-o para me vingar... Não se lembra? Você o matou, seu lorde nojento, mas eu estou vivo e agora você ficará aí com seus companheiros... Nunca mais, estão ouvindo?... Nunca mais sairão daí.

E, então, junto com o outro mestiço, precipitou-se pela corda, que tivera o cuidado de atirar para o outro lado da agulha, a fim de ficar ao abrigo de nossa vista. E tudo ficou silencioso.

Mas lorde Roxton mostrou por que era conhecido na região como o "Flagelo do Senhor": correu pela borda do planalto para ficar em boa visada quando o miserável pousasse no solo. Ao fim de alguns minutos o homem saiu correndo pela planície. Lorde Roxton fez pontaria e o mestiço caiu como uma massa compacta, depois de emitir um horrível grito de dor. Voltando, lorde Roxton nos disse, transtornado:

— Fui um idiota. Deveria ter-me dado conta de que essa gente não esquece o passado, principalmente em se tratando de vinganças de membros da família. Deveria ter ficado mais atento durante a contratação dos homens. Agora, enfiei todos vocês nessa encrenca.

— E o outro mestiço? — perguntei. — Seria necessário que os dois agissem juntos para remover o tronco.

— Eu poderia tê-lo matado também! — murmurou o lorde. — Mas a minha raiva estava totalmente voltada para Gomez.

Só agora nós compreendíamos a atitude equívoca que o mestiço sempre tivera; seu constante desejo de conhecer nossos planos de viagem, como naquela noite em que Zambo o surpreendera espionando e tentando ouvir o que conversávamos na tenda.

Estávamos discutindo o caso animadamente quando um novo incidente na planície atraiu nossa atenção.

O outro mestiço, chegando ao acampamento, começava a reunir sua bagagem para fugir quando Zambo se atirou contra ele. Os dois corpos rolaram confusamente pelo chão; mas, em pouco, a força prodigiosa do negro decidiu a vitória. Ele ergueu-se e correu para nós, agitando alegremente os braços. O outro ficou estendido, imóvel para sempre.

Os dois haviam sido mortos, porém o mal já estava feito. Estávamos nós presos naquele pináculo de rocha, isolados, sem nada podermos fazer. Aquele incidente havia alterado tudo, pois não conseguíamos vislumbrar nenhuma possibilidade para superarmos aquele impasse.

Entretanto, o dedicado negro subiu pela agulha com uma agilidade incrível e, logo, seu corpo hercúleo aparecia entre as rochas.

— E agora, que querem os senhores que eu faça? — perguntou ele com a maior naturalidade, como se tratasse de serviço normal.

Como responder a semelhante pergunta? O bom negro, que nos mostrava todos os dentes do outro lado do abismo, representava nosso último ponto de contato com o mundo exterior.

— Eu estou aqui — continuava o negro, rindo amavelmente. — Os índios têm medo de Curupira, querem ir-se embora; mas eu fico.

— Não, não — protestei. — Peça-lhes que esperem até amanhã. Eu quero que eles levem uma carta para Manaus.

Quanto às providências de momento, lorde Roxton ordenou-lhe a única coisa que era possível fazer. Zambo amarrou uma extremidade da corda ao toco do tronco e atirou-nos a outra ponta. Infelizmente essa corda não era bastante resistente para sustentar um homem; mas permitiu o transporte do caixote de provisões, que nos asseguraria no mínimo uma semana de alimentação. Nosso fiel ajudante fez uma série de viagens, subindo e descendo a agulha, para nos fornecer pelo mesmo caminho diversas bagagens úteis, inclusive munições.

Já vinha caindo a noite quando ele retornou para o acampamento — com a

promessa de obrigar os índios a permanecerem até o dia seguinte —, e nós terminamos esses laboriosos transportes. Acampamos e ceiamos na borda do planalto e é aqui, à luz de uma vela, que escrevo estas linhas. Por precaução, abstivemo-nos de acender outras luzes e não sei quando poderei enviar outra correspondência.

Amanhã — melhor dizendo, hoje, pois está quase amanhecendo — nós arriscaremos nossa primeira entrada nessa região estranha. Daqui, de onde escrevo essas linhas, posso ver que os índios ainda estão no acampamento, e tenho certeza de que Zambo virá buscar a carta. Espero, somente, que ela possa chegar ao destino.

P. S. — Quanto mais reflito mais me parece que nossa situação é sem remédio. A corda é muito curta para nos permitir descer por ela. Todos juntos não teríamos forças para arrastar um novo tronco de árvore até aqui. Ainda que o fizéssemos, não teríamos aparelhos para estendê-lo até a agulha. Nossa situação é desesperada... Sim, desesperada.

CAPÍTULO X

De Surpresa em Surpresa

Todo o meu material de jornalista está restrito a dois lápis e cinco cadernos de bolso; mas enquanto me restarem forças, hei de ir relatando, dia a dia, o que nos acontecer. Ainda que não se opere um milagre que nos restitua à vida civilizada, posso atirar as cartas a Zambo, que continua a rondar junto da muralha como um cão fiel.

Um período novo se abriu para nós no dia seguinte àquele em que a traição de Gomez nos deixou prisioneiros do platô misterioso. O incidente, que inaugurou esse período, deu-nos logo uma idéia pouco favorável da região em que nos achávamos. Pela manhã, e despertando de um breve sono, notei que minha meia, caída sobre o sapato, deixava ver em minha perna descoberta uma coisa que parecia um bago de uva, avermelhado e espesso. Curvei-me, segurei entre dois dedos essa coisa singular e logo ela rebentou, lançando jatos de sangue para todos os lados.

Ao grito que soltei, os dois professores acudiram.

— Muito interessante — disse Summerlee, curvando-se para minha perna. — É um inseto da família dos carrapatos e, ao que me consta, ainda não classificado.

— Primeira recompensa de nossos esforços — mugiu Challenger, com ar doutoral. — Parece-me que é de justiça chamá-lo *Ixodes Malone.* O pequeno inconveniente de uma picada fica assim contrabalançado pela honra de ter seu nome inscrito nos anais da zoologia. Pena é que você tivesse destruído um tão precioso exemplar que...

— Precioso exemplar, uma porcaria destas! — exclamei com mau humor, coçando a perna, que começava a avermelhar-se.

Challenger franziu os espessos sobrolhos e, pousando a mão sobre meu ombro, observou:

— Jovem! Você precisa se acostumar a ver as coisas com distanciamento, assumindo um ponto de vista científico. Esse inseto, com o ferrão em forma de lanceta e o estômago extensível, é uma obra-prima da natureza... Oxalá

possamos encontrar outro...

— Isso não tardará — observou Summerlee, com uma risadinha sarcástica. — Não tardará, porque agora mesmo vi um outro meter-se por seu colarinho...

Challenger deu um pulo, mugindo como um touro, arrancando o casaco e rasgando a camisa para se despir mais depressa.

Nós ríamos tanto que não tínhamos força para auxiliá-lo. Por fim, resolvemos extrair do pêlo espesso, que formava um juncal no peito do bravo professor, um *Ixodes Malone*, que ainda não começara a picá-lo. Mas logo depois verificamos que em torno, pelo chão e pelas ervas, estava cheio de tais bichos e só havia um recurso para escapar-lhes: levantar o acampamento.

Antes, porém, tínhamos que dar instruções ao bom Zambo, que do alto da agulha rochosa continuava a atirar-nos caixotes de chocolate, de conservas e de biscoitos. Ordenamos-lhe que guardasse para seu uso uma parte de nossas provisões, distribuísse alguma coisa aos índios da escolta e os despedisse.

Minutos depois, vimos a pequena caravana de índios partir e Zambo ficou instalado em nossa tenda, ao pé da agulha rochosa. Quanto a nós, procuramos refúgio em uma clareira bem fechada, com o solo coberto de pedras e tendo ao lado uma nascente. Colocamos ali nossas bagagens e foi então que, pela primeira vez, ouvimos no platô a voz de um ente vivo; uma espécie de uivo singular.

Nossas riquezas eram ali as seguintes: quatro carabinas, com mil e trezentos cartuchos, e mais uma pequena espingarda de caça, com cento e cinquenta cartuchos de pequeno calibre; provisões para quatro ou cinco semanas, fumo, aparelhos científicos e algumas ferramentas. Começamos por organizar uma espécie de cerca de galhos de árvores em torno da clareira e batizamos esse modesto reduto com o nome pomposo de Forte Challenger.

Era meio-dia quando terminamos esses preparativos e, como o calor fosse quase intolerável, sentamo-nos para ouvir lorde John Roxton expor seu "plano de campanha".

— Parece-me — dizia ele — que não temos interesse algum em andar com precipitação. Como não conhecemos os perigos que nos podem ameaçar nesta região, e como pode haver aqui não só animais como até homens perigosos, julgo que toda a prudência será recomendável. Para começar, evitemos o uso de armas de fogo. Bem sei, fui eu o primeiro a dar o mau exemplo e lamento não ter podido resistir à cólera que...

Tratamos depois de dar nomes aos lugares para melhor nos entendermos. Por proposta de Challenger, o platô ficou chamado Terra de Mapple White e, como nada mais tínhamos por enquanto, iniciamos circunspectamente a exploração do terreno. E não tardaram as surpresas.

Tendo atravessado um trecho de bosque espesso, onde todas as árvores me eram desconhecidas mas que Summerlee classificou como antediluvianas, chegamos diante de um vasto pântano. Lorde John, que ia adiante, exclamou:

— Olhem!... Aqui estão pegadas que, se não me engano, são do antepassado de todos os pássaros atuais.

Havia ali de fato a marca de uma pata enorme com três dedos. Evidentemente, o animal atravessara o charco vindo do bosque. Seria mesmo um pássaro? A pata parecia de avestruz, mas era quatro ou cinco vezes maior. Lorde John olhou em torno de si e pôs dois cartuchos no rifle.

— Por minha reputação de caçador, afirmo que essas pegadas são recentes. Não faz dez minutos que esse animal passou por aqui... E aqui estão marcas de outro menor.

Sim; ao lado das primeiras pegadas e na mesma direção havia outras, que só se distinguiam pelo tamanho.

— E o que diz desta? — exclamou de súbito Summerlee, mostrando, entre aquelas marcas com três dedos, uma outra, que parecia de uma gigantesca mão humana, com cinco dedos nitidamente desenhados.

— Oh! — exclamou por sua vez Challenger. — Eu já vi indícios semelhantes na argila de Wealden. Umas e outras são marcas de um animal que caminha de pé sobre as patas traseiras mas, de quando em quando, apóia no solo as patas dianteiras, que têm cinco dedos. Mas esse animal não é um pássaro, meu caro Roxton: é um réptil, um dinossauro... Só um dinossauro pode deixar no solo marcas semelhantes. Eu me lembro bem da surpresa que causara essas pegadas na primeira vez em que foram descobertas em um terreno terciário, há cerca de noventa anos...

Mas, de repente, deteve-se, e sua voz estrangulada pela emoção extinguiu-se num murmúrio quase indistinto.

— Minha nossa!... Quem poderia imaginar semelhante espetáculo?

Seguindo as pegadas, nós tínhamos contornado o pântano e, atravessando um linha de árvores altas, chegamos a um descampado onde estavam cinco animais

fantásticos, dois adultos e três mais jovens, mas todos de estatura colossal. Os menores eram já do tamanho de elefantes. Tinham o couro cor de ardósia, cobertos de escamas luzentes. Mantinham-se de pé, apoiados na cauda robusta e, com os cinco dedos das patas dianteiras, colhiam folhas nas árvores. O aspecto geral era o de cangurus com sete a oito metros de altura e pele de crocodilo.

Não sei quanto tempo ficamos ali imóveis, contemplando aqueles monstros cuja força parecia incomensurável. Um deles, tendo dificuldades em alcançar o cume de uma árvore, segurou-a pelo meio do tronco e arrancou-a com raízes e tudo.

Lorde Roxton mantinha um dedo sobre o gatilho de seu rifle e só Deus sabe o que daria ele para que a cabeça de um daqueles dinossauros fosse ornar o salão de sua casa. Mas, recordando os conselhos da prudência, continha-se. Quanto aos dois professores, tinham as faces iluminadas por um sorriso etéreo.

— Que dirá a Inglaterra? — murmurou afinal Summerlee.

— Que dirá? — explodiu Challenger. — Dirá que o senhor é um mentiroso, um charlatão... Dirá o que o senhor e outros já disseram de mim.

— Mas desta vez há testemunhas — replicou o outro. — Aqui estão estes amigos para atestar que no dia 28 de agosto nós vimos cinco iguanodontes vivos em uma clareira da Terra de Mapple White. Encontram-se vestígios desse animal em todo o sul da Inglaterra, onde eles habitavam no período terciário.

Por mim, confesso que a visão de animais assim formidáveis apenas me inspirava uma sensação de insegurança muito desagradável. Que novos gigantes íamos encontrar entre aquelas árvores misteriosas? Eu pouco sabia da vida pré-histórica, mas recordava-me de ter lido uma obra de divulgação popular, falando de animais que fariam com os leões e tigres atuais o que os gatos fazem com os camundongos.

Em pouco tempo, os fatos se encarregaram de demonstrar que meu pavor instintivo não era injustificado. Íamos atravessando lentamente um novo bosque e tínhamos já percorrido umas três milhas, margeando um rio, quando avistamos uma espécie de muralha formada por blocos de granito; tão logo, porém, começamos a galgá-la ouvimos um rumor esquisito, um conjunto descompassado de silvos, pios e zumbidos. Lorde Roxton fez-nos um sinal para que nos detivéssemos e continuou a subir sozinho. Chegando ao alto, avançou cautelosamente a cabeça e logo recuou com uma tal expressão de pasmo que, a despeito do temor, não resistimos à tentação de subir também.

Alcançamo-lo rastejando e lançamos um olhar. Aquela crista de rochedos dava para uma escavação circular, decerto uma antiga cratera, muito vasta, tendo ao fundo, a umas cem jardas, alguns charcos esverdeados. O lugar, já sinistro por si mesmo, tomava, pela espécie de seus habitantes, o aspecto de um dos sete círculos de Dante. (Nota 9)

Era o centro de reunião dos pterodáctilos, que ali estavam às centenas. Na borda dos charcos os filhotes brincavam e em torno os adultos moviam-se, coaxando descompassadamente. Os machos, enormes, horrendos, cinzentos, mantinham-se alertas, voltando para todos os lados os olhos vermelhos e batendo os bicos monstruosos; asas imensas e membranosas envolvia-os como mantos. Os dois professores, na embriaguez em que aquela descoberta os mergulhava, eram capazes de passar ali todo o dia; mas Challenger, sempre impetuoso, não se conteve e levantou a cabeça acima do rochedo que o abrigava. Imediatamente o pterodáctilo mais próximo soltou um silvo agudo; suas asas, que tinham seguramente sete metros de envergadura, bateram o ar e ele ergueu vôo. Muitos outros imitaram-no e vieram todos em nuvem sobre nós, descrevendo um largo círculo, como se pretendessem cercar-nos.

— Depressa! Refugiemo-nos na floresta — bradou lorde Roxton, empunhando o rifle pelo cano, para utilizá-lo como um porrete.

Mas não tivemos tempo para alcançar as árvores e as coronhadas que distribuímos a torto e a direito de nada nos valeram. Summerlee foi o primeiro alcançado por uma bicada no rosto e caiu com um grito rouco. Quase no mesmo instante, eu senti-me ferido na nuca e vacilei sob o choque.

Challenger caiu também. Quis socorrê-lo, mas um novo choque atirou-me sobre ele. Nesse instante o rifle de lorde Roxton começou a crepitar. Um dos monstros rolou pelo solo, com uma asa partida, o bico desmesuradamente aberto, soltando espuma e sangue, como um dragão de pinturas medievais.

Os outros ganharam altura e limitaram-se a obser-var-nos.

— Aproveitemos este instante — bradou lorde Roxton, dando-nos o exemplo.

Corremos todos para as árvores; mas antes de alcançá-las os monstros já voltavam a nos atacar. O professor Summerlee foi de novo atirado ao solo. Levantei-o, arrastando-o comigo. Eis-nos afinal em segurança num bosque espesso onde os pterodáctilos não podiam entrar, em razão do volume espantoso de suas asas. Mas ainda *ouvíamos* seus gritos lancinantes.

— Muito interessante a aventura — murmurou Challenger, lavando num riacho o sangue que lhe corria pelo joelho. — Gostaria que todos os jornalistas de Londres recebessem uma bicada destas. Não há melhor forma de convencimento. Que diz você, Summerlee? Somos os primeiros zoólogos do mundo a conhecer os costumes dos pterodáctilos.



Summerlee nada respondeu, pois estava muito ocupado com o próprio ferimento que tinha no rosto, e lorde Roxton, o único que saíra ileso, ajudava a estancar o sangue que me corria de um músculo do pescoço.

— O pior é que fui obrigado a dar uns tiros — murmurou com mau humor.

— Sem eles não estaríamos vivos nesse momento.

— Querem minha opinião? — prosseguiu o lorde. — Acho que já tivemos emoções suficientes hoje. Proponho que voltemos ao acampamento para desinfetar estes ferimentos com ácido fênico. Quem sabe se esses imundos animais não são venenosos?

Mas um novo desastre nos esperava no Forte Challenger. A entrada do reduto estava como a tínhamos deixado, entulhada com pedras e galhos sólidos; mas um visitante ali estivera, vindo do alto. Um ramo ainda pendente mostrava-nos por onde ele tinha vindo; e o estado lastimável de nossas bagagens demonstrava o vigor prodigioso do nosso visitante. Uma caixa de conservas estava reduzida a farelos; outra, de cartuchos, havia se transformado em estilhaços. Interrogamos com olhares de pavor os arredores e nada vimos. Mas que tipo de monstro estaria por ali, oculto entre as folhagens, observando-nos?

Com que prazer ouvimos a voz de Zambo, que veio nos arrancar dessa dolorosa expectativa, chamando por lorde Roxton!

Corremos à beira do platô. Lá estava o nosso bom ajudante, de pé sobre o cume rochoso mostrando, num riso largo, todos os dentes.

— Eu estou aqui. Eu não vou sair daqui. Querendo alguma coisa, chamem.

A presença do criado humilde nos foi salutar, revigorando em nosso espírito a consciência de que pertencíamos à Terra do século XX.

Sentamo-nos; depois os dois professores começaram a discutir sobre os animais que nos tinham atacado. Eram propriamente pterodáctilos ou simples dimadorfons?

Coloquei-me um pouco à distância, farto de ouvir termos sábios com desinência latina. Lorde Roxton aproximou-se lentamente.

— Ó Malone... diga-me uma coisa... Você observou bem o lugar em que estavam aqueles bichos imundos? Não lhe pareceu uma antiga cratera?

— Sem dúvida alguma.

— Mas reparou bem o solo em torno da água?

— Era uma argila azulada.

— Sim... uma argila azulada na boca de um vulcão — repetiu o lorde com ar pensativo.

Estaria louco? Cheguei a acreditá-lo por um instante. Mas a fadiga era tal que não pude refletir por mais tempo. Adormeci.

CAPÍTULO XI

O Mérito da Aventura

Lorde Roxton estava certo ao temer que os ferimentos causados pelo pterodáctilo pudessem provocar alguma infecção. No dia seguinte, eu e o professor Summerlee acordamos com febre e Challenger tinha o joelho tão dolorido e inchado que mal conseguia andar. Por isso passamos todo o dia no acampamento e de mau humor, pouco ajudando lorde Roxton, que se encontrava ocupado no trabalho de ampliar a cerca de arbustos que protegia nosso acampamento. Eu, de minha parte, não podia fugir à impressão de que estávamos sendo observados. A cada instante voltava-me, julgando descobrir entre as folhagens olhos ameaçadores. Era a sensação angustiosa de uma presença hostil e pérfida. Havia momentos em que eu me surpreendia rememorando as lendas dos índios sobre Curupira... Haveria mesmo um espírito terrível naquela região? Nessa noite, a terceira que passávamos na Terra de Mapple White, produziu-se outro fato que nos impressionou profundamente e encheu-nos de reconhecimento pelos esforços que lorde Roxton envidava para a nossa segurança. Estávamos dormindo em torno da fogueira, quando fomos despertados pelos gritos mais estridentes e horrendos que jamais ouvira em toda minha vida. Nunca havia escutado nada que lhes possa comparar. Dilaceravam-nos os ouvidos como um silvo de locomotiva. Mas um silvo de locomotiva é, claro, mecânico, cortante; e esse, mais profundo, vibrava com uma angústia infinita. Ao ouvi-lo, sentia o meu coração diminuir dentro do peito e um suor gelado corria-me pelo rosto. Todas as maldições de uma alma torturada, todas as acusações, todos os desesperos pareciam condensar-se nesse grito, ao qual, de quando em quando, misturava-se outro grito mais baixo e sonoro, uma espécie de gargarejo.

Durante uns quatro minutos ouvimos esse duelo monstruoso de sons e toda a folhagem em torno encheu-se do rumor da passarada em fuga.

Bruscamente, como havia começado, o grito cessou. Mas nós ficamos ainda por algum tempo imóveis, enregelados de horror. Depois, lorde Roxton lançou uma braçada de lenha à fogueira e disse:

— Fosse o que fosse, foi aqui bem perto. Apenas com o romper do dia poderemos ver o que se trata.

— Certamente — disse Challenger, com a gravidade habitual — foi um desses dramas gigantescos da pré-história, uma luta entre dois monstros jurássicos.

— Silêncio — murmurou Summerlee. — Estou ouvindo algo...

Sim... No silêncio que se estabeleceu, distinguíamos nitidamente um ruído regular e surdo, traindo a aproximação de um animal de passo cadenciado e cauteloso, mas pesado. Ouvimo-lo dar voltas em torno do acampamento e deter-se, afinal, à sua entrada, respirando profundamente. E apenas uma frágil cerca nos separava dele. Todos empunhamos os rifles e lorde Roxton, que afastara a folhagem para observar, murmurou com assombro:

— Que coisa mais espantosa!

Curvei-me também e vi, entre as sombras das árvores, outra sombra mais negra. Tinha vagamente a silhueta de um sapo; era pouco mais alto do que um cavalo, mas o resfolegar portentoso denunciava seu volume e sua força. Moveu-se e seus olhos verdes flamejaram.

— Vai saltar... vai saltar a cerca — murmurei, erguendo freneticamente o rifle.

— Não atire! — ordenou lorde Roxton. — Um tiro na calma da noite seria ouvido a muitas milhas de distância.

— Mas, se ele pular, estamos perdidos — balbuciou Summerlee, cuja voz se quebrou de súbito em uma espécie de soluço.

— Sim... se ele saltar estamos perdidos — repetiu o lorde.

Então, o que eu vi foi um ato de bravura tal que nunca imaginei outro assim tão espontâneo e soberbo. Com movimentos rápidos e seguros, ele curvou-se para a fogueira, apanhou uma acha de lenha bem acesa e, passando pela abertura da cerca, adiantou-se pelo terreno. O animal, com um grunhido feroz, avançou também. Sem hesitar, lorde Roxton enfrentou-o decididamente, e meteu-lhe a chama na goela. Durante um segundo, tive a visão de uma máscara medonha, uma cabeça de sapo enorme, com a pele pustulenta, a boca mole a escorrer baba e sangue... Mas o monstro recuou e fugiu precipitadamente.

— Eu tinha quase certeza de que ele recuaria diante do fogo — disse o lorde,

voltando com sua tocha.

Cercamos o nosso salvador, elogiando sua bravura, mas censurando sua temeridade. Nele, contudo, parecia apenas falar o caçador...

— Mas que espécie de animal é este?

Os dois sábios hesitaram. Summerlee foi o primeiro a tentar um palpite, mas não chegou a lugar nenhum.

— Por mim, confesso que não ouso classificá-lo com segurança.

— Bravo! — mugiu Challenger. — Essa prudência é digna de um cientista escrupuloso. Eu mesmo não me atrevo a afirmar, mas parece-me provável que tenhamos encontrado algum ente da ordem dos dinossauros carnívoros.

— De resto — prosseguiu Summerlee —, cumpre não esquecer que muitas formas pré-históricas podem não ter chegado até nós nem mesmo sob a forma de fósseis. De modo que não nos será possível denominar à primeira vista todos os exemplares que nos aparecem neste platô...

Falava solenemente, como se estivesse em sua cátedra na universidade.

— Bem — atalhou lorde Roxton —, mas isso não nos deve impedir de dormir. Agora, vamos estabelecer turnos de sentinela.

— Eu serei o primeiro. Já que acabei de acender o cachimbo, ficarei acordado umas duas horas — disse Summerlee.

E assim se estabeleceu o costume de dormirmos sob a guarda de um vigilante. No dia seguinte, descobrimos logo a causa do tumulto que nos despertara alta noite. A clareira dos iguanodontes fora teatro de uma luta dramática; e a quantidade de sangue e o número de pedaços de carne espalhados pelo campo deram a princípio a impressão de um grande massacre. A observação metódica permitiu-nos, porém, verificar que apenas um desses monstros fora literalmente dilacerado por outro animal, talvez não maior do que ele, porém mais forte e mais feroz.

Os dois professores examinaram atentamente os despojos e as marcas de dentes e garras neles deixadas, para concluir que o vencedor devia ser um alossauro ou um megalossauro. Em outras palavras, tratava-se de um réptil já com caracteres de felino, como de um desses tigres com dentes em forma de lâmina de sabre, dos quais se encontram vestígios em alguns sítios arqueológicos do planeta.

— Pois, então, meus amigos — observou lorde Roxton —, seja lá qual for o nome, o bicho não é para brincadeiras e tomo a liberdade de lhes aconselhar toda a prudência.

— Mas isso não nos deve impedir de explorar a maravilhosa ocasião que nos é apresentada — interpôs Challenger. — Por enquanto, sabemos apenas que há séculos coabitam aqui inúmeros animais que se extinguiram em todo o resto do mundo. Ora, havendo entre eles animais ferozmente carnívoros, este fato já estabelece por si só um problema alucinante. O lógico seriam que os carnívoros tivessem acabado por destruir todos os outros animais menos aptos, ou então tivessem modificado seu gênero de alimentação, ou morrido de fome. Ora, pelo que vemos, isso não se deu. Por qual prodígio a Natureza conseguiu limitar o poder destruidor dos carnívoros para que as outras espécies se conservassem? Não podemos deixar esse problema empolgante sem solução.

Nós ficamos em silêncio. A Terra de Mapple White não nos apresentara até aquele momento senão horrores e perigos. Os próprios vegetais, quase todos desconhecidos a meus olhos, pareciam hostis e ameaçadores.

Summerlee falou afinal.

— Quer-me parecer que não temos o direito de tomar quaisquer resoluções, esquecendo que estamos investidos de uma missão oficial do Instituto Zoológico de Londres. Em que consiste essa missão? Em verificar a veracidade das afirmações do professor Challenger. Já a verificamos. Se nos metermos em novas aventuras por conta própria, estamos arriscando deixar a ciência humana sem o precioso testemunho que ela espera de nós.

Confesso que esse ponto de vista me impressionou. O próprio Challenger pareceu hesitar com a idéia de que, se morrêssemos todos amanhã, o mundo ficaria sem provas de que ele não era um charlatão. Mas a curiosidade científica foi mais forte em seu espírito.

— Que nada! — exclamou ele. — Estamos diante de uma região que abre às ambições de um naturalista o campo mais rico e deslumbrante e o senhor propõe-nos abandoná-la quando apenas temos dela um aspecto sumário? Que monstruosidade!

— Entendo que em primeiro lugar—replicou Summerlee — está o cumprimento de nosso dever. Depois poderemos voltar com uma expedição digna da grandeza desse estudo, munidos de material conveniente. Por agora, nada mais nos resta fazer. O professor Challenger é quem nos pôs aqui.

Considero-me no direito de reclamar de seu engenho um meio que nos faça sair daqui.

— Às suas ordens — declarou majestosamente Challenger.— À primeira vista, o problema de descer daqui apresenta dificuldades formidáveis, mas minha inteligência certamente não tardará a encontrar uma solução. Mas recuso-me a abandonar este platô sem levar dele ao menos algo que se pareça com um mapa.

— Como, se não há aqui uma colina, uma montanha, uma elevação qualquer que nos permita uma vista geral?

Nesse momento eu tive uma inspiração e ergui a cabeça para contemplar a folhagem de um carvalho colossal, que se erguia junto ao lugar que estávamos. Subindo naquela árvore poderíamos talvez avistar toda a extensão do platô.

— Magnífico!... magnífico!... — exclamou Challenger, compreendendo meu pensamento. — O meu jovem amigo tem condições para realizar os mais variados atos de acrobacia...

— Com efeito — disse por sua vez lorde Roxton, batendo-me afetuosamente nas costas. — É de admirar que não nos lembrássemos disso há mais tempo. É inconcebível! Pena é que a hora já esteja tão adiantada... Em todo caso, leve um caderno, um lápis, e trate de desenhar os contornos gerais dessa terra.

Como o tronco se erguia liso até dois metros e meio de altura, fizemos uma pirâmide com três caixas de munições e, subindo nela, lorde Roxton auxiliou-me para que eu alcançasse os primeiros galhos. Entrei, então, pela ampla folhagem, subindo de galho em galho, como por uma escada. Não me era possível calcular em metros a altura já alcançada, mas ouvia a voz rouca de Challenger já muito distante e, quando erguia a cabeça, ainda não via a folhagem tornar-se menos espessa acima de mim.

Detive-me para repousar em um grande ramo transversal e, como houvesse ali um enorme tufo de orquídeas, curvei-me para ver o que haveria por trás dele...

E quase caí de surpresa e horror.

A um ou dois palmos de meu rosto havia um rosto, que me fitava também; um rosto humano; isto é, mais humano do que o de todos os macacos que eu conhecera até então: longo, branco, com feridas purulentas, o nariz achatado, maxilar inferior proeminente, um colar de pêlos rijos, olhos luzentes de ferocidade bestial sob supercílios espessos, dentes curvos e pontudos...

Durante um instante, li em seus olhos uma expressão de ódio e ameaça. Depois, rápida como um fulgor, espalhou-se naquela face uma expressão de terror infinito... E ele desapareceu. Ouvi um rumor de galhos partidos e entrevi um corpo coberto de pêlos longos e avermelhados, que a folhagem ocultou logo.

— Que foi isso? — bradou lorde Roxton, lá debaixo, de certo inquieto com o barulho dos galhos.

— Caiu alguma coisa aí? — perguntei.

— Não... Apenas ouvimos um barulho.

— Está bem — gritei ainda.

Como, certamente, a estranha criatura continuava oculta por ali, naquela vasta folhagem, perguntei a mim mesmo se não seria mais prudente descer. Mas estava já tão próximo do cimo que tive vergonha de voltar ao solo sem ter tido uma visão do platô.

Continuei minha ascensão sem outros incidentes. Os galhos tornaram-se mais finos e a folhagem mais rala. O vento fustigou-me o rosto e, afinal, instalado na bifurcação de dois ramos, tive diante de mim o panorama da Terra de Mapple White.

Como já imaginávamos, o platô era mais baixo no centro, formando uma espécie de taça ou bacia oval, com umas trinta milhas por vinte, e um lago que podia ter duas milhas de margem. Esse lago era verde, muito belo, com bancos de areia branca e nele andavam formas escuras e alongadas, que podiam ser botes ou, quem sabe, jacarés. Com o binóculo verifiquei que essas formas se moviam, mas não pude distinguir o que eram.

Do local em que nos achávamos, os bosques estendiam-se por cinco ou seis quilômetros em direção ao lago central. O lado oposto do platô era inteiramente diverso: eriçado de blocos de basalto, formando amontoados ou paredões, um dos quais apresentava uma muralha a pique com cerca de sessenta metros de altura. Próximo ao solo, havia nesse paredão numerosos pontos negros, que deviam ser entradas de cavernas. Em um desses buracos havia uma coisa branca, que não pude distinguir bem.

A tarde ia caindo rapidamente e eu me apressei em desenhar o mapa para aproveitar a luz do dia.

Quando a escuridão era já quase completa, desci afinal e narrei o estranho encontro com o homem-macaco.

— É curioso — murmurou Challenger. — Desde o amanhecer este jovem dizia-me sentir uma presença sobre nós... Dir-se-ia que o olhar dessa criatura pesava sobre ele. Por mim confesso que não senti coisa alguma.

— Mas tratemos do caso do ponto de vista científico — atalhou Summerlee. — Qual é a sua opinião?

— Ninguém ignora que há na América do Sul trinta e seis diferentes espécies de macacos; mas nunca tive notícia de que houvesse por aqui nenhum antropóide. Pode também ser que Malone tenha encontrado em cima dessa árvore um simples gorila...

— Mas também os gorilas só foram encontrados até agora na África ou na Ásia — protestou Summerlee. — Além disso, Malone informa que o rosto visto por ele era sem pelo e quase branco; o que afasta a hipótese de um gorila. Mas seja lá o que for — acrescentou ele, com um assomado de energia —, já que a coragem e a agilidade do nosso jornalista proporcionou-nos um mapa deste platô, creio que o que temos a fazer é sair daqui o mais depressa possível.

— Amanhã tratarei desse problema — concedeu majestosamente Challenger. — Mas podemos aproveitar a noite para, ao menos, estabelecer uma nomenclatura para este mapa. Que nome daremos a este lago? — perguntou, pousando a ponta do lápis sobre meu desenho.

— Por que não aproveitar a ocasião para perpetuar seu próprio nome? — propôs ironicamente o professor Summerlee.

— Meu nome receberá a gratidão da posteridade — mugiu Challenger com cólera. — O último dos ignorantes pode impor-lhe o seu, infligindo-o a um rio ou a uma montanha. Eu dispenso semelhante comemoração.

Summerlee ia replicar, mas felizmente lorde Roxton interveio.

— Eu acho que o direito de batizar este lago cabe ao autor do mapa. Será o lago Malone.

— Bravo! Perfeito! — mugiu Challenger.

— Magnífico — concordou Summerlee.

— Perdão — disse eu, corando um pouco. — Se me cabe o direito de batizá-lo, eu prefiro que se chame lago Gladys.

— Não acha que lago Central seria melhor? — atalhou Summerlee.

— Prefiro lago Gladys.

Challenger olhou-me com simpatia e sacudiu a cabeça, numa atitude fingidamente desconsolada.

— Um menino enamorado... — disse ironicamente. — Que seja, então, lago Gladys.

E todos aceitaram o nome de minha amada.

CAPÍTULO XII

APAVORANTES TREVAS

Tudo aquilo encheu-me de orgulho. Graças à minha cooperação naquela aventura prodigiosa, pude fazer o nome de Gladys integrar uma das mais sensacionais obras científicas de nosso tempo. Também o fato de ter sido elogiado por três homens tão importantes, como meus companheiros de empreitada, deixou-me entusiasmado. Eu era o mais jovem do grupo, e esse fato, aliado à minha natural falta de experiência em relação aos outros, havia-me colocado, por assim dizer, numa situação subalterna. Agora, contudo, sentia-me no mesmo nível deles, e não percebi que todo aquele orgulho e auto-satisfação conduziria-me a uma terrível experiência. Infelizmente, pude compreender por que popularmente se diz que "quanto maior a altura, pior a queda".

Estava eu excitado a tal ponto com aqueles acontecimentos que fiquei por muito tempo deitado sem poder dormir. O turno de guarda cabia a Summerlee e eu via-o, anguloso e desajeitado, sentado junto à fogueira, com o rifle atravessado entre os joelhos.

O luar estava esplêndido e o sono teimava em não chegar... Veio-me a tentação de fazer um passeio até o lago.

Havíamos decidido que partiríamos no dia seguinte e eu não queria abandonar aquela terra misteriosa sem informações mais seguras sobre o lago Gladys. Que perigo poderia ameaçar-me nessa exploração? O luar tornava tudo tão visível como em pleno dia... Além disso, eu levava meu rifle. Enchi os bolsos de cartuchos e esgueirei-me fora do acampamento, sem que Summerlee — a mais distraída das sentinelas — desse por conta disso. Na minha cabeça ressoavam as palavras de Gladys: "O mundo está cheio de possibilidades de heroísmo." Lembrei-me também de McArdle e das glórias que colheria ao ver meu artigo consagrado nas páginas do jornal.

Porém, havia caminhado apenas uns cem metros e já começava a deplorar minha imprudência. Eu sou demasiadamente imaginativo para poder ser, de fato, o que chamam de um homem corajoso. Tenho coragem para fazer frente aos acontecimentos que se apresentam; mas diante do desconhecido minha imaginação e fantasia aumentam a pressão nervosa a tal ponto que duplicam os

riscos possíveis. Mas o brio, o medo de mostrar que tinha medo impeliu-me para diante, com o coração apertado no peito.

O aspecto da floresta era de enregelar. Em alguns lugares, as árvores eram tão juntas que a folhagem não deixava passar um só raio de luz. Eu caminhava no meio da mais completa escuridão e recordava os gritos horrendos do iguanodonte estrangulado e despedaçado na noite anterior; pensava no focinho pustulento, que vira à luz do archote de lorde Roxton. Andaria ele por ali também hoje? Por que não acreditá-lo? E eis que, fazendo o gesto instintivo de engatilhar a arma, verifiquei que, em vez de um rifle, trouxera a espingarda de caça.

Senti de novo e furiosamente a tentação de voltar; mas a vaidade não me consentiu.

Cheguei afinal ao limite da floresta e, então, a planície dos iguanodontes, toda enluarada, pareceu-me ainda mais temível. Oculto atrás de um arbusto atarracado, observei prudentemente o espaço deserto. Não havia ali agora um só animal. Teriam todos procurado outro abrigo após o drama em que um deles fora a vítima?

Enfim, como nada se movia ali, tomei ânimo e atravessei rapidamente a clareira indo encontrar do outro lado, em um bosque ralo, o riacho que me servia de guia. Era bastante seguir o curso dessa água cantante para alcançar o lago.

O bosque rareava cada vez mais e era substituído por um prado de ervas como eu nunca vira tão altas. Um pterodáctilo passou sobre mim em vôo bastante baixo, mas não deu por minha presença. Ainda assim, eu me deitei entre a relva e fiquei seguramente um quarto de hora sem ousar erguer-me.

Quando recomecei a andar, ouvi um ruído singular de chaleira que ferve. A proporção que me adiantava esse ruído tornava-se mais distinto; portanto devia partir de uma causa fixa e era evidente que eu me aproximava dessa causa.

Não tardei a encontrar a fonte desse ruído. Era de fato uma fonte — não muito maior que a bacia do chafariz de Trafalgar Square (Nota 10) —, uma espécie de *geyser,* que expelia um líquido negro e lamacento. Tinha eu ali uma prova de que as forças vulcânicas, que haviam criado aquele platô, ainda não estavam totalmente extintas. Da fonte emanavam fortes ondas de calor e o solo estava tão quente que eu mal aguentava apoiar nele a minha mão. Como mais uma evidência da presença de atividade vulcânica, percebi, em vários pontos, rochas enegrecidas e pequenos montes de lava, parcialmente encobertos pela vegetação.

Aquele poço de asfalto — era asfalto, como pude constatar — era um sinal efetivo de que havia atividade vulcânica na velha cratera, sem sombra de dúvida. Contudo, interrompi minhas investigações, pois tinha de voltar para o acampamento antes do amanhecer.

Segui por outra clareira, que atravessei trêmulo e apressado, esgueirando-me pelas raras linhas de trilhas e por vezes rastejando... Por todos os lados andavam sombras, que pareciam tão assustadas como eu. Naturalmente a proximidade do lago atraía todos os habitantes vivos do platô... Meu relógio marcava uma hora quando, afinal, vi a cintilação da água diante de meus olhos. Mais uns vinte minutos de marcha precipitada e cheguei aos juncos que emolduravam o lago.

Extenuado pela longuíssima caminhada, deitei-me e bebi grandes goles daquela água que era doce e fresca. Mas uma larga pista, coberta de pegadas, mostrou-me que aquele era o caminho habitual de muitos animais e tratei logo de me afastar, subindo para um bloco isolado de lava. Instalado nesse pedestal eu podia contemplar um amplo horizonte em torno de mim. E a primeira coisa que avistei, encheu-me de assombro.

Já disse que do alto da árvore eu vira um paredão de basalto, com pontos escuros, que pareciam entradas de grutas. Agora, olhando para esse paredão, eu via todos aqueles orifícios iluminados... Sim, iluminados, como as escotilhas de um transatlântico. Por um instante julguei que aquilo fosse reverberações de lava ardente; mas, reparando bem, reconheci que se tratava de fogos; uns maiores, outros menores, com chamas que se moviam. Havia, pois, nessas cavernas, fogueiras que só podiam ter sido armadas e ateadas por mãos humanas. Existiam então habitantes humanos naquele planalto?... Sim, eram homens... Que justificação gloriosa para a expedição!... Eu já via, inclusive, a manchete estampando a minha matéria no jornal, e aqueles acontecimentos repercutindo em toda Londres!

Fiquei ali por muito tempo contemplando aquelas luzes que vacilavam. A despeito da distância em que me achava delas, distingui que muitas vezes se empanavam por instantes como se alguém passasse diante da abertura da caverna. Que não daria eu para me aproximar e surpreender o aspecto daquela gente, seus costumes, o modo como vivia.

O lago Gladys, a meu lado, refletia a Lua. Era pouco profundo, pois em muitos pontos emergiam dele bancos de areia. Contudo, parecia cheio de vida, pois, a cada momento, desenhavam-se em sua superfície círculos e rugas

certamente causadas por seus habitantes aquáticos. Sobre um dos ilhotes de areia andava uma espécie de cisne enorme. De súbito surgiram em terra, bem próximo de mim, dois outros animais; pareciam tatus do tamanho de carneiros. Chegaram à borda do lago e começaram a beber; mas, de repente, com mostras de grande susto, fugiram. Voltei-me para ver quem os teria assustado e percebi um novo animal, que descia a trilha.

Tive logo a impressão de que já vira aquela forma anteriormente, com o dorso eriçado de lâminas triangulares e uma cabeça de pássaro quase tocando o solo. Depois recordei-me; era o estegossauro, o animal que Mapple White desenhara em seu álbum. O solo tremia sob seu peso e o resfolegar de suas goelas ressoava no silêncio da noite. Durante cerca de cinco minutos a criatura esteve tão perto de mim que eu poderia tocá-la caso estendesse o braço. Depois afastou-se e desapareceu.

Olhei para o relógio e vi que já passava das duas e meia. Precisava voltar ao acampamento. Não teria dificuldades com o itinerário, pois durante todo o tempo eu me mantive próximo do riacho que me conduzia, inapelavel-mente, ao nosso acampamento. Desse modo, parti refletindo que, até então, poucos homens tinham, numa só noite, acumulado tão grande quantidade de informações e uma contribuição fundamental ao saber humano.

Mas quando eu entrava no bosque ralo, antes de chegar à clareira dos iguanodontes, a Lua desapareceu entre nuvens e, quase no mesmo instante, ouvi atrás de mim um rumor insólito e medonho... Era um ronco ou grunhido, abafado mas possante, traindo a presença de um animal temível. Apressei o passo, mas o ruído persistia cada vez mais próximo e ameaçador. O animal, fosse qual fosse, parecia perseguir-me. Senti o coração deter-se, as carnes gelarem, os cabelos se eriçarem. Que poderia eu fazer contra os monstros espantosos daquela região maldita? Lembrei-me do sapo apocalíptico que lorde Roxton afugentara na véspera. Meus joelhos entrechocavam-se; mas tudo me pareceu preferível ã incerteza. Detive-me e voltei-me. Não vi coisa alguma. Nada se movia no horizonte levemente prateado pelo luar; mas o grunhido sinistro fez-se ouvir uma terceira vez e ainda mais próximo. Não havia dúvida; eu estava sendo perseguido e meu perseguidor ganhava terreno sobre mim.

Fiquei imóvel, esperando e, de repente, vi... um grupo de árvores abrir-se e um grande vulto aparecer saltitando... Vinha de pé sobre as patas traseiras, como um canguru, e tinha o tamanho de um elefante. Pela forma geral, pareceu-me a princípio um iguanodonte mas, quando lhe vi a cabeça larga e achatada,

reconheci o animal horrendo que, na véspera, tentara forçar nosso reduto. Ademais, seus gritos ferozes e a insistência com que me seguia denunciavam claramente um dos grandes dinossauros carnívoros que habitavam aquele platô. Enquanto avançava, ia farejando meu rastro, encostando o enorme focinho no chão a cada vinte ou trinta metros. Por vezes, perdia a minha direção, mas ao sentir o cheiro vinha novamente pulando veloz atrás de mim.

Ainda hoje, sinto um suor gelado correr pelo meu rosto toda vez que recordo esse momento. Que podia eu fazer? Eu tinha nas mãos apenas uma espingarda de caça, arma inútil contra aquela criatura espantosa. O fato é que, na fuga, olhava desesperadamente em volta, à procura de alguma pedra ou árvore sólida o bastante para me servir de abrigo... Mas estava numa planície coberta de arbustos raquíticos. .. Vencer aquele animal em uma corrida? Seria loucura tentá-lo sequer; mas, como não havia outro recurso, atirei-me por uma trilha aberta entre as ervas soltas, abandonando a espingarda para ter os movimentos mais livres. Corri como nunca havia corrido em toda a minha vida, espicaçado pelo tropel da fera, que me perseguia. Esse tropel aproximava-se... Eu estava perdido. Com um alarido desatinado de pavor, ganhei novo ímpeto e, de súbito, o solo estalou sob meus pés e senti-me cair no vácuo e na escuridão.

Quando voltei do ligeiro desmaio que se seguiu à minha queda, a primeira sensação que me dominou foi a de um odor fétido. Estendi as mãos na sombra absoluta que me rodeava. Uma delas bateu sobre um osso e a outra sobre não sei o quê, de mole e viscoso, devia ser carne em putrefação. Acima de mim havia uma abertura quase circular pela qual eu via o céu estrelado.

Era noite ainda: portanto meu desmaio devia ter durado apenas alguns minutos. Compreendi a situação. Em minha correria alucinada eu caíra bruscamente em uma cavidade do solo, cavidade na qual, antes de mim, um animal qualquer caíra e morrera. Ergui-me vagarosamente. Tinha o corpo dolorido dos pés à cabeça; não havia em mim um só músculo que não estivesse esgotado pela fadiga. Olhei para cima, receando ver a cabeça do monstro, à minha espera. Mas não... O orifício da cova recortava-se nitidamente no azul do céu. Também não ouvia rumor algum. O animal perdera minha pista ou desviara-se perseguindo outra presa mais fácil.

Então, mais tranquilo, comecei a dar voltas em minha prisão improvisada. Era uma cova redonda, com paredes lisas e estava cheia de restos de carne em adiantado estado de putrefação. O lugar todo era de uma horrenda e venenosa insalubridade. Tateando naqueles despojos infectos encontrei um poste tão alto

que minhas mãos não lhe alcançavam a extremidade.



Lembrei-me de que tinha no bolso uma caixa de fósforos. Risquei um e, através de sua luz vacilante, pude compreender em que espécie de cova havia caído. Sem dúvida alguma, aquilo era uma armadilha feita por mãos humanas, com inteligência humana. No meio da cova havia um poste com três metros de altura e ponta cuidadosamente acerada. Todo o poste estava negro do sangue dos animais que já nele se tinham empalado. Lembrei-me de Challenger ter afirmado que o homem não sobreviveria naquele platô porque não poderia resistir aos animais gigantescos e formidavelmente armados que o infestavam. Pois bem, aquele fato demonstrava o contrário: mais fraco e sem armas naturais, o homem tinha o desenvolvimento cerebral que lhe permitia dominar os monstros, por mais fortes e ágeis que fossem.

Mas que fim havia levado o que me perseguira? Os dois professores afirmavam que aqueles brutos eram quase desprovidos de cérebro; talvez aquele tivesse continuado a correr estupidamente, perdendo a minha pista.

Assim era, com efeito. Agarrando-me a restos de raízes e asperezas, consegui subir até a beira do buraco e verifiquei, aliviado, que os arredores estavam completamente desertos. Pus então os pés no solo, mas sabe Deus em que estado! Imundo e arrastando-me. Fiquei ainda por algum tempo imóvel, de ouvido alerta e pronto a saltar de novo para a cova, caso ouvisse algum rumor suspeito. Depois, tranquilizado pelo silêncio, esgueirei-me pela vereda que me trouxera até ali. Tive a sorte de encontrar minha espingarda, apanhei-a e retomei o caminho para o acampamento.

O estampido de um tiro ao longe deteve-me de súbito. Nada mais ouvi. Que novo perigo ameaçaria meus companheiros?

Era dia já claro. Talvez eles estivessem simplesmente caçando. Mas nesse caso já tinham dado por minha ausência e eu devia apressar-me para que eles não me julgassem perdido ou morto. Talvez o tiro tivesse apenas o intuito de atrair-me. Mas, tendo lorde Roxton aconselhado que evitássemos os tiros, decerto só lançaria mão da arma em circunstância muito grave...

Não sabendo o que pensar, precipitei os passos. Fatigado, porém, como estava, não conseguia correr. Mas, enfim, atravessei a floresta que me separava do acampamento e soltei um grito vigoroso para prevenir lorde Roxton. Não tive resposta e, chegando à borda do platô, em vão os procurei. O acampamento estava tal qual eu o deixara; mas a porta estava aberta; todas as nossas bagagens espalhadas na maior confusão e, junto às cinzas ainda quentes de nossa fogueira,

estendia-se uma larga poça de sangue. Fiquei um instante atordoado de surpresa e horror. Depois atirei-me novamente para o bosque, com gritos e gestos de um louco. Que teria havido, santo Deus? Que fim teriam tido meus companheiros? E que ia ser de mim, abandonado e só naquela região fantástica? Ao fim de certo tempo, minha exaltação foi substituída por um desânimo absoluto e sen-tei-me a refletir.

Evidentemente meus amigos tinham sido atacados de surpresa, pois só houvera tempo para disparar um tiro e os rifles tinham ficado ali, caídos no solo. Todos os demais objetos estavam em desordem, amassados ou partidos; mas estavam ali todos, com exceção das munições de boca. Portanto, o ataque devia ser atribuído a animais. Homens teriam levado também objetos. Mas eu refletia que um animal tê-los-ia massacrado ali mesmo... E só havia ali uma mancha de sangue. Um monstro como o que me atacara teria talvez levado um dos exploradores; mas nesse caso os outros tê-lo-iam perseguido e por isso teriam levado os rifles. Quanto mais eu refletia mais me parecia difícil encontrar uma explicação plausível. Examinei a parte do bosque mais próxima do acampamento, mas não descobri indício algum. E assim, durante uma hora, andei às tontas, sem ânimo para tomar uma decisão.

Depois, a lembrança de Zambo veio trazer-me novo alento. Não! Eu não estava inteiramente só naquele recanto do mundo. A meu primeiro apelo da borda do platô, o bom negro acudiu com todos os dentes a mostra, acompanhado por um índio. Esperei que ele subisse a agulha rochosa e, quando o tive ao alcance de minha voz, relatei-lhe o desaparecimento de lorde Roxton e dos dois professores.

— Foi Curupira que levou eles — gemeu Zambo, chorando copiosamente. — Essa terra é enfeitiçada. Também precisa fugir daí, senão Curupira o leva também.

— Mas fugir como? — perguntei desolado. — Como eu vou descer?

— Corte cipó no mato e amarre uns nos outros até chegar ao chão.

— Já andei a procura disso; mas os cipós que encontrei são muito fracos, não me aguentam...

— Mandarei buscar cordas, Sr. Malone.

— Como assim? Onde?

— Na aldeia dos índios, senhor. Há muita corda de couro por lá. O índio

pode buscar.

— Quem é ele? — perguntei.

— Um dos que estavam com a gente. Os outros bateram nele e lhe roubaram o dinheiro. Ele voltou e está pronto para ajudar...

— Espere... creio que ele poderia levar uma carta.

Foi o que pensei no momento: o índio poderia levar uma carta com meu pedido de socorro. Mesmo que ninguém viesse nos ajudar, ao menos não morreríamos em vão e a Inglaterra e o mundo não ficariam privados de informações sobre a epopéia magnífica que havíamos experimentado. Eu tinha duas, já prontas, narrando acontecimentos anteriores *ao* dia de hoje. Entreguei-as a *Zambo, junto com* alguns dobrões de ouro, para que os mostrasse ao índio dizendo que seriam dele caso retornasse. Como o índio deveria voltar com as cordas ao anoitecer, sentei-me imediatamente para escrever uma terceira carta em que relataria os acontecimentos até aquele instante.

Faço essa narração, caro Sr. McArdle, para que possa entender como esta carta lhe chegou às mãos, bem como para que o senhor possa conhecer tudo o que até agora desvendamos sobre este mundo perdido. Esta pode ser a última comunicação deste seu infeliz correspondente.

Sinto-me sem energias para pensar, para estabelecer alguma estratégia. Amanhã, quem sabe, estarei melhor e poderei tentar descobrir algum indício do paradeiro de meus desafortunados companheiros de aventura.

CAPÍTULO XIII

Uma Cena que Nunca Poderei Esquecer

Quando o Sol já ia declinando, voltei a nosso devastado acampamento: o índio não havia retornado e Zambo dormia estirado ao pé da agulha rochosa. O sono pesava-me sobre os ombros com irresistível vigor. Mas podia eu adormecer naquele precário abrigo?

Era imprudente... Mas também como passar uma nova noite em claro? Buscando encontrar um outro lugar para dormir, subi até um galho de uma enorme figueira, mas não encontrei uma acomodação segura: eu certamente cairia dali tão logo adormecesse, e não estava em meus planos quebrar o pescoço daquela maneira. Desse modo, desci para o chão e pensei sobre o que fazer. Enfim, fechei o portão de arbustos, acendi três fogueiras formando um triângulo e, depois de comer razoavelmente, deitei-me entre elas e adormeci num sono de pedra. Na manhã seguinte, quando o Sol já despontava, alguém despertou-me sacudindo meu ombro com força e, assustado, tentei achar o fuzil com minha mão tateante.

Logo, porém, soltei um grito de alegria ao perceber que era ele: lorde Roxton. Estava quase irreconhecível: esfarrapado, o rosto cheio de arranhões e sujo de sangue e terra, olhos atônitos, ofegante como se tivesse corrido desesperadamente durante muito tempo. Arregalei os olhos de espanto ao vê-lo assim descomposto, mas ele não me deu tempo para fazer qualquer indagação. Enquanto falava, atropeladamente, ia pegando mantimentos:

— Depressa — disse-me com voz entrecortada. — Cada segundo é fatal... Apanhe dois rifles, eu levarei outros dois... Encha o bolso de cartuchos... Depressa, senão esta mos perdidos.

Ainda estonteado, obedeci maquinalmente e saí correndo pelo bosque, atrás de lorde Roxton, com um fuzil sob cada braço e várias latas de alimentos nas mãos. Ele seguiu por entre a parte mais densa da mata, correndo, como um autômato, sem se importar com os espinhos. Finalmente estancou, atirou-se de bruços numa clareira da mata, puxando-me para si.

— Ah! — disse-me, por fim, ofegante. — Eles irão diretamente para o acampamento. Será a primeira coisa que eles vão fazer... Acho que nós podemos respirar um pouco aqui.

— Mas que houve? — perguntei ansiosamente, enquanto tentava retomar o fôlego. — Onde estão os professores? Quem é que nos persegue?

— Os homens-macacos. Que criaturas terríveis! Fale baixo que eles têm ouvidos e olhos apuradíssimos... mas acho que o olfato deles é ruim, creio que não vão nos farejar. E quanto a você? Onde andou você toda a noite passada? Bem, foi melhor para você...

Expliquei-lhe rapidamente o que fizera, o que me acontecera.

— Que experiência! — murmurou o lorde, quando lhe falei de minha queda no buraco dos dinossauros. — Eu gosto de aventuras, porém esta é capaz de me tornar caseiro pelo resto da existência.

E resolveu-se afinal a contar o que passara.

— Ao que parece, os homens-macacos tinham se reunido durante a noite na grande árvore que dominava nosso acampamento. Ao amanhecer caíram subitamente sobre nós. Eu ainda cheguei a furar a barriga de um deles com um tiro, mas não pude resistir ao número nem à força prodigiosa dos atacantes. Amarraram-nos fortemente com cipós e levaram-nos. Falavam entre si... Sim, falavam: uma espécie de onomatopéia incompreensível para nós, mas perfeitamente articulada. Levaram-nos para uma clareira como esta e sentaram-se em torno de nós com expressão furiosa. O cúmulo é que, em vez de ficar quieto, Challenger resistia e esbravejava como um doido, mesmo estando, como todos nós, amedrontado. Num certo momento, ele levantou-se e começou a gritar, loucamente, que eles terminassem logo com aquilo. Xingou até não poder mais, de uma forma tal que provavelmente nunca fizera nem mesmo com os seus colegas jornalistas.

— E, então, o que eles fizeram?

Eu estava absolutamente estarrecido com a história que lorde Roxton narrava para mim. Ele sussurrava ao meu ouvido, ao mesmo tempo em que seus olhos permaneciam alertas e a mão empunhava o fuzil engatilhado.

— Pensei: é o nosso fim. Mas os homens-macacos ficaram a conversar longamente o tatibitate deles, aparentando calma. Por fim, um deles colocou-se ao lado de Challenger e, apesar da situação trágica, tive vontade de rir. Havia

entre aquele velho homem-macaco, o chefe do bando, e o ilustre professor uma semelhança... ou, pelo menos, um ar de parentesco indiscutível. Como Challenger, ele tinha o corpo curto e atarracado, ombros e peito enormes, rosto vermelho e uma barba branca e comprida, sobrancelhas eriçadas, e o mesmo olhar insolente do nosso
professor, como que permanentemente perguntando: "Quem é você, seu idiota?" A cena ficou ainda mais esdrúxula quando o chefão deles colocou a mão no ombro de Challenger, amistosamente. Summerlee, menos senhor dos próprios nervos, não resistiu. Olhou para o grupo e desatou uma gargalhada histérica, interminável... Os homens-macacos riram também... isto é: fizeram grunhidos que pareciam risos abafados... e depois nos arrastaram pela floresta. Não mexeram nas armas nem nas caixas de munições, acho que ficaram com medo, mas levaram toda a provisão que estava fora dos pacotes. Challenger, por seu turno, estava muito bem: quatro deles o carregaram às costas, como se ele fosse um imperador romano...

Mas lorde Roxton interrompeu a narração, ouvindo ao longe um ruído singular, que parecia de castanholas...

— Aí vêm eles — murmurou engatilhando o rifle. — Sabe que ruído é este? É o dos dentes, que esses canalhas batem quando estão excitados. Vamos nos colocar por trás destas pedras. Desta vez não nos apanharão desprevenidos. Ainda está ouvindo...

— Sim; mas agora parece-me mais distante.

— Naturalmente andam batendo a floresta em pequenos grupos e ainda não nos apanharam a pista. Tenho tempo para lhe contar o resto da nossa história.

— Depois dessa conferência, cujo intuito não percebi bem, os monstros levaram-nos para seu aldeamento, que é um grupo de choças construídas com galhos e folhas em um pequeno bosque a cerca de três quilômetros daqui. Aí deitaram-nos sob a guarda de uma sentinela gigantesca, armada com um porrete capaz de esmigalhar um boi. Isto é... quando digo nós, refiro-me a mim mesmo e a Summerlee. Não sei por que o chefe dos homens-macacos, depois de muito discutir com seus camaradas, dedicou a Challenger uma atenção especial. De modo que, enquanto eu e Summerlee jazíamos amarrados como fardos, ele estava comodamente instalado no galho de uma árvore, comendo abacaxis, bananas e outras iguarias, que o chefe lhe mandara dar e de que ele, verdade seja dita, atirava-nos boas porções, disfarçadamente, sempre que podia. Se você o

visse nessa atitude, conversando com seu irmão gêmeo!... O professor, tão irascível e impaciente, sabe adaptar-se às situações e, nesse momento, portou-se com habilidade admirável. Como o chefe parecia interessar-se por todos os seus gestos, ele tratava de distraí-lo, movendo sem cessar e falando em todos os tons possíveis para que o outro apreciasse os seus recursos vocais. De bom humor, ele entoou, em diapasão tonitroante, o *Rule Britarmia* e não sei mais que canções de estudantes. Mas, é claro, nós não estávamos com disposição para risos. E eu só pensava em você, dizendo comigo: se Malone não morreu por aí, há de acabar por aparecer e, bem armado, talvez consiga salvar-nos.

— Ah!... E você precisa saber de outra coisa... — continuou ele. — Você disse que viu fogueiras e outros sinais reveladores da presença de homens neste platô... Pois fique sabendo que nós vimos esses homens, esses infelizes indígenas, que passam aqui a existência mais miserável que é possível imaginar. Vivem do outro lado do platô, onde você viu cavernas; os homens-macacos vivem deste lado e há entre eles guerras de morte. Esta é a situação, da forma como pude perceber. Ontem, os homens-macacos conseguiram, não sei como, aprisionar uma dúzia de indígenas e nós tivemos, bem a contragosto, a ocasião de observar a que horrores chega essa guerra sangrenta entre eles. Os desgraçados prisioneiros, quando chegaram ao acampamento em que nos achávamos, vinham já cobertos de sangue dos ferimentos e dentadas que tinham recebido. Logo, mataram dois a pauladas; foi monstruoso, praticamente arrancaram o braço de um. Eles morreram bravamente, mal deram um pio... Em seguida, o espetáculo horroroso continuou. Lembra-se daquela moita de bambus, que vimos lá embaixo e onde estava espetado o esqueleto do companheiro de Mapple White? Ali é o campo de execuções dos homens-macacos. Exatamente por cima dessa moita, há no platô uma esplanada onde esses monstros se reúnem para consumar o morticínio de seus prisioneiros. Atiram-nos lá de cima e seu divertimento consiste em verificar se eles esborracham-se no solo ou ficam empalados nos bambus. Obrigaram-nos a assistir uma dessas cenas. Quatro dos indígenas foram atirados e atravessados pelos bambus como se fossem pedaços de manteiga. Não é de estranhar, portanto, que tenhamos encontrado o esqueleto do americano, lá embaixo...

— Os outros seis foram reservados para hoje e, pelo que percebi, eu e Summerlee devíamos suportar o mesmo suplício. Isso me deu coragem para tentar a fuga. Só podia contar comigo para essa empreitada porque os dois professores, mesmo na situação em que se acham, não entram em acordo. A

única vez em que puderam trocar algumas palavras, desde que estão prisioneiros, entraram a discutir furiosamente e a trocar insolências discordando sobre a classificação científica dos homens-macacos. Um afirmava que são *pithecantropus;* outro jurava que são *driopithecus...* Doidos, positivamente doidos!... Eu, sem me preocupar em classificações, tinha observado os monstros e notado que eles, prodigiosamente robustos, são entretanto pesados, com pernas curtas, incapazes de vencer em corrida, em campo raso, um homem normal. Além disso, não conhecem armas de fogo... Portanto, se pudesse recuperar meu rifle teria probabilidades de enfrentá-los. Então, esta madrugada, tendo conseguido libertar os braços, dei, repentinamente, um pontapé no ventre de minha sentinela e, enquanto ele se curvava com a dor, fugi. Corri alucinadamente até o acampamento; encontrei você e os rifles e aqui estamos.

— E os professores? — perguntei consternado.

— Ah! É deles que se trata agora. Temos que salvá-los. Infelizmente não podia trazê-los comigo. Challenger estava em cima de uma árvore e Summerlee amarrado. Agora, porém, somos dois e com armas de fogo podemos tentar um golpe de audácia. O pior é que esses monstrengos podem ter tido a idéia de vingar-se de minha fuga, matando-os... Challenger talvez não. Não sei por quê, o chefe dos homens-macacos trata-o com certa consideração; mas Summerlee, coitado... Em todo caso, nada adiantava ficar ali, com eles, para morrer. Livre, eu comecei por livrá-lo de um aprisionamento e talvez possa fazer alguma coisa por eles. Mas é preciso não perder tempo. É preciso tentar o salvamento dos nossos amigos antes que anoiteça...

Estou reproduzindo quase textualmente as palavras de lorde Roxton: o que não é possível reproduzir é o tom ao mesmo tempo nervoso, e até mesmo um tanto humorístico, com que pronunciava cada frase, e o fulgor de seus olhos.

Felizmente, aquele homem era o verdadeiro tipo do soldado: o perigo estimulava sua vivacidade natural; seus olhos animavam-se de vida ardente; uma espécie de jovialidade agressiva eriçava seus bigodes de Dom Quixote. Via-se nele o sentimento intenso do quanto havia de dramático na situação e ao mesmo tempo uma decisão inabalável de lutar, de enfrentar o perigo como um esporte: uma partida atlética tendo por prêmio a vida e por derrota a morte. Não fossem os prodígios de horror que se acumulavam em torno de nós e eu teria verdadeiro prazer em atravessar uma aventura com tão prestigioso companheiro.

Erguíamo-nos já para sair do nosso esconderijo quando lorde Roxton me

segurou pelo braço com energia, murmurando:

— Meu Deus! Aí vêm eles novamente.

Do lugar em que estávamos víamos uma vereda ladeada por grandes troncos. Por essa vereda vinha um grupo de homens-macacos, caminhando cautelosamente uns atrás dos outros, com as costas muito curvadas, as pernas dobradas, as mãos quase tocando o chão. A despeito dessa atitude pareciam ter, pelo menos, um metro e oitenta de altura e seus torsos denunciavam robustez prodigiosa. Alguns deles vinham armados com porretes e, à distância, davam a impressão de um cortejo de homens disformes e peludos. Mas não deram conosco e desapareceram entre a folhagem.

— Desta escapamos — disse lorde Roxton, que conservara o rifle engatilhado. — Mas, por enquanto, o melhor que temos a fazer é ficarmos quietos até que eles desanimem de nos procurar por aqui. Depois, veremos se é possível chegar perto de seu acampamento e atacá-los de surpresa. Vamos esperar uma hora.

Para matar o tempo durante essa hora, almoçamos uma lata de conserva. Lorde Roxton, que desde a véspera apenas tivera como alimento algumas frutas, comia como um esfomeado. Por fim, com os bolsos cheios de cartuchos e um rifle em cada mão, partimos, deixando bem marcado nosso esconderijo, que passara a ser um depósito de todos os nossos bens. Esgueiramo-nos em silêncio e, com mil precauções, seguimos através das árvores até a beira do platô próximo ao Forte Challenger, e ali paramos para que lorde Roxton me expusesse seus planos de ataque.

— Na floresta, esses malditos podem nos dominar facilmente porque sobem nas árvores e atiram-se sobre nós. Vêem-nos e nós não podemos vê-los. Em terreno aberto a situação é outra; mesmo porque não são capazes de nos alcançar em uma corrida. Portanto, o essencial para nós é conservarmo-nos ao ar livre, nas bordas do platô, onde há menos árvores. É por aqui que devemos seguir: vamos lentamente, de olhos alertas e rifles sempre engatilhados. E trate de não atirar ao acaso. Não desperdice as munições.

Entretanto, lançando um olhar para a planície, lá embaixo, eu vi o nosso fiel Zambo, fumando tranquilamente, sentado sobre uma pedra. Eu bem quisera gritar para lhe dar notícias nossas; mas tinha receio de ser ouvido pelos homens-macacos, que deviam andar espalhados pelos bosques.

Fomos seguindo pela beira do platô: por vezes, quando ouvíamos algum

rumor suspeito, ocultavamo-nos entre os acidentes do terreno, e só retomávamos a marcha depois que o silêncio se fazia completo. Por isso, só nos adiantávamos muito lentamente.

Caminhamos assim durante duas horas. De repente, lorde Roxton reconheceu que estávamos próximos do acampamento do inimigo e seus movimentos tornaram-se ainda mais circunspectos. Chegando a certo ponto, ele me fez um sinal para que o esperasse quieto e adiantou-se sozinho, rastejando.

Pouco depois voltou com o rosto transtornado pela impaciência.

— Venha... venha depressa! — murmurou ele com voz entrecortada. — Queira Deus que não seja tarde demais!

Exaltado e trêmulo, arrastei-me sobre os joelhos e as mãos, a seu lado; pouco adiante, deitados lado a lado, olhamos através da folhagem e vimos a vasta clareira.

Passava-se ali uma cena que jamais poderei esquecer: tão fantástica, tão absurda que não sei como descrevê-la; uma cena tal que, depois de a ter contemplado, parece-me impossível que algum dia eu volte a sentar-me em uma poltrona do Savage Club e contemplar as margens do Tâmisa. Dir-se-ia uma visão produzida pelo delírio. Contudo, vou lhes dizer o que vi enquanto conservo a impressão de estar ainda ali. O homem que estava então ao meu lado poderia dizer-lhes se minto.

Abria-se diante de nós um espaço sem árvores, apenas coberto de ervas rasteiras. Havia, em torno, grandes árvores, todas curiosamente "trabalhadas", com os galhos formando ninhos gigantescos, que serviam como habitações dos homens-macacos. Em todos esses ninhos vi faces curiosas, grandes e pequenas. Eram, decerto, as mulheres e filhos daquele povo espantoso.

No espaço livre, à borda do platô, alinhavam-se várias centenas daqueles seres formidáveis. Pelo modo como se mantinham, via-se que havia ali uma certa disciplina, pois nenhum deles tentava sair da fila que tinham formado.

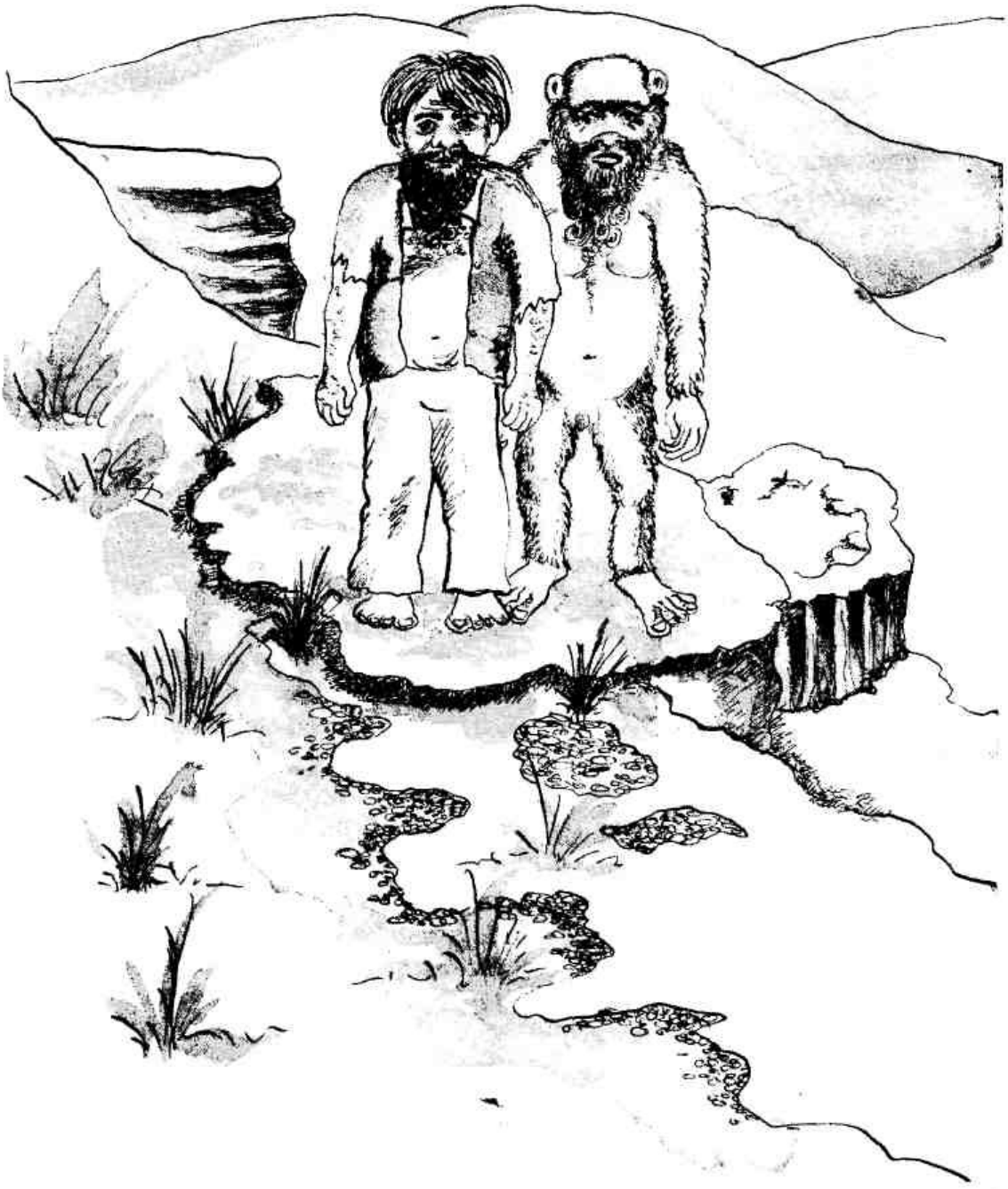
Um pequeno grupo de índios, de estatura mediana, mas bem proporcionados e com a pele cor de bronze polido, estava ao centro, juntamente com um homem branco, muito magro e alto, com as mãos amarradas sobre os rins. Esse homem, que parecia profundamente abatido, era o professor Summerlee.

Uns tantos homens-macacos cercavam os prisioneiros, de modo a impedir qualquer tentativa de fuga. Enfim, um pouco afastado, bem na borda do platô,

havia um grupo tão estranho que em outras circunstâncias poderíamos considerá-lo cômico. Era formado pelo chefe dos homens-macacos e nosso irascível amigo, o professor Challenger.

O que restava de sua jaqueta caía em farrapos sobre seus ombros; a camisa desaparecera e sua barba olímpica, desgrenhada, mesclava-se aos pêlos espessos de seu peito. Perdera o chapéu e seus cabelos eriçavam-se em desordem. Um dia apenas fora suficiente para transformar aquele homem eminentemente civilizado em uma ruína reduzida ao aspecto da mais abjeta selvageria.

O chefe dos homens-macacos, com a pele muito vermelha e as barbas brancas, parecia uma réplica do nosso professor, apenas um pouco mais maciço e disforme; com o crânio um pouco mais baixo e os maxilares um pouco mais espessos. Verdadeiramente, uma caricatura do sábio cientista.



Tudo isso, que me toma tanto tempo para descrever, imprimiu-se em minha memória num segundo. De resto, não era isso o mais interessante. O drama ali estava pungente e esmagador. Dois dos homens-macacos seguraram um dos índios e arrastaram-no. O chefe fez um gesto. Seguraram o índio pelos braços e pelas pernas, balançaram-no duas ou três vezes e atiraram-no com tanta força que o corpo descreveu uma longa curva no ar antes de cair. Toda a multidão de homens-macacos correu para a borda, curvou-se e, pouco depois, ergueu-se numa explosão de alegria louca. Mas logo voltaram ao alinhamento para esperar uma nova vítima.

Havia chegado a vez do professor Summerlee. Dois guardas seguraram-no brutalmente pelos pulsos e puxaram-no. Ele debatia-se como se fosse uma galinha sendo arrastada para o abatedouro. Todo o seu corpo magro e alongado contorcia-se. Mas o infeliz tinha os braços estreitamente ligados ao corpo e não podia resistir com êxito. Challenger, voltado para o chefe, sacudia as mãos freneticamente, implorando pela vida de seu colega. O homem-macaco afastou-o com um movimento rude e agitou a cabeça. Foi o seu último gesto; porque o rifle de lorde John Roxton ressoou subitamente e o rei tombou, como um bloco.

— Fogo!... Fogo sobre os guardas! — bradou lorde Roxton.

Há curiosas profundidades de selvageria na alma do homem mais civilizado. Eu sou de natureza sensível; em minha casa nunca me atrevi a matar uma galinha ou um coelho; mas, ali, foi com verdadeiro gozo que fuzilei aquelas criaturas semi-humanas, visando de preferência o crânio para ter a certeza de matar. Atirava urrando de ferocidade, rindo de alegria bárbara. Com os nossos quatro rifles, eu e lorde Roxton fizemos terrível morticínio. Os dois guardas do professor Summerlee tinham sido os primeiros a morder o pó; porém, ele titubeava ainda no meio da clareira, como se tivesse dificuldade em compreender a situação.

A multidão dos homens-macacos corria alucinada para todos os lados, sem atinar de onde vinha aquele furacão mortal. Turbilhonavam, com gritos descompassados, tropeçando nos mortos, até que, impulsionados por um súbito instinto, correram todos para as árvores, buscando refúgio na escuridão da floresta, deixando na clareira ape-nas os mortos e os prisioneiros.

Mas já Challenger recobrara a lucidez. Segurou energicamente o professor Summerlee por um braço e obrigou-o a correr em direção a nós. Dois homens-macacos tiveram ainda a audácia de persegui-los, mas duas balas do rifle do

lorde Roxton detiveram-nos. Corremos ao encontro de nossos amigos; fornecemos um rifle carregado ao professor Challenger e amparamos Summerlee, que mal se mantinha em pé. Infelizmente, os homens-macacos não tardaram a voltar a si do pânico e muitos deles saíram a correr por entre as árvores com o intuito evidente de nos cercar. Isso obrigou-nos a apressar os passos e tomar uma formação defensiva. Eu ia adiante, de rifle engatilhado, como guarda-avançado; o professor Challenger seguia-me amparando seu colega e lorde Roxton fechava a marcha, protegendo a retirada e abatendo todos os que se mostravam entre os troncos. Caminhamos assim entre três a quatro quilómetros. Depois, os simiescos desanimaram e deixaram-nos seguir em paz. Ao que parece, a certeza da pontaria de lorde John Roxton convencera-os de que só tinham a perder perseguindo-nos daquele modo.

Chegando a nosso antigo acampamento, ficamos afinal sós; isto é — julgamo-nos sós... Engano. Mal fechamos a desconjuntada porta de nosso abrigo e sentamo-nos exaustos para respirar um pouco, ouvimos vozes, gemidos lamentosos em torno da cerca. Lorde Roxton, de rifle em punho, correu para ver do que se tratava: ali, prostrados com os rostos voltados para o solo, estavam os quatro índios sobreviventes, tremendo e implorando nossa proteção.

Os infelizes tinham nos seguido sem que déssemos por isso e, indicando os arredores com gestos assustados, davam-nos a entender que havia perigo por ali e por isso não se atreviam a separar-se de nós.

Lorde John Roxton chamou-nos, mostrou-nos os suplicantes e disse puxando nervosamente a ponta do bigode:

— Que diabo vamos fazer com esses pobres índios?

E, impaciente, acrescentou:

— Vamos, rapazes, parem com isso. Tirem a cara de minhas botas!

— Vamos protegê-los — interrompeu o professor Summerlee, que recuperara instantaneamente a calma, e já preparava o cachimbo. — O senhor nos salvou, e a estes quatro índios também. Foi um ato de bravura, um ato de bravura...

— Apoiado! apoiadíssimo! — mugiu o professor Challenger, sacudindo a barba cada vez mais assíria. — E note que não fomos apenas nós, individualmente, que contraímos com o senhor uma dívida de imorredoura gratidão; mas também a ciência; coletivamente toda a ciência européia, para a

qual o desaparecimento do professor Summerlee e o meu deixariam um vácuo, que não hesito em considerar... como direi?... inestimável. O senhor e o nosso jovem jornalista prestaram um relevante serviço à ciência.

Iluminava-nos com um sorriso opulento, paternal. Mas a verdade é que a ciência européia, se pudesse ver naquele momento seu ilustre representante, espantaria-se com seu aspecto. Com a cabeleira eriçada e as barbas em desordem, o vestuário em farrapos e o peludo peito descoberto, o professor Challenger, sentado sobre os restos de um caixote de munições, tinha entre os joelhos uma lata e gesticulava mantendo na mão direita um pedaço de carne de carneiro australiano em conserva. Os índios, ao vê-lo, tiveram uma impressão muito diversa da que esperávamos. Soltaram gritos de terror e atiraram-se ainda mais desesperadamente às pernas de lorde Roxton.

— Acalmem-se, rapazes — disse o lorde rindo e acariciando-lhes os cabelos. — É um homem, um homem como eu... apenas um pouco mais forte e mais barbado; mas é um homem. À primeira vista talvez não pareça, mas é...

— Senhor!... — bradou Challenger indignado.

— Oh! meu amigo... não há razão para zangar-se... Ao contrário. Todos nós sabemos que sua semelhança com o chefe daqueles macacões foi-nos muito útil...

— Francamente — mugiu o irascível professor. — O senhor está tomando umas liberdades que não sei como tolerar.

— Eu não tenho a menor intenção de molestá-lo. Tra-ta-se de um fato, que...

O professor Challenger fazia um tal esforço para se manter calmo que as volumosas veias de sua fronte pareciam prestes a rebentar. Por fim, conseguiu dizer:

— Lorde Roxton, creio que seria muito conveniente para ambos... mudarmos de assunto. O ponto essencial neste momento é decidir o que vamos fazer com esses índios. O mais racional seria conduzi-los à sua morada habitual... Mas onde será isso? Ninguém o sabe.

— Perdão, eu sei.

— Sim — continuou lorde Roxton. — O Sr. Malone foi esta noite até o lago central e pôde verificar que estes indígenas, positivamente humanos, vivem além desse lago, em cavernas abertas na encosta de uma montanha.

— A que distância mais ou menos?

— Seguramente a uns trinta quilômetros daqui — respondi eu.

— Trinta quilômetros!... — exclamou o professor Summerlee. — Que horror... eu não estou absolutamente em condições de fazer uma caminhada destas. Além disso... Ouçam... Aqueles brutos ainda andam por aí à nossa procura e eu não quero arriscar-me a cair novamente nas unhas deles.

De fato, havia já um instante, ouviam-se de novo os clamores dos homens-macacos nos bosques em torno. E os índios, a nossos pés, gemiam de pavor.

— Ouça, Sr. Summerlee — observou lorde Roxton. — Por isso mesmo não devemos ficar aqui. Este acampamento nada vale como refúgio contra esses brutamontes. Uma caverna, por pior que seja, poderá assegurar melhor nossa tranquilidade. O professor Challenger irá servir-lhe de amparo; esses índios carregarão as bagagens, eu e Malone nos encarregaremos de manter o inimigo a distância... Esse é o meu parecer. Acho que devemos procurar refúgio nas cavernas... E quanto antes, melhor.

Todos concordaram e a marcha foi iniciada no mesmo instante. Infelizmente, o professor Summerlee obrigava-nos a caminhar tão vagarosamente que não nos era possível alcançar o lago numa só esticada. Escolhemos um lugar bem abrigado com rochedos e passamos a noite sempre alerta, com um de nós em sentinela, ouvindo grunhidos e roncos dos homens-macacos de todos os lados.

Felizmente não se atreveram a chegar perto.

Lá pelas tantas, estava eu de guarda quando o professor Challenger ergueu-se e veio sentar-se a meu lado.

— Diga-me, meu caro jovem... — murmurou ele — Você está escrevendo um diário sobre tudo quanto se tem passado em nossa viagem, não é mesmo?

— Para isso é que os acompanhei. Sou testemunha e jornalista.

— Muito bem, certamente. Talvez você tenha escutado as estúpidas observações de lorde Roxton sobre uma possível semelhança entre eu...

— Entre o senhor e o chefe dos...

— Exatamente. Ora é fácil compreender... E o senhor é bastante inteligente... É fácil compreender que qualquer alusão a essas estúpidas palavras de lorde Roxton seriam para mim uma ofensa...

— Perdão — retorqui, sem querer comprometer-me. — Eu me limitarei a

relatar a verdade, exclusivamente a verdade.

— Está muito bem... muito bem... — repetiu o professor, que por sua vez não parecia desejoso de entrar em conflito comigo. — Mas é claro que um jornalista hábil sabe apresentar as coisas... Eu confio em sua discrição... O senhor pode perfeitamente dar a entender que não houve nessa comparação nada de humilhante para mim. Porque afinal o chefe dos homens-macacos não tem as características bestiais de seus subalternos... Pode até ser considerado um tipo realmente superior, com expressão de inteligência notória e quase de beleza... Não lhe parece?

— Como não? Quanto a isso estamos de inteiro acordo — respondi, fazendo o possível para manter-me sério.

— Ah! Ainda bem — murmurou o professor.

E já tranquilo, enrolou-se no casaco e adormeceu.

CAPÍTULO XIV

As Verdadeiras Conquistas

Se nós tivéssemos ainda a ilusão de que os homens-macacos não nos estavam seguindo e vigiando de perto, não tardaríamos a perdê-la. Não ouvíamos nenhum ruído no mato, tudo aparentava uma paz absoluta, mas não podíamos abandonar o estado de alerta, pois os recentes acontecimentos mostravam que não faltavam àquelas criaturas a astúcia e a paciência de nos observar silenciosamente, esperando a oportunidade para atacar. Seja qual for meu destino nessa vida, estou convencido de que nunca vi a morte de tão perto como nessa manhã. Mas deixe-me contar os eventos na ordem em que ocorreram.

Despertamos todos fatigadíssimos e esgotados pela falta de alimentação. Summerlee, principalmente, só se mantinha em pé por força de sua grande perseverança. À vista disso, resolvemos fazer uma refeição, da qual estávamos muito necessitados, e, depois, partiríamos através do platô, contornando o lago, para buscar as cavernas que eu já havia observado anteriormente. Confabulamos acerca de nossas realizações até então, observando que, após nos safarmos das contingências que a ameaça dos homens-macacos apresentavam, poderíamos tentar mais obstinadamente o nosso retorno ao mundo civilizado. Assim, víamos nossa missão quase como concluída, e até mesmo Challenger o admitia, ressaltando que o fundamental, doravante, era de fato reencontrarmos nossos semelhantes para lhes revelar as nossas espantosas descobertas.

Em meio a essas reflexões, tivemos tempo para, igualmente, observarmos melhor os índios que havíamos socorrido. Todos eles eram de pequena estatura e magros, porém rijos, ágeis, com cabelos negros e lisos, atados por uma tira de couro formando um coque no alto da nuca. Tinham as orelhas furadas, mas os brincos que deveriam estar usando haviam sido arrancados pelos homens-macacos, resultando em ferimentos bastante sofríveis. Falavam um dialeto que naturalmente não entendíamos, mas pronunciaram, diversas vezes, a palavra Acate, que deduzimos ser o nome de sua nação. O simples fato de persistirem naquele platô no meio das gigantescas feras antediluvianas e dos formidáveis homens-macacos demonstrava que eles possuíam, além de potência cerebral verdadeiramente humana, coragem admirável.

— O que pensa deles, meu caro professor — indagou lorde Roxton a Challenger. — Parece-me que aquele, com a cabeça um pouco raspada, é o chefe.

De fato, os outros se dirigiam àquele com grandes manifestações de respeito; e mesmo sem essa indicação, era suficiente notar a altivez de suas atitudes para compreender que ele era uma criatura orgulhosa e acostumada a uma posição de mando. Isso comprovou-se, ainda mais, quando Challenger, ao colocar-lhe a mão na cabeça, fez o índio dar um salto violento, como um cavalo esporeado, afastando-se do professor. Então, colocando a mão sobre o próprio peito, num ar de grande dignidade, pronunciou diversas vezes a palavra *Maretas.* Fingindo não perceber a atitude do índio, Challenger aproximou-se dele, segurou-o pelo braço e começou a se referir ao nativo professoralmente, como se estivesse em sala de aula fazendo preleções acerca de uma planta:

— Se o analisarmos detidamente — começou o discurso, com voz tonitroante —, perceberemos que seu tipo, sua conformação craniana, etc, não diferem daquela comum a outros membros de tribos sul-americanas, o que significa dizer que são seres humanos plenamente desenvolvidos. Por outro lado, uma lacuna imensa também separa os homens-macacos das outras espécies que aqui habitam, conduzindo-nos à suposição de que, ao menos em parte, seu processo evolutivo deu-se fora desta região.

— Então, de onde vieram todos eles — perguntou lorde Roxton.

— Trata-se de um tópico que seguramente merecerá calorosas discussões nos círculos acadêmicos tanto da Europa quanto da América — continuou Challenger, estufando o peito solenemente. — Tenho algumas hipóteses. Houve aqui um peculiar processo evolutivo que permitiu tanto a sobrevivência das espécies mais antigas quanto o surgimento das novas. Isso explica que tenhamos encontrado animais, digamos, contemporâneos (como o tapir, o veado e o tamanduá), mas também os espantosos seres jurássicos, todos dividindo o mesmo espaço. Não obstante, tendo a crer que os nossos homens-macacos não são autóctones. É provável que em priscas eras tenha existido na América do Sul um macaco antropóide. Há alguns registros nesse sentido. Pois bem, esse espécime (por uma razão que só a Natureza pode explicar) de alguma maneira encontrou um caminho de acesso para essas paragens e, aqui fixando-se, completou sua evolução, constituindo-se finalmente nas criaturas interessantes e argutas que viemos a conhecer — nesse ponto, Challenger olhou para mim, insistentemente. — Para os índios, a explicação é bem mais simples: sua

imigração deu-se em período mais recente. Talvez impulsionados pela fome ou obrigados a fugir de outras tribos guerreiras, esses nativos deixaram a planície e vieram para cá. Numa luta feroz, defrontaram-se (e ainda se defrontam) com toda uma gama de seres jurássicos, mas, principalmente, com os homens-macacos, inimigos que, além da força, possuem a astúcia. É por essa razão que os índios encontram-se em menor número: estão sendo dizimados. Muito bem, caros senhores, solucionei o enigma a contento ou ainda paira alguma dúvida?

Ao contrário do que Challenger esperava, o professor Summerlee não contestou suas conclusões: estava muito deprimido e cansado para qualquer embate acadêmico; apenas sacudiu a cabeça, num desconsolado sinal de desaprovação. Lorde Roxton, por sua vez, disse que aquele debate fugia à sua especialidade, e desconversou. Quanto a mim, preferi trazer a conversa para um tom mais prosaico: comentei que um dos índios havia desaparecido.

— Mandei-o buscar um pouco de água no regato próximo — disse lorde Roxton.

Pareceu-me imprudente a ordem e, sem nada dizer, apanhei o rifle e saí na direção indicada. O rio de água corrente muito próximo guiava-me e eu adiantei-me vagarosamente com circunspecção. Mas apenas tinha dado uns cem passos, vi no chão, sob uma árvore o corpo ensanguentado do pobre índio. Ele estava caído meio de lado, braços e pernas encolhidos, e a cabeça retorcida, como se tivesse sido puxado por trás. Soltei um grito de terror e também para chamar a atenção de meus companheiros. Creio que meu anjo da guarda estava atento, pois, de súbito, algo me fez erguer a cabeça e eu vi, pendendo da folhagem espessa, dois braços longos, musculosos, peludos. Mais alguns segundos e as grandes mãos traiçoeiras ter-me-iam agarrado pelo pescoço. Assim é que o índio morrera. Pulei para trás, mas infelizmente meu gesto não foi rápido o suficiente. Aquelas mãos não conseguiram segurar-me diretamente pela garganta; porém, uma delas alcançou-me a nuca e a outra passou sobre meu rosto. Ergui os braços para proteger a garganta e, imediatamente, a mão que me cobria o rosto passou a segurar meus pulsos.

Senti-me ligeiramente erguido do solo e ao mesmo tempo uma pressão intolerável forçava-me a cabeça para trás. Entretanto, eu continuava a debater-me... Erguendo os olhos, vi uma face horrenda, com olhos azuis implacáveis, olhos frios, claros, inexoráveis, olhos terríveis com uma espécie de poder magnético que me entorpecia. O monstro sentiu que eu fraquejava e, então, dentes enormes e ferozes despontaram em sua boca. Cinco dedos longos e

ossudos alcançaram mais fortemente o meu pescoço, erguendo-me francamente do solo e, ao mesmo tempo, dobrando-me a nuca para trás com força lenta e invencível.

Vi de novo sobre mim — como um reflexo deformado e monstruoso de um rosto — aquela face lívida, com os olhos azuis, redondos e frios, o nariz achatado, os lábios enormes e sardônicos deixando ver os dentes pontudos... Vi esse rosto que acompanhava no meu a expressão de agonia, com atenção jubilosa... Aqueles olhos, de certo modo, fascinavam-me, e a sensação de aperto na garganta e de flexão na nuca fazia desaparecer em mim todas as sensações do corpo. Eu não sentia os braços nem as pernas; todo o meu corpo parecia ter desaparecido, ter-se dissolvido no ar... E veio-me à memória a lenda de que os enforcados morrem numa espécie de êxtase. Um círculo de bruma vermelha formou-se diante de meus olhos; ouvi vagamente, como se fosse muito longe, o som abafado de um disparo, e perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, estava de novo em nosso esconderijo, deitado sobre a relva, e lorde Roxton aspergia-me o rosto com água, que fora buscar no regato próximo. Todos pareciam muito inquietos, mas eu tivera apenas um princípio de asfixia e não tardei a restabelecer-me.

— Você escapou por um triz, meu caro jovem — murmurou o lorde, com expressão de profundo alívio. — Ouvi seu grito e saí correndo... Quando o vi suspenso no ar, com o pescoço torcido, fiquei tão aflito que errei o tiro. Felizmente o maldito homem-macaco assustou-se também e largou-o logo. Canalha!... Se eu tivesse aqui mais dez atiradores e munições com fartura não descansaria enquanto não exterminasse essa raça de monstros. Não havia de deixar um só para amostra.

O incidente tinha porém uma significação de caráter geral bastante grave. Os homens-macacos não nos tinham perdido de vista e estavam dispostos a seguir-nos e a atacar-nos em todas as ocasiões propícias, especialmente à noite. Portanto, o melhor era partir sem demora; com entes traiçoeiros e formidáveis como aqueles, o mais prudente era alcançar as cavernas o quanto antes. Na floresta não havia segurança possível...

Resolvemos descer ao longo do rio não só porque era esse o roteiro mais seguro como porque, tendo eu já seguido por ali, tínhamos a certeza de que esse caminho daria diretamente nas cavernas. Eu só tinha com isso um pesar: o de perder o contato com o bom Zambo, o único laço que ainda nos ligava ao mundo

civilizado. Enfim... restava-nos o consolo de pensar que ele não abandonaria seu posto e que, voltássemos quando voltássemos, havíamos de encontrá-lo ali.

Partimos. O jovem chefe índio ia à frente, mas recusou, com indignação, carregar qualquer fardo. Os outros é que levaram nossas bagagens já bem magras. Os homens-macacos, que até então tinham se mantido em cauteloso silêncio, saudaram nossa partida com grande alarido, como se triunfassem com isso ou insultassem o que consideravam nossa fuga.

Mas nenhum se atreveu a aparecer e nós seguimos, sem grande imponência, esfarrapados, arrastando as pernas... Não pude deixar de ser irónico ao observar meus três companheiros e a mim mesmo: onde havia ido parar aquele elegante lorde John Roxton com quem eu conversara, entre tapetes persas e quadros de grandes artistas, naquela noite em Albany? E quanto ao acadêmico professor Challenger, de peito inflado e gestos imponentes, em seu suntuoso gabinete de Enmore Park? Sem esquecer, também, o austero e formal professor Summerlee, naquele momento pálida sombra se comparado com a eminência que se ergueu, decidido, na reunião do Instituto de Zoologia. Estávamos em estado pior do que qualquer mendigo da Survey Street. Uma semana de estadia no platô fantástico fora o suficiente para dar a quatro cavalheiros de suprema civilização o mais miserável dos aspectos.

Ia caindo a tarde quando avistamos, afinal, as águas do lago Gladys, e os índios começaram a saltar de alegria, todos apontando para uma mesma direção. Tivemos então o mais imprevisto dos espetáculos; toda uma flotilha de canoas dirigia-se para nós à força dos remos. Estavam ainda a grande distância, mas tão logo puderam distinguir as pessoas de nossa caravana, os tripulantes dos botes ergueram-se com gestos e gritos de grande alegria. Depois, cur-varam-se para os remos com redobrado ardor e, saltando em terra, correram a prosternar-se diante do jovem chefe. Em seguida, um deles, já muito idoso, com braceletes e colar de contas azuis e os ombros cobertos por uma pele de animal, aproximou-se, enlaçou afetuosamente o jovem chefe e começou a fazer-lhe perguntas que, evidentemente, se referiam a nós. O jovem respondeu-lhe sorrindo. Então ele caminhou para nosso lado, abraçou-nos também, um por um, com mostras de grande respeito, e disse qualquer coisa aos remadores, que se atiraram ao solo e mantiveram-se alguns instantes prostrados para nos render homenagem. Senti-me um tanto embaraçado ao receber tal celebração, e o mesmo pude perceber nas fisionomias de lorde John e Summerlee. Challenger, entretanto, viu as coisas de maneira diferente:

— Podem ser subdesenvolvidos — disse, cofiando a desgrenhada barba —, mas sabem reconhecer quem lhes é superior. Isso deveria servir de lição a muitos europeus que se dizem civilizados...

Notei, então, que todos aqueles índios pareciam preparados para uma expedição guerreira; vinham armados com lanças, arcos, flechas e uma espécie de tacape pendurado à cintura. Decerto vinham à procura dos companheiros e dispostos a salvá-los ou vingá-los. Os olhares de cólera, que lançavam em direção à floresta e uma palavra constantemente repetida: *Doda*, levou-nos a compreender que esse era o nome com que designavam os homens-macacos. Pareceu-nos também, pelo modo como se portavam, que o jovem altivo era filho do chefe da tribo; exatamente o velho, que tinha o pescoço e os braços ornados de contas.

Os índios reuniram-se em conselho, sentados no chão em círculo e discutiram animadamente. O jovem chefe fez uma exposição; mais dois ou três guerreiros falaram e todos indicaram o bosque com ardor, como se propusessem uma expedição contra os homens-macacos. O velho fez uma observação e o jovem, correndo a nós, mostrou nossas espingardas para significar que com tais aliados não havia derrota a temer. Os outros aplaudiram, brandindo as armas.

Lorde Roxton, com instinto ardoroso de soldado, compreendera a situação e vibrava de entusiasmo.

— Devemos nos unir a eles. Não fossem os homens-macacos, muitas mortes teriam sido evitadas. Mesmo para nós, não há segurança enquanto aqueles monstros estiverem por aí, nos ameaçando.

E continuou, ainda mais entusiasmado.

— Os índios são nossos amigos. São guerreiros corajosos e odeiam os homens-macacos tanto quanto nós. Vamos lutar, companheiros, para morrermos ou vivermos, pois a coragem é o melhor alimento da alma.

Apesar de *não* entenderem o significado das palavras, os índios prestavam ávida atenção ao discurso de lorde Roxton e, quando ele terminou de falar, explodiram em grande manifestação de euforia, alguns aplaudindo freneticamente, outros agitando suas armas rudimentares. O lorde pediu que eles aguardassem um pouco. Depois, voltou-se para nós:

— Então, o que dizem? Como puderam ver, eu já estou decidido, pois tenho contas a acertar com o inimigo, e não descansarei enquanto não aniquilá-los. E

você, meu caro jovem? — perguntou ele, olhando para mim:

— Eu irei, certamente.

— Challenger?

— Estou pronto a colaborar.

Quando ia fazer a mesma pergunta a Summerlee, este se antecipou:

— Perdão, eu vim aqui em missão científica e não para andar em guerra contra macacos antropóides, à frente de uma horda de selvagens.

— Muito bem — disse lorde John, já impaciente, olhando para o professor Summerlee —, nós estamos dispostos a enfrentá-los. O senhor, se quiser, fique aí.

Como havia o pobre homem de ficar sozinho?

Já em seguida, lorde Roxton, com grandes gestos, indicava aos indígenas que podiam contar com o nosso auxílio. O velho chefe apertou a mão de todos nós, ao mesmo tempo que seus guerreiros exibiram um entusiasmo ainda maior do que haviam demonstrado antes. Mas, como já era muito tarde para tentarmos qualquer avanço naquela noite, resolvemos acampar, esperando o romper do dia. Alguns índios armaram fogueiras e outros, tendo se afastado um pouco, não tardaram a voltar, trazendo um filhote de iguanodonte.

A presteza com que se tinham apoderado do animal e a docilidade com que este se deixou abater levou-nos a compreender que os bandos de iguanodontes existentes no platô estavam domesticados e eram rebanhos que os índios criavam para seu uso, como nós criamos bois ou carneiros. Enormes mas indefesos e quase sem cérebro, aqueles monstros deviam ser, de resto, fáceis de domesticar. Observando melhor, vimos que o iguanodonte tinha, em seu couro, uma mancha de asfalto, e aí compreendemos que aquilo que nos havia causado tanta perplexidade não passava de uma marca de propriedade do rebanho.

Comemos a fartar. Depois, Summerlee, de mau-humor, deitou-se e dormiu ou fingiu que dormia; nós começamos a passear como curiosos em torno do lago. À pequena distância, encontramos duas fossas de argila azul, semelhantes às que já tínhamos visto na cratera dos pterodáctilos. Essas antigas manifestações vulcânicas interessaram profundamente ao lorde Roxton e, principalmente, ao professor Challenger que, mais adiante, encontrando um *geyser* de lama quente, ficou em grande excitação, reclamando um pedaço de bambu e um fósforo.

Quando teve o bambu entre suas enormes mãos, enfiou-o jeitosamente na lama, no lugar em que as bolhas de ar apareciam mais numerosas, e esperou um pouco. Depois aproximou um fósforo aceso da outra extremidade do bambu e ergueu-se ali uma débil chama azul.

O professor soprou-a e, apanhando febrilmente uma bolsa de couro de nossas bagagens, colocou-a sobre a extremidade do bambu. Pouco depois, a bolsa começou a inchar e mover-se, com evidente tendência para erguer-se.

— Magnífico, magnífico! — exclamou o professor, com expressão de profundo júbilo. — Há aqui um gás inflamável, sensivelmente mais leve do que o ar... E não hesito em afirmar que ele contém uma boa quantidade de hidrogênio livre. Meus amigos... o professor George Edward Challenger ainda não esgotou todos os seus recursos. Talvez eu ainda mostre que um cérebro verdadeiramente superior é capaz de utilizar os prodígios da Natureza em seu favor.

Seu vozeirão estrondeava com tal vigor que despertou a atenção de Summerlee e o fez aproximar-se cheio de curiosidade; mas o professor Challenger não se dignou a lhe dar explicações sobre sua descoberta.

Eu não via ali espetáculo mais interessante do que o do lago, o lago que tinha o nome de minha amada. Nossa presença, e o rumor que fazíamos, tinham afugentado de suas margens todos os animais, com exceção de alguns pterodáctilos, que continuavam a planar em círculo, em grande altura. Mas sobre os ilhotes de areia andavam rastejando sombras suspeitas: tartarugas imensas, sáurios de formas curiosas. De repente, ergueu-se num desses ilhotes um vulto enorme e fantástico: um longuíssimo pescoço ondulante, com cabeça pequena e chata, um corpo pesado, em forma de pipa e sem pernas, munido apenas de largas e possantes nadadeiras.

Challenger e Summerlee saudaram esse monstro com expressões de êxtase:

— Um plesiossauro... É um plesiossauro — murmurava Summerlee enlevado. — Estou vendo um plesiossauro vivo... Ah! Professor Challenger, nossos nomes merecem ser abençoados entre os zoologistas de todos os tempos!

Voltamos ao acampamento e adormeci, deixando-os ainda a discutir com excessos de entusiasmo e de termos científicos. Despertamos ao amanhecer e partimos logo para a memorável expedição.

Nossa tropa, reforçada durante a noite pela chegada de muitos outros índios, compunha-se agora de cerca de quinhentos homens. Um batalhão de batedores

foi enviado à frente, enquanto o resto dos homens, formando uma sólida coluna humana, subiam a ribanceira coberta de mato rasteiro até nos aproximarmos da floresta. Nesse ponto, os índios organizaram uma linha, algo sinuosa, de lanceiros e arqueiros. Dois grandes grupos de guerreiros se formaram: Roxton e Summerlee chefiavam o flanco direito; eu e Challenger comandávamos o flanco esquerdo. Assim estávamos nós, numa batalha em plena Idade da Pedra, mas com os conhecimentos da arte guerreira de St. James Street e do Strand.

O inimigo não tardou a aparecer. Estávamos ainda a um quilômetro da floresta, quando um grande grupo de homens-macacos veio a nosso encontro, brandindo seus pesados porretes e atirando pedras. Foi uma carga heróica, mas tola, porque, muito pesados e com as pernas curtas, eles enfrentavam sem esperança de êxito a maravilhosa agilidade dos índios.

Era horrível. Eles espumavam de cólera, atirando-se como cegos, sem poder alcançar os inimigos, que saltavam em torno deles e os crivavam de flechas. Nós não precisamos disparar um só tiro nesse primeiro encontro; os índios sozinhos cercaram o bando inimigo e exterminaram-no sem piedade, até o último.

Mas, entrando na floresta, a situação mudou. Agora, todas as vantagens estavam do lado dos homens-macacos, que, às vezes, abatiam quatro ou cinco índios antes de serem atingidos por uma lança. A superioridade de sua força era tal que cada um de seus golpes esmagava irremediavelmente a pobre vítima. Foi então que nossos rifles desempenharam papel decisivo; infelizmente Summerlee adiantou-se muito; um dos homens-macacos, com um só golpe de seu porrete, despedaçou-lhe o rifle e ia fazer o mesmo com sua cabeça caso eu não esvaziasse o pente de meu fuzil em cima do monstro. Houve um momento em que era tal a multiplicidade de nossos inimigos que os chefes índios tiveram que empregar toda a energia para manter seus comandados na linha de combate. Os monstros atiravam-se do alto das árvores e lançavam contra nós pedregulhos formidáveis.

Mas nossos tiros eram tão certeiros e causavam tal morticínio em suas fileiras que eles acabaram tomados de pânico, procurando fugir afoitamente, com estupidez tamanha que nem cuidavam mais de se defender, deixando-se massacrar como bois no matadouro.

Nunca vi tanto sangue em minha vida. Mesmo o próprio lorde Roxton, antes o mais exaltado inimigo dos homens-macacos, sentiu-se farto do massacre; e como os índios vitoriosos tinham cercado a floresta para atear-lhe fogo, ele

resolveu cessar o tiroteio.

— Basta — disse ele. — Agora os índios são suficientes para acabar com eles.

O professor Challenger, porém, parecia contentíssimo com a situação.

— Meus amigos — dizia ele, girando sobre si mesmo como um galo cheio de orgulho. — Tivemos a honra e a glória de assistir a um acontecimento típico... mais ainda: tivemos a glória de tomar parte em uma das batalhas decisivas, que decidiram a sorte do mundo. Que vale diante disto a conquista de um país por outro? Tratava-se, como no princípio do mundo, de saber se a Terra pertenceria à força estúpida ou ao poder mental. Foi a uma vitória desse gênero que acabamos de assistir. Doravante estamos certos de que o platô pertencerá ao género humano e não às feras.

Para encarar aquele cenário trágico, somente acreditando piamente que o fim justifica os meios. Mesmo o professor tendo razão, o resultado daquela batalha era profundamente horrível. Andávamos pelo meio de verdadeiros montes de cadáveres. De um lado, a ferocidade cega dos homens-macacos, de outro a segurança terrível das flechas e dos rifles... A consequência dessa união havia sido medonha para aquelas criaturas primitivas, que jaziam às centenas, entre algumas dezenas de índios, que tinham sido alcançados por seus terríveis golpes. Embora dispostos a não mais tomar parte efetiva na luta, acompanhamo-la de longe.

Os índios perseguiram o inimigo até sua cidade de árvores, onde os oitenta a cem machos sobreviventes tentaram ainda uma última resistência. Mas estavam já muito abatidos pela derrota e a superioridade numérica dos assaltantes era esmagadora.

Foram massacrados até o último, pois os sobreviventes foram atirados do precipício, gritando e esperneando, desesperadamente, em direção aos pontiagudos bambus, da mesma forma como faziam antes com os seus prisioneiros. Com essa aniquilação, cumpriu-se, de maneira dramática, a previsão de Challenger: havia sido estabelecido, para sempre, o reinado do homem na Terra de Mapple White. Todos os machos adultos haviam sido exterminados, e os índios vitoriosos levaram suas mulheres e filhos para uma vida em cativeiro.

Pudemos então voltar a nosso primeiro acampamento e recolher o resto de nossas provisões. Conseguimos, também, comunicarmo-nos com Zambo que, de

longe, tinha ficado apavorado com a quantidade de homens-macacos que haviam sido lançados no precipício.

— Saiam daí! Saiam daí! — ele gritava com os olhos estatelados. — O espírito mal vai pegar vocês...

— Finalmente, uma voz sensata... — observou Summerlee, com gravidade. — Já basta de aventuras! A partir de agora, não farei outra coisa senão buscar uma forma para sairmos daqui e retomarmos a civilização.



CAPÍTULO XV

NOSSOS OLHOS VIRAM MARAVILHAS SEM IGUAL

Escrevo estas notas dia a dia, de modo que não me apareceu uma ocasião para expressar toda a profundidade que essas experiências nos proporcionaram. Em todo o caso, posso dizer que o destino parecia guiar os nossos passos. Logo que retornamos ao platô, nossa primeira sensação foi de desânimo absoluto, por não encontrarmos um meio de sair dali. Mas agora felicitamo-nos por essa permanência forçada, pois permitiu-nos conhecer muito mais das maravilhas desta terra de prodígios e estranhos seres.

A vitória dos índios e o aniquilamento da tribo dos homens-macacos marcou o início de uma nova e benfazeja fase de nossas aventuras. Desde esse momento, ficamos senhores do platô. Reconhecendo o auxílio que lhes tínhamos trazido, os nativos passaram a nos considerar com gratidão e quase com temor, mostrando a maior solicitude em satisfazer todos os nossos desejos.

Naturalmente, nosso maior desejo era partir, mas, a esse respeito, eles não puderam nos dar nenhuma informação útil. Tanto quanto nos foi possível compreender através de gestos e mímicas de toda ordem, diziam eles que teria havido antes um caminho subterrâneo — provavelmente o mesmo utilizado por Mapple White e seu companheiro; e também, quem sabe, a via de acesso que havia possibilitado, tanto aos antropóides quanto aos índios, em épocas anteriores, chegar ao platô onde constituíram suas civilizações. Mas um desmoronamento recente o destruíra. Quando nós insistíamos em explicar que queríamos descer, ir para a planície, os bons índios sacudiam a cabeça e erguiam os ombros como quem não vê solução possível para tal problema.

Depois da vitória retumbante sobre os homens-macacos, suas fêmeas e filhotes — sobreviventes do massacre — haviam sido aprisionados nas cercanias das cavernas. De agora em diante, tornar-se-iam escravos dos índios, repetindo-se naquelas paragens perdidas o destino de incontáveis povos que, ao longo da história, haviam se transformado no butim humano pilhado pelo vencedor. À noite, podíamos ouvir seus gritos pesarosos, lancinantes, pranteando a liberdade destituída e também, talvez, a nostalgia pelo tempo recente em que eram poderosos naquele mundo rudimentar e primitivo.

De nossa parte, passamos assim dois dias, em Contatos laboriosos e inúteis com os anfitriões. Tínhamos estabelecido um acampamento junto ao paredão granítico em que os índios tinham sua morada. Eles haviam nos oferecido hospitalidade; mas lorde Roxton, sempre prudente, recusara, por julgar que se nos metêssemos nas cavernas estaríamos à mercê de uma traição. Assim, entretendo relações cordiais com os índios, mantínhamos armas prontas e quartos de sentinela.

Visitamos, porém, as cavernas. Não nos foi possível averiguar se eram obra da natureza ou da mão do homem, tão antigas pareciam elas. Abriam-se todas a vinte ou vinte e dois metros do solo e só eram acessíveis mediante escadas abertas na rocha; escadas tão estreitas e tão íngremes, que nenhum animal poderia galgá-las. Interiormente eram forradas com ervas e tinham as paredes cobertas de pinturas formidáveis, representando os vários animais do platô.

Nos arredores, os índios mantinham campos limitados por fossos, onde criavam bandos de iguanodontes, sob a guarda de mulheres e crianças. Mas ainda lhes restavam inimigos terríveis e não tardamos a verificá-lo em um incidente trágico que se produziu no terceiro dia de nossa instalação junto das cavernas.

Eu e lorde Roxton estávamos de guarda ao acampamento. Enquanto isso, os dois professores tinham ido até as margens do lago Gladys, onde alguns índios, sob sua direção, pescavam com lanças alguns curiosos espécimes de lagartos primitivos. De súbito, ouviu-se um grito de alarme e a palavra *Stôa*, repetida com expressão de grande susto por centenas de bocas. De todos os lados homens e mulheres corriam alucinadamente, buscando refúgio nas cavernas.

Então, ao voltarmos os olhos para o lado de onde vinha toda aquela gente em pânico, vimos surgir por entre as árvores que fechavam o horizonte, dois monstros do gênero daquele que havia tentado atacar nosso acampamento e perturbara minha primeira excursão ao lago Gladys. Eram apavorantes, com a forma geral de um sapo, deslocando-se em saltos sucessivos, porém maiores, bem maiores do que elefantes. Nós só os tínhamos visto à noite e — soubemos depois — aqueles temíveis animais eram, de fato, notívagos, só aparecendo à luz do dia quando eram provocados em suas covas ou quando a fome os excitava com excepcional energia.

Detivemo-nos estupefatos ante seu aspecto fantástico. Tinham o couro coberto de excrescências e pústulas, além de uma iridescência curiosa,

semelhante a dos peixes, faiscando ao Sol. Mas não tivemos muito tempo para admirá-los. Os monstros, em pulos imensos, alcançaram um grupo de índios retardatários e começaram a fazer horrível carnificina.

Caiam sobre eles com todo o seu peso e logo que tinham esmagado um atiravam-se a outro. Em vão os desgraçados, com gritos horríveis, procuravam fugir à implacável agilidade dos monstros. Dos quinze ou vinte índios que haviam saído da floresta, perseguidos de perto pelo animal, restavam apenas cinco ou seis, quando finalmente eu e lorde Roxton chegamos para tentar socorrê-los. Mas vimos logo que nossa intervenção, ao invés de lhes ser útil, apenas nos expunha a igual perigo. À cerca de duzentos metros de distância, abrimos fogo contra os monstros e multiplicamos os tiros até esgotar a munição, mas nossas balas produziam neles o mesmo efeito que se lhe atirássemos bolinhas de papel. Aqueles seres de natureza reptiliana afrontavam sem risco os ferimentos, porque eram desprovidos de centros nervosos e a difusão de células essenciais ao longo de sua espinha dorsal tornava-os invulneráveis às armas modernas. O máximo que podíamos fazer era retardar sua marcha, distraindo sua atenção com os fulgores e os estampidos dos tiros, para dar tempo aos indígenas e permitir que eles alcançassem as cavernas.

Como, então, destruir semelhantes flagelos? Soubemos depois que onde eram ineficazes os fuzis modernos, mesmo com balas explosivas, a humilde flecha dos primitivos conseguia resultado. Os índios exterminavam aqueles monstros com flechas envenenadas, cujas pontas eram mergulhadas num sumo de *strophantus* (Nota 11) e curtidas, posteriormente, em carne apodrecida. Infelizmente, a ação do veneno era lenta, e antes que o animal sentisse seus efeitos, certamente já teria conseguido abater quem o tivesse atingido.

Chegamos à escadaria como pudemos, deixando mais três indígenas mortos e pusemo-nos a salvo. Os monstros seguiram-nos e uma saraivada de dardos caiu sobre eles de todas as aberturas do paredão. Os espantosos animais ficaram em pouco como paliteiros; mas isso não parecia incomodá-los; continuavam a saltar e a fazer esforços para galgar a escadaria, passando as enormes unhas na rocha lisa, babando de impaciência e furor, e dando por vezes saltos tais que pareciam capazes de chegar até nós.

Por fim o veneno, que circulava pouco a pouco em suas veias, começou a agir. Um deles caiu logo, com um ronco prolongado e horrível. O outro resistiu mais. Saltou longamente com gemidos profundos, descrevendo grandes círculos, até que baixou a cabeça disforme e imobilizou-se.

Então, com alegria louca, os indígenas desceram todos e puseram-se a dançar uma ronda desenfreada em torno dos colossais cadáveres. Quando já era noite fechada, cessaram as manifestações de regozijo, e despedaçaram os corpos, não para comê-los por causa do veneno, mas para afastá-los dali, com receio de uma infecção. O professor Challenger aproveitou o momento para me fazer verificar uma admirável particularidade da organização desses animais primitivos em que as fontes de vida eram múltiplas e independentes.

Quando os índios despedaçaram os restos das temíveis feras, ele dirigiu a operação e conseguiu que os dois corações fossem extraídos inteiros e ficassem ali, no solo, diante das cavernas. Pois bem, separados dos corpos e abandonados, esses corações continuavam a bater, animados por vida própria, erguendo-se e baixando, num movimento rítmico e constante... Só se detiveram ao fim de três dias.

Mais tarde, quando eu dispuser de uma mesa mais cômoda do que esta minúscula caixa de conservas e um instrumento mais eficaz do que uma ponta de lápis, que mal posso segurar, hei de escrever minuciosamente os costumes desses índios, denominados Acalás. Relatarei o que foi nossa vida entre eles e darei aspectos mais detalhados dos horizontes que contemplamos nessa maravilhosa Terra de Mapple White. Tenho a certeza de que a memória não me há de falhar. Há coisas que não se esquecem e, enquanto me restar um fôlego, recordarei, como se fosse hoje, todas as horas, todos os incidentes e visões deste período de minha vida. Nenhum fato poderá apagar impressões tão profundas.

Quando chegar a ocasião, eu hei de saber descrever-lhes a admirável noite de luar em que um jovem ictiossauro — estranha criatura, meio peixe, com olhos circundados por ossos dos dois lados do focinho e um terceiro olho no alto da cabeça — se debatia na rede de um índio, com tanta força que chegou a virar-lhe o bote. E a outra noite em que uma serpente de água, surgindo subitamente de entre os juncos do lago, arrebatou e levou o remador do bote em que ia o professor Challenger. Também não esquecerei de narrar nossas visões de um estranho animal noturno — tão estranho que até hoje não sabemos se era réptil ou mamífero — que vivia num pântano fétido a leste do lago, e emitia um brilho fosforescente na escuridão. Os nativos tinham tanto horror da criatura que nunca se aproximavam do lugar. Por duas vezes, nós fomos até lá, porém não conseguimos chegar mais próximos do atoleiro que constituía seu hábitat. Decerto, o que posso afirmar é que era pouco maior que uma vaca e dele emanava um enjoativo odor semelhante ao almíscar. Falarei também de outra

aventura de Challenger, que foi uma vez perseguido até a escada das cavernas por uma espécie de avestruz, porém muito maior e que corria com incrível rapidez. Desta vez porém as armas do século XX foram vitoriosas. Com um só tiro, lorde Roxton conseguiu abater essa singular ave, que tinha cerca de sete metros de altura e Challenger, ainda arquejante da correria, classificou como um *phoreractus.* Parece-me vê-lo ainda, na agonia, agitando com força a cabeça chata, de olhos amarelos ferozes. Permita Deus que eu viva bastante para ver um dia essa cabeça empalhada entre os troféus de Albany. Por último, não olvidarei de fazer uma descrição do toxodonte, gigantesco roedor de três metros, incisivos afiados como punhais de gigante, que abatemos quando matava a sede à beira do lago numa esplendorosa manhã.

Hei de descrever tudo isso com vagar e sobretudo pintar com ternura as noites deliciosas, quando, após a fadiga de dias laboriosos, deitávamos no alto capim vizinho à floresta, admirando, deslumbrados, as aves estranhas e os animais desconhecidos que saíam sorrateiramente de suas tocas para observar-nos ao mesmo tempo que, olhando para os céus e contemplando sua abóboda profundamente azul, víamos também os galhos das árvores e, entre eles, apetitosos frutos e lindas, lindas flores exóticas. Queira Deus que eu possa, igualmente, falar das noites, prolongadas noites em que nos deitávamos em barcaças deslizando no lago com os olhos fixos naquelas águas mágicas, vislumbrando em seus reflexos o súbito mergulho de um monstro fantástico ou o súbito brilho verde-lume que ao longe, em meio à escuridão, era emitido por alguma criatura. Não, jamais esquecerei essas cenas maravilhosas, que um dia registrarei com tinta e papel.

Mas — talvez o leitor pergunte — se teve tempo para acumular tantas recordações é porque se demorou muito no platô. Não era sua intenção, e a de seus companheiros, abandoná-lo o quanto antes? Sim, isso nós havíamos resolvido; mas não era fácil a execução de nosso plano. Dia e noite, nossa única preocupação era essa: descobrir meios e modos de descer do platô; mas, por enquanto, nossas descobertas se limitavam a um ponto. Tínhamos verificado que não podíamos contar com auxílio algum dos índios para essa empresa. Para tudo mais estavam dispostos a servir-nos prontamente. Porém, quando a eles recorríamos para encontrar um tronco capaz de formar uma ponte para a agulha rochosa, ou para cortar cipós, com vistas à confecção de uma corda, eles recusavam gentil mas firmemente. Sorriam, piscavam os olhos e sacudiam a cabeça. Até mesmo o velho chefe obstinava-se na negativa e apenas Mareto, o

jovem príncipe da tribo, procurava fazer-nos compreender por gestos que achava razoável nosso sofrimento e nosso desejo de partir. Chegaram, inclusive, a nos oferecer esposas e uma caverna exclusiva, com o fito de nos fazer esquecer daquele desejo imenso de deixar o platô. Cremos, porém, que tudo se devia ao papel que desempenhamos anteriormente. Depois de nossa intervenção no extermínio dos homens-macacos e em outras ocasiões perigosas, consideravam nossa presença tão útil que seriam talvez capazes de tomar quaisquer providências para nos impedir de deixá-los.

A despeito do risco de encontrar um dinossauro carnívoro e, em parte amparado pela certeza de que esses animais são essencialmente noturnos, eu fui duas vezes até o nosso antigo acampamento, levar notícias nossas a Zambo e indagar se não teria chegado o auxílio que havíamos mandado pedir. O bom negro lá estava, mas não vira chegar coisa alguma.

— Ele virá logo, Sr. Malone. Em alguns dias, em uma semana, o índio voltará com as cordas.

Uma tarde voltava eu de uma dessas expedições, quando, a cerca de dois quilômetros do charco dos pterodáctilos, vi uma coisa extraordinária: um homem, que se adiantava cautelosamente, protegido dos pés à cabeça por uma espécie de gaiola de bambu, que o cobria como um sino. Deixei que ele se aproximasse sem me mostrar e quando o tive mais perto reconheci lorde Roxton naquele homem, que por ali andava de modo tão original. Saí, então, de entre a folhagem que me ocultava, e ele, desembaraçando-se da gaiola, veio a meu encontro, simulando bom humor, mas visivelmente contrariado:

— Olá, jovem — disse-me ele —, não imaginava encontrá-lo por aqui.

— E o senhor?... Que anda fazendo com esta arapuca?

— Vim observar alguns amigos, os pterodáctilos.

— Ora essa!... Para quê?

— Para nada... Porque são animais interessantes. Não são apenas os professores que têm gosto pelos mistérios da ciência. Infelizmente, como esses interessantes bichos são um pouco agressivos, eu me preveni e armei esta gaiola de palha para me proteger de seus bicos. Quer me parecer que não há nisso nada de extraordinário...

— Nem eu disse que havia... Apenas, como não contava encontrá-lo com tal aparato defensivo, tive certa surpresa.

Lorde Roxton pareceu-me menos aborrecido e retomando o tom habitual, despediu-me:

— Bem. Volte para as cavernas. Estamos aqui muito perto dos tais bichos; eu assim estou garantido, mas você não está.

Meteu-se de novo na gaiola e afastou-se entre as árvores.

Se a atitude de lorde Roxton me causara estranheza, ainda mais me provocou a do professor Challenger. Encontrei-o muito atarefado, junto ao *geyser* de lama, cercado por numerosas mulheres índias que, sob sua direção, tratavam de cozer várias tiras de couro de iguanodonte bem raspado a uma enorme bolsa membranosa que (soube-o depois) não era mais do que o estômago de um dos enormes peixes-lagartos, pescados no lago Gladys. Essa bolsa bem cozida por todos os lados conservara uma única abertura, um estreito orifício no qual estavam inserindo diversos pedaços de bambu, que ligados a funis de argila recolhiam os gases do *geyser.*

Fiquei a observar. Ao fim de algum tempo a bolsa começou a inflar-se e mostrar uma tão forte propensão para elevar-se que Challenger foi obrigado a prendê-la pelas tiras de couro em árvores mais próximas... Meia hora depois a bolsa tomara positivamente a forma de um balão e, pelo jeito com que esticava suas amarras, mostrava uma considerável força ascensional. Challenger, comovido como um pai diante dos primeiros passos de um filho, fitava o balão, sorridente, passando a mão pela barba, com ar de profunda satisfação.

A voz ácida e irritante do professor Summerlee foi a primeira a romper o silêncio.

— Espero que, além de todos os outros disparates, o senhor não pretenda que partamos daqui nessa engenhoca.

— E eu espero que mesmo o senhor, depois de ter demonstrações indiscutíveis do poder ascensional de meu balão, não hesite em confiar nele sua preciosa carcaça.

— Isso nunca! — bradou Summerlee, resolutamente. — Embora não dê à minha carcaça o valor que o senhor atribui às suas banhas, estou resolvido a escolher um processo menos ridículo de suicídio, no dia em que me decidir a suicidar. Imagino que lorde John pensará como eu.

— O que eu penso — respondeu o fidalgo — é que esta engenhoca, como o

senhor a chama, é muito interessante. Estou ansioso por vê-la funcionar.

— Irá vê-la — prometeu majestosamente Challenger. — Há muitos dias aplico todas as minhas energias cerebrais à solução desse problema: descer daqui; e, visto que não há caminho praticável para descer o penhasco nem meios de fazer uma escada, a idéia de um balão impunha-se a qualquer espírito lógico. A natureza veio ao encontro de minha imaginação, pondo diante da minha curiosidade *geysers* de natureza vulcânica, com emanações que, pude constatar, eram de hidrogênio livre. Só me restava encontrar a matéria-prima para fazer o balão. Para isso servi-me das imensas bolsas digestivas do lagarto primitivo que, como vêem, tem as proporções necessárias.

Estava imponente, o professor, com seu vestuário em farrapos e gesticulando como se estivesse na sala de conferências da Sociedade de Geografia. E o imprevisto balão, agitando-se sobre as amarras como se estivesse prestes a erguer-se no espaço, parecia aprová-lo com entusiasmo.

— Maluco... — resmungou o professor Summerlee.

— Estupendo, magnífico!... — bradou lorde John. — E a barquinha? Como vai arranjar a barquinha?

— Estou tratando disso e já tenho resolvido o essencial. Já pensei num modo de fabricá-la e adaptá-la ao balão. Por ora, limito-me a afirmar-lhes e a demonstrar-lhes que meu aparelho é capaz de nos levar...

— Todos juntos?

— Não. Creio que o melhor será descer um de cada vez, como uma espécie de pára-quedas. Após cada descida, não será difícil fazer com que o balão volte ao platô para buscar os demais passageiros. Passemos porém a demonstração de capacidade do meu invento.

Já tinha ali perto um enorme bloco de basalto, apropriado a segurar a uma corda em seu centro. Essa corda era a que havíamos utilizado para subir à agulha rochosa e conservávamos em nossas bagagens. Tinha trinta e tantos metros de comprimento, era fina, mas muito resistente. Trabalhamos todos para ligá-la com segurança às tiras de couro, que prendiam à boca do balão. Feito isso, o professor Challenger amarrou a corda ao bloco de basalto e deixou pendente um longo pedaço, que enrolou a seu robusto braço.

— Agora — disse ele com um sorriso triunfante —, Verão a força de meu balão.

E, rapidamente, começou a cortar as tiras de couro que prendiam o balão às árvores próximas.

— Meu Deus!

Esse foi o grito geral. Jamais nossa expedição científica esteve tão perto de sua total aniquilação. O estranho balão, feito de vísceras de um lagarto antediluviano, estava neste momento tão inflado que pouco lhe faltava para rebentar. Libertado das correias de couro, o balão deu um verdadeiro salto, erguendo o pesado bloco como se fosse uma pena. Challenger retesou os músculos, contando que seu peso respeitável e sua força temível seriam capazes de deter o movimento, mas foi arrastado também. Num ímpeto irresistível, atirei-me para diante e mal tive tempo de agarrá-lo pela cintura, abraçando-o estreitamente. Senti-me também erguido no espaço. Lorde John Roxton, por sua vez, precipitou-se e senti seus braços nervosos cruzarem-se sobre os meus tornozelos... Mas foi arrastado igualmente, o mesmo acontecendo com o professor Summerlee que, por dedicação ou terror de ficar sozinho, agarrou-se a lorde John e também foi erguido.

E ali estávamos nós, todos quatro, pelos ares, agarrados à corda do improvisado balão, como papelotes de um rabo de pipa.

Felizmente a corda era menos forte do que o poder ascensional do balão e do que nosso peso... Rebentou quase imediatamente, deixando-nos cair antes que chegássemos a altura superior a três metros.

Rolamos uns sobre os outros num bolo, enquanto o balão se perdia no espaço, levando o pedaço de basalto a que estava preso.

— Bravo!... Bravíssimo! — mugiu o professor Challenger, erguendo-se e friccionando vigorosamente o corpo contundido pela queda. — Não poderia haver prova mais concludente. Eu mesmo não esperava êxito tão completo. Dentro de uma semana terei pronto outro balão e poderemos partir. Estejam certos de que, na próxima vez, teremos uma viagem segura e confortável para o nosso retorno ao lar.

Até esse incidente eu havia anotado, dia a dia, quase hora a hora, os acontecimentos desta nossa terrível jornada. Mas passei três dias sem escrever e somente agora retomo o lápis para falar de nosso primitivo acampamento, que por tanto tempo ficou sob a guarda de Zambo, nosso fiel auxiliar. Dificuldades e perigos do platô maldito, tudo ficou para trás como um pesadelo. Eis-nos de novo no solo abençoado da planície amazônica, prontos para recomeçar a

jornada a caminho da velha Inglaterra. Nossos corações e mentes já estão voltados para a grande cidade-mãe, nossa querida Londres.

Nem foi preciso que o visionário professor Challenger fizesse um novo balão. Na mesma noite da acidentada experiência, o jovem príncipe índio, o único entre os de sua raça que parecia disposto a nos auxiliar em nossos projetos de fuga, veio ter comigo, num momento em que eu me achava só (talvez por termos aproximadamente a mesma idade, ele sempre se dirigia a mim) e entregou-me um rolo de casca de madeira curiosamente gravado. Tão logo eu comecei a examinar esse objeto, ele interrompeu-me para mostrar com grande insistência as linhas desenhadas, uma a uma.

Então, quando eu fiz um movimento para me precipitar em busca de meus companheiros, a fim de lhes mostrar o rolo de madeira, ele conteve-me fazendo um gesto que em todos os países do mundo significa: Cuidado!... Silêncio!... Prudência!...



Resolvi agir sem alarde e obedecer ao jovem príncipe, que se afastou, sempre garboso e altivo, repetindo seu gesto de prudência. Quando meus companheiros, que andavam passeando pelos arredores, voltaram para nosso acampamento, eu os reuni para que juntos examinássemos aquela espécie de mapa. Tinha uma série de linhas singularmente desenhadas a carvão, parecendo uma rudimentar partitura musical. Aqui está uma reprodução daquele mapa:

— Seja o que for, creio que é importante — falei aos meus companheiros. — O índio tinha uma expressão muito séria, não podia estar brincando conosco.

— Se não é brincadeira — atalhou Summerlee —, parece que estes sinais, de fato, representam algo.

— Certamente, é algum tipo de escrita primitiva — disse Challenger.

— Em forma que quebra-cabeças — completou lorde John, esticando o pescoço para ver melhor. — Em seguida, tomou em suas mãos o rolo de casca de árvore.

— Meu Deus! — exclamou. — Creio que o decifrei. Olhem aqui: existem dezoito marcas. Se vocês observarem bem, há igualmente dezoito aberturas de

cavernas nas rochas.

— De fato, ele apontava para as cavernas enquanto me mostrava o mapa. É isso mesmo! — acrescentei, entusiasmado.

— Então não temos dúvidas: trata-se de um mapa relacionado às cavernas. Ele mostra, portanto, que algumas são curtas, outras profundas, várias se bifurcam, exatamente como vimos em nossas visitas lá em cima. Mas vejam, há uma cruz nesta aqui. E esta marca é muito mais comprida que as outras.

— Esta deve atravessar a rocha! — pontifiquei eufórico.

— O nosso jovem deve estar certo — concedeu Challenger. — A caverna deve, certamente, atravessar a rocha, contudo o mais importante é saber se, caso consigamos chegar a um ponto correspondente ao lado exterior do penhasco, quanto teremos que descer para atingir o solo.

— Trinta metros, talvez — resmungou o sempre pessimista Summerlee.

— Que seja! Nós temos uma corda com trinta metros — ponderei. — Nós conseguiremos descer.

— Mas... e os índios? Eles poderão nos impedir... — interveio Summerlee novamente.

— Os índios não moram naquelas cavernas situadas mais em cima. Eles usam-nas como celeiro, depósito... Por que não vamos lá dar uma espiada?

Pegamos alguns tocos de uma madeira seca e escura — que Challenger afirmou ser uma espécie de araucária —, a mesma que os índios usavam para fazer suas tochas, e seguimos o caminho que conduzia às cavernas. Subimos os degraus cobertos de capim, chegando à caverna marcada no mapa. Ela estava deserta, e seus únicos ocupantes naquele momento era um bando de morcegos enormes, que voavam em torno de nós à proporção que avançávamos na escuridão. Era o momento de acender as tochas. Riscamos os fósforos e, então, pudemos ver o interior da caverna: era um túnel bastante curioso, com paredes desenhadas com símbolos indígenas, um teto que se assemelhava a um arco e o solo coberto por uma areia branca, que brilhava sob o fogo de nossos fachos. Seguimos rapidamente por esse túnel até que, para nossa total decepção, nos deparamos com um paredão de rocha, sem nenhuma fenda.

Olhávamos, desconsolados, para aquele obstáculo. Não havia ali nada que pudéssemos fazer. Tratava-se, simplesmente, de um beco sem saída.

— Deixe isso para lá... — disse Challenger, tentando nos injetar um pouco de ânimo. — Não se esqueçam de meu balão...

Summerlee soltou um triste suspiro.

— Talvez estejamos na caverna errada — atalhei.

— Não, não é possível — disse lorde John, indicando o mapa. — A caverna é realmente esta.

Observei a marca que ele apontava com o dedo e dei um grito de alegria:

— Descobri! Descobri! Venham comigo...

Empunhando o facho de fogo, fiz todos me seguirem de volta pelo caminho que havíamos percorrido.

— É aqui — afirmei, apontando os fósforos queimados. — Aqui foi onde acendemos as tochas...

— Exatamente.

— Vejam, no mapa a caverna está marcada num ponto onde há uma bifurcação. No escuro, não percebemos que era aqui. Sei que estou certo, vamos seguir.

De fato, eu não havia me enganado. Pouco menos de trinta metros depois, encontramos uma abertura escura na parede à nossa direita. Seguimos por ela e encontramos um outro túnel, muito mais amplo. Ansiosos, prendendo a respiração, avançamos mais uns duzentos metros por esse corredor. Subitamente, então, em meio à escuridão que nos permeava ali, avistamos o brilho de uma luz vermelha, como se houvessem chamas queimando à nossa frente. Seguimos, e conforme avançávamos, nenhum ruído, movimento ou calor nos afrontava: apenas víamos aquela luminosidade vermelha e intensa à nossa frente, refletindo no interior da caverna e fazendo suas paredes parecerem cobertas de estranhas pedras preciosas. Quando, por fim, chegamos mais perto, estancamos maravilhados.

— Deus meu! Deus meu! É a Lua! Vamos seguir, senhores, vamos atravessar o penhasco — gritou lorde John.

Era de fato a Lua cheia que brilhava diretamente sobre uma abertura na rocha. Tratava-se de uma fenda razoável, pouco maior do que uma janela, que nos permitiria passar. Espiando por ela, constatamos que a descida não seria difícil, pois a planície estava logo abaixo de nós. Percebemos também por que

não nos havia sido possível avistá-la da base do penhasco: este se curvava acima dela, fazendo a escalada parecer impossível, razão pela qual passou despercebida quando fizemos a inspeção. Mais uma vez, constatamos a facilidade da descida e, repletos de alegria, decidimos voltar ao acampamento para iniciarmos os preparativos de nossa jornada de volta para casa.

Para não despertarmos nenhuma suspeita dos índios, que poderiam impedir a nossa partida até naqueles derradeiros minutos, fizemos tudo rapidamente e em segredo: organizamos as nossas coisas, principalmente armas e munições, separando apenas mantimentos absolutamente necessários. Challenger, contudo, preparou um volume de bagagens absolutamente incompatível com as nossas possibilidades de transporte, e insistiu de tal maneira em fazê-lo que não tivemos outra alternativa senão ceder. O dia passou numa lentidão indescritível, mas, finalmente, anoiteceu. Com multo esforço, principalmente pela bagagem pouco parcimoniosa do nosso teimoso professor, levamos tudo para a beira dos degraus e lançamos um último e prolongado olhar para aquele estranho e maravilhoso lugar, que aprendemos — com multo sofrimento, é verdade — a amar imensamente. Enquanto olhávamos — cada um de nós imersos em seus próprios sonhos e pensamentos — ouvíamos a algazarra dos índios lá embaixo, que cantavam e dançavam seus ritos, sem saber que os estávamos deixando. De repente, ouvimos um grito longo, sonoro, mágico, de algum animal exótico. Entendemos aquilo como a voz da Terra de Mapple White, que vinha se despedir de seus intrépidos visitantes. Seguimos.

Algumas horas mais tarde estávamos na base do penhasco. Descemos sem muita dificuldade, a não ser pelas tralhas de Challenger. Ao chegarmos, deixando tudo no pê do rochedo, partimos diretamente para o primeiro acampamento, onde Zambo deveria estar. Quando nos aproximamos, ainda de madrugada, havia, para nossa surpresa, dezenas de fogueiras. Os índios estavam com ele. Eram cerca de vinte, munidos de cordas, estacas de madeira e tudo mais para nos prestar o socorro. Agora, nada daquilo era mais necessário, mas de todo modo os índios nos auxiliariam no transporte de nossa carga. No dia seguinte, partimos de volta em direção ao Amazonas.

Desse modo, orgulhoso, porém humilde e agradecido, encerro esta parte de meu relato. Nossos olhos viram maravilhas sem igual e nossos espíritos se purificaram pelas provações. Sem dúvida, somos outros homens, transformados pela esplêndida experiência que acabamos de viver. Deveremos ficar algum tempo no Pará, pois precisamos nos preparar para o retorno. Por esta razão, é

provável que a carta que ora escrevo chegue pouco antes do que nós. Ou não. De todo modo, meu caro Sr. McArdle, em breve estarei apertando suas mãos.

CAPÍTULO XVI

UMA PASSEATA

Fizemos muitos amigos na Amazônia, e seria injusto se não registrasse aqui a gentileza e hospitalidade que a nós dedicaram. Quero agradecer, especialmente, ao Sr. Penalosa e outros funcionários do governo brasileiro, por tudo o que fizeram para nos ajudar, e também ao Sr. Pereira, do Pará, que providenciou roupas e tudo o mais necessário para nos recompormos com uma aparência de homens civilizados. No mais, registro que foi feliz e quase monótona, por sua excessiva tranquilidade, a viagem de regresso.

Embora, quando ainda estávamos no Brasil, já tivéssemos ouvido falar da excitação que os rumores sobre nossas aventuras (digo *rumores*, pois ainda não declaráramos nada oficialmente) havia provocado, não tínhamos a menor idéia da expectativa que naquele momento se manifestava na Inglaterra e em outros países europeus. Contudo, quando nos encontrávamos a cerca de quinhentas milhas do porto de Southampton, recebemos, à bordo do *Ivernia*, dezenas e dezenas de mensagens telegráficas de múltiplos jornais e agências de notícias, oferecendo-nos altos pagamentos por declarações sobre a expedição. Isso era a prova cabal do enorme interesse que havíamos despertado. De todo modo, havíamos decidido não fazer declaração alguma à imprensa enquanto não nos tivéssemos apresentado à ilustre assembléia no Instituto Zoológico de Londres, de que fôramos os delegados oficiais nessa espinhosa missão.

Desse modo, ao desembarcarmos em Southampton, expusemos à multidão de jornalistas, que ali nos aguardava, nossa intenção de divulgarmos toda e qualquer informação apenas no dia seguinte, sete de novembro, quando seria realizado nosso encontro. Fomos notificados que, em razão de toda a expectativa gerada, os organizadores haviam transferido o encontro do Instituto de Zoologia, cujo auditório era por demais acanhado, para o Queens Hall, que poderia acolher um público maior. Como se pôde constatar depois, mesmo esse foi pequeno para acolher tanta gente, e nem o gigante Albert Hall daria conta de receber toda aquela multidão.

No dia de nossa chegada, após termos conseguido nos livrar dos jornalistas, cada um de nós seguiu para tratar de seus assuntos pessoais. Por ora, não quero falar dos meus. Estou ainda sob forte emoção e preciso de tempo para me

refazer. O leitor deve se lembrar o que motivou minha busca de aventuras e, talvez, esteja ansioso para saber suas consequências no âmbito de minha vida sentimental, mas peço um pouco de paciência. Apesar de tudo, entretanto, afirmo que de nada me arrependo e até agradeço a força que me empurrou em direção àquele mundo maravilhoso.

Prefiro dedicar essas linhas ao relato do último e significativo momento relacionado às nossas aventuras. Enquanto procurava as palavras melhores para fazê-lo, encontrei uma edição de oito de novembro do jornal em que trabalho, com uma reportagem completa e detalhada do evento. Transcrevo-a, aqui, primeiramente como forma de agradecer ao jornal pela confiança que em mim depositou, ao enviar-me como seu correspondente. Em segundo porque garante uma certa imparcialidade, pois a matéria não foi escrita por mim, mas sim por meu colega de reda-ção Macdona. Eis, então, a reportagem:

UM MUNDO NOVO Importante reunião no Instituto Zoológico

CENAS DE TUMULTO

UM INCIDENTE SENSACIONAL

"A muito esperada reunião do Instituto de Zoologia, especialmente convocada com o fito de acolher o relatório da Comissão de Investigação enviada à América do Sul para verificar a veracidade das afirmações do professor G.E. Challenger quanto à existência de vida prê-histórica naquele continente, realizou-se na noite de ontem no grande auditório do Queen's Hall, constituindo-se num acontecimento de tal magnitude para a história das Ciências que, sem dúvida, nenhum dos presentes jamais poderá esquecê-la. *(Convenhamos, colega Macdona, este parágrafo de abertura está horrivelmente grande.)*

"Embora teoricamente os convites estivessem restritos aos membros do Instituto, muito antes das oito, hora prevista para o início da reunião, todas as poltronas do Hall estavam literalmente tomadas. Um princípio de revolta do público que não havia conseguido entrar degenerou em tumultuada invasão do auditório, com diversos feridos, entre os quais o inspetor Scoble, da Divisão H, que lamentavelmente teve a perna fraturada. Com a invasão, o público leigo

lotou todo o recinto, incluindo corredores e o espaço reservado à imprensa, e números extra-oficiais indicavam a presença de aproximadamente cinco mil pessoas no local, aguardando a chegada dos membros da expedição.

"Finalmente eles chegaram, ocupando lugares no palco, onde já se encontravam influentes cientistas da Inglaterra, mas também da França e Alemanha, além de um representante da Suécia, o professor Sergius, decano da Universidade de Upsala. A entrada do grupo de expedicionários foi saudada efusivamente, com o público aplaudindo de pé ao longo de alguns minutos. Havia, no entanto, alguns sinais de desacordo entre os aplausos — um ensaio de vaias, aqui e ali —, fazendo entrever que a reunião poderia assumir contornos polêmicos. Apesar disso, ninguém poderia prever o insólito rumo que aquele encontro viria de fato assumir.

"A imagem dos quatro expedicionários já foi por demais exibida pelos jornais nos últimos meses, e pouco podemos acrescentar a isso. Diremos apenas que o professor Challenger parecia um pouco mais desalinhado do que costumeiramente, sobretudo pela barba desgrenhada. O professor Summerlee mais circunspecto e estóico e lorde John Roxton parecia ter emagrecido um pouco. Os três, no entanto, estavam bronzeados e aparentavam excelentes condições físicas. Quanto ao meu colega, E. D. Malone, grande jornalista e conhecido jogador de *rugby,* mostrava-se, igualmente, com muita disposição, exibindo para a platéia um permanente sorriso no rosto sincero, mas feio. (*Por essa você me paga, caro Mac.)*

"Ao cabo de alguns minutos, o público — que até então mostrara-se um tanto excitado — acalmou-se, retomando as poltronas, e o duque de Durham, que presidia a mesa, fez uso da palavra declarando que seria breve, pois sabia que todos ali estavam ansiosos. Nada anteciparia do discurso do professor Summerlee, mas já era de conhecimento geral que a expedição tinha sido coroada de êxito. *[Aplausos prolongados.)* — A fase heróica das aventuras ainda não terminou — acrescentou ele — e estes senhores nos provarão o fato de que coisas imaginadas pela fantasia literária muitas vezes se comprovam pelos cientistas em suas investigações. Quero dizer também que me alegro — decerto, como todos os presentes — por estes senhores terem retornado são e salvos de tão árdua e perigosa missão, pois, se algo trágico tivesse ocorrido, representaria uma perda inestimável à ciência zoológica. *(Aplausos entusiasmados, principalmente os do professor Challenger.)*

"Chamado à tribuna, o professor Summerlee teve recepção calorosa, que se

repetiria em diversos momentos de seu discurso. Não o reproduziremos aqui na íntegra, pois um relato detalhado em breve será publicado por este órgão num suplemento especial escrito pelo jornalista E.D. Malone. Entretanto, forneceremos ao leitor os pontos centrais do discurso do professor Summerlee.

"Após referir-se aos fatos que deram origem ã expedição — sem se furtar a um emocionado pedido público de desculpas ao professor Challenger, por não ter acreditado antes em suas afirmativas —, o professor Summerlee apresentou o itinerário que a expedição havia percorrido, omitindo, contudo, dados mais concretos que pudessem fornecer a localização exata do platô. Assim, descrevendo detalhes da viagem pelo Amazonas até o penhasco, impressionou o público ao relatar as dificuldades que tiveram para escalá-lo, acrescentando que aquelas desesperadas tentativas — que por fim tiveram bom êxito — , infelizmente custaram a vida de dois mestiços que os acompanhavam.

"Depois de narrar os eventos que os tornaram prisioneiros do topo rochoso — em face da queda da ponte improvisada —, ele passou a relatar tanto as maravilhas quanto os horrores da região. Não falou em tom pessoal, antes preferindo destacar as conquistas científicas que alcançaram, como a catalogação de quarenta e seis novas espécies de coleóteros e cento e noventa e quatro de lepidópteros. Naturalmente, o interesse do público estava voltado para animais maiores do que insetos, em especial aqueles identificados como jurássicos. Quanto a esses, o professor forneceu uma lista considerável, que seria sensivelmente aumentada — ele acrescentou — quando a região fosse explorada de maneira mais sistemática e profunda por outros cientistas. Como primeiro exemplo, referiu-se a uma cobra de coloração roxa, medindo aproximadamente vinte metros, para depois falar de um espécime branco, provavelmente mamífero, cuja pele emanava intensa fosforescência na escuridão. Havia, igualmente, uma imensa mariposa negra cuja picada os índios diziam ser mortífera. A despeito do interesse despertado por esses exemplos, a grande sensação ocorreu quando ele começou a falar de criaturas jurássicas já encontradas em sítios arqueológicos. Entre outras, o medonho estegossauro, visto pelo Sr. Malone tomando água no lago: a mesma criatura que constava do bloco de desenhos do aventureiro americano que primeiro havia penetrado naquela região. Falou também do iguanodonte e do pterodáctilo — as primeiras formas jurássicas que a expedição avistou —, e dos ferozes dinossauros carnívoros, que por diversas vezes os perseguiram, constituindo para eles o ser mais estranho e formidável entre os encontrados no platô. Revelou, igualmente,

o encontro com uma ave feroz, o *phoreractus* e de um gigantesco veado que também ali habita.

"Forte comoção causaram suas descrições das maravilhas encontradas no lago, especialmente o estranho pei-xe-lagarto de três olhos, e as enormes serpentes que pululam naquelas águas. Outra sensação foi a longa referência aos macacos antropóides, cuja existência, segundo o professor Summerlee, representava a solução do enigma relativo ao 'elo perdido' da evolução humana, uma vez que eram uma forma muito mais evoluída e desenvolvida do que o fóssil do pitecantropo encontrado em Java. Por fim, na parte mais divertida do relato, descreveu as peripécias vividas com o balão inventado pelo professor Challenger, encerrando o discurso com as derradeiras aventuras que propiciaram o retorno deles ao mundo civilizado.

"Quando todos esperavam o fim dos trabalhos, com a aprovação unânime do voto de congratulações proposto pelo professor Sergius, da Universidade de Upsala, um fato veio dar novo rumo à reunião. O professor James Illingworth, da Universidade de Edimburgo, levantou-se e pediu um aparte, solicitando a inclusão de um reparo no relatório final. Foi autorizado a falar, mas antes que começasse foi interrompido pelo professor Summerlee.

— Gostaria de colocar em suspeição o reparo deste senhor, pois trata-se de meu inimigo notório, desde a nossa polêmica no *Quaterly Journal of Science*.

"Feito o registro, a palavra coube ao professor Illingworth. Inicialmente, sua voz não podia ser ouvida com nitidez, pois a platéia se manifestava, através de apupos, em clara oposição. Entretanto, fazendo uso de sua voz potente, e impulsionado por um certo número de apoiadores que pouco a pouco se pronunciavam, ele pôde impor sua presença.

"O professor Illingworth destacou inicialmente seu elevado respeito pela obra científica dos professores Summerlee e Challenger, lamentando, contudo, que pudesse ser atribuído qualquer sentimento de ordem pessoal às suas palavras, uma vez que elas seriam ditadas, única e exclusivamente, pela busca absoluta da verdade científica. A atmosfera da reunião era de nervosismo, e pôde-se ouvir, inclusive, o professor Challenger perguntar ao presidente da mesa se este lhe permitia jogar o professor Illingworth porta afora.

"O cientista de Edimburgo prosseguiu sua intervenção:

"Muitos viajantes, em diversos tempos, chegaram de regiões remotas com relatos que foram aceitos apressadamente. Constatou-se, depois, que não

passavam de mera especulação e fantasia. Por esta razão, seria muito temerário que uma entidade do porte e da importância do Instituto de Zoologia de Londres aceitasse, sem reparos, o que foi aqui exposto. *(Aplausos e vaias se misturavam.)* Não coloco em dúvida a integridade destes homens, mas a natureza humana é muito complexa e contraditória, e mesmo importantes cientistas podem ser presas da vaidade que cega. Ora, caçadores são célebres por exagerar seus feitos *(nesse ponto, um indignado lorde John Roxton fez menção de se levantar, enquanto gritava: 'Esse sujeito está me chamando de mentiroso?')*, enquanto jornalistas — continuou o professor Illingworth — buscam, a qualquer preço, 'furos de reportagem' que os façam superar seus rivais, produzindo, por essa razão, reportagens eivadas de sensacionalismo.

"Um imenso tumulto se instaurou. Tentando evitar piores consequências, o presidente da mesa pediu que o professor Illingworth concluísse sua fala, apresentando o reparo.

— Excelência, eu teria mais a dizer, mas acato a sua decisão. Em face do já exposto, solicito que do relatório final conste um 'não comprovado' e que as investigações sejam conduzidas por outra comissão, maior e mais con-fiável.

"A confusão, que já havia começado, generalizou-se em pancadaria, envolvendo os que apoiavam o reparo (em menor número) e a parte da plateia que contestava: ambos os grupos formados majoritariamente por estudantes de medicina. De repente, porém, algo magnetizante fez acalmar a balbúrdia: o professor Challenger levantou-se e, numa atitude calma, mas absolutamente dominadora, exigiu ordem e silêncio e todos sentaram, expectantes, para ouvi-lo falar.

— Alguns dos presentes devem se recordar das cenas de estupidez que marcaram o encontro que deu origem ã expedição. Pois bem, naquela oportunidade ouvi ofensas do professor Summerlee, que há pouco apresentou publicamente suas desculpas. Esta noite recebi novos ataques, ainda mais ofensivos, e sou obrigado a fazer um esforço de auto-humilhação para descer ao nível mental de meu oponente. *[Risadas e gritos na platéia.)* Não obstante o relato oficial feito por Summerlee, sou o pivô de todo esse debate e, como tal, cabe a mim o papel de seu resultado. Conduzi estes três senhores àquele mundo, convencendo-os da verdade de minhas afirmações. Em nosso retorno, esperava não encontrar seres tão medíocres que colocassem em dúvida as conclusões, não apenas minhas, mas de todo um grupo de pessoas inteligentes e responsáveis. Mas a experiência anterior não foi em vão e decidi, desta vez, munir-me de

provas que pudessem convencer até mesmo indivíduos de mediana capacidade mental. Como já foi dito pelo professor Summerlee, os homens-macacos invadiram nosso acampamento e estragaram muitos dos negativos de fotos que havíamos feito. *('Lorota!', 'Conte outra!' e outros gritos maliciosos eclodiram em parte da platéia.)* Apenas me referi aos homens-macacos, pois muitos dos ruídos vindos da platéia se assemelham aos seus grunhidos. *(Risos.)* Embora muitos negativos tenham sido destruídos, temos ainda muitas fotos de valor substancial para corroborar nossas afirmações. Crêem que forjaríamos as fotografias?

CAPÍTULO XVII

Algumas vozes gritaram 'Sim!', ocorrendo aí novo tumulto que culminou com a expulsão de várias pessoas do recinto. De todo modo, as fotografias serão colocadas à disposição dos peritos. Por outro lado, como o próprio professor Summerlee falou, não pudemos trazer muitas bagagens, mas o que me dizem das borboletas e besouros que ele trouxe, exemplares absolutamente desconhecidos entre nós *(Havia gritos de 'Isso não vale!', 'Não!')."*

— Quem disse não? — perguntou o professor Challenger.

"E o professor Illingworth levantou-se e falou:

— Nossa opinião é que esses espécimes poderiam ter sido colhidos em qualquer lugar, não necessariamente no platô pré-histórico.

— Sem dúvida — reconheceu o professor Challenger. — Mas deixando de lado borboletas e besouros, poderíamos mostrar inúmeras fotos de pterodáctilos, algumas retratando, inclusive, seus hábitos...

— Nenhuma fotografia poderia nos convencer. Podem ser forjadas.

— Que quer então o senhor? — perguntou o professor Challenger, com voz atordoadora.

— Gostaria de ver... Ver ao menos uma prova palpável... — atalhou o oponente.

— Queria talvez que lhe trouxéssemos um pterodáctilo vivo? — perguntou o professor, com um sorriso irônico.

— Oh! não digo tanto — replicou o professor Illingworth.

— Então — continuou Challenger, cada vez mais zombeteiro e sorridente — então, se lhe apresentássemos um pterodáctilo vivo, ficaria convencido?... Pois nada mais fácil."

"Fez um sinal para a porta e todos viram, cheios de expectativa, o Sr. Malone dirigir-se ao fundo do palco e voltar acompanhado de um negro imenso (que depois ficamos sabendo chamar-se Zambo), ambos carregando uma grande caixa. Colocaram-na sobre a mesa da presidência, e Challenger abriu rapidamente um cadeado que a fechava, ergueu a tampa e, curvando-se, fez estalar os dedos, chamando algo como quem chama um cãozinho:

—Aqui... aqui, vem cá, gracinha.

"Ouviu-se um ruído esquisito de ossos entrechocados e de garras que raspam madeira... E, de súbito, surgiu acima da borda do caixote a horrenda cabeça de um pterodáctilo ainda jovem. E o medonho animal, erguendo-se com bastante esforço, colocou-se pousado sobre a borda do caixote.

"O movimento na multidão foi de assombro e curiosidade tão intensa que um espectador, demasiadamente debruçado na galeria superior ou talvez impelido pelos que estavam em posição menos favorável para ver, caiu da galeria na orquestra... Embora tenha caído sobre outras pessoas, ninguém se machucou gravemente; mas a queda fez um estrondo imenso, seguido de alarido e gargalhadas de toda a assistência. Esse rumor súbito e formidável assustou o pterodáctilo que, abrindo as enormes asas de couro, abriu vôo na sala.

"Então o tumulto foi indescritível. A figura inverossímil da criatura antediluviana apresentou-se em todo o seu horror aos olhos do público, causando uma impressão de susto irreprimível. Numerosas mulheres desmaiaram, outras caíram em ataques, com gritos estridentes. Os homens em sua maioria tentaram sair da sala ou agitaram as bengalas e chapéus para afugentar o monstro. Tudo isso acabou de alucinar o pterodáctilo, que começou a se bater pelas paredes, procurando uma saída.

— A janela! — bradava o professor Challenger desesperado. — Fechem a janela!

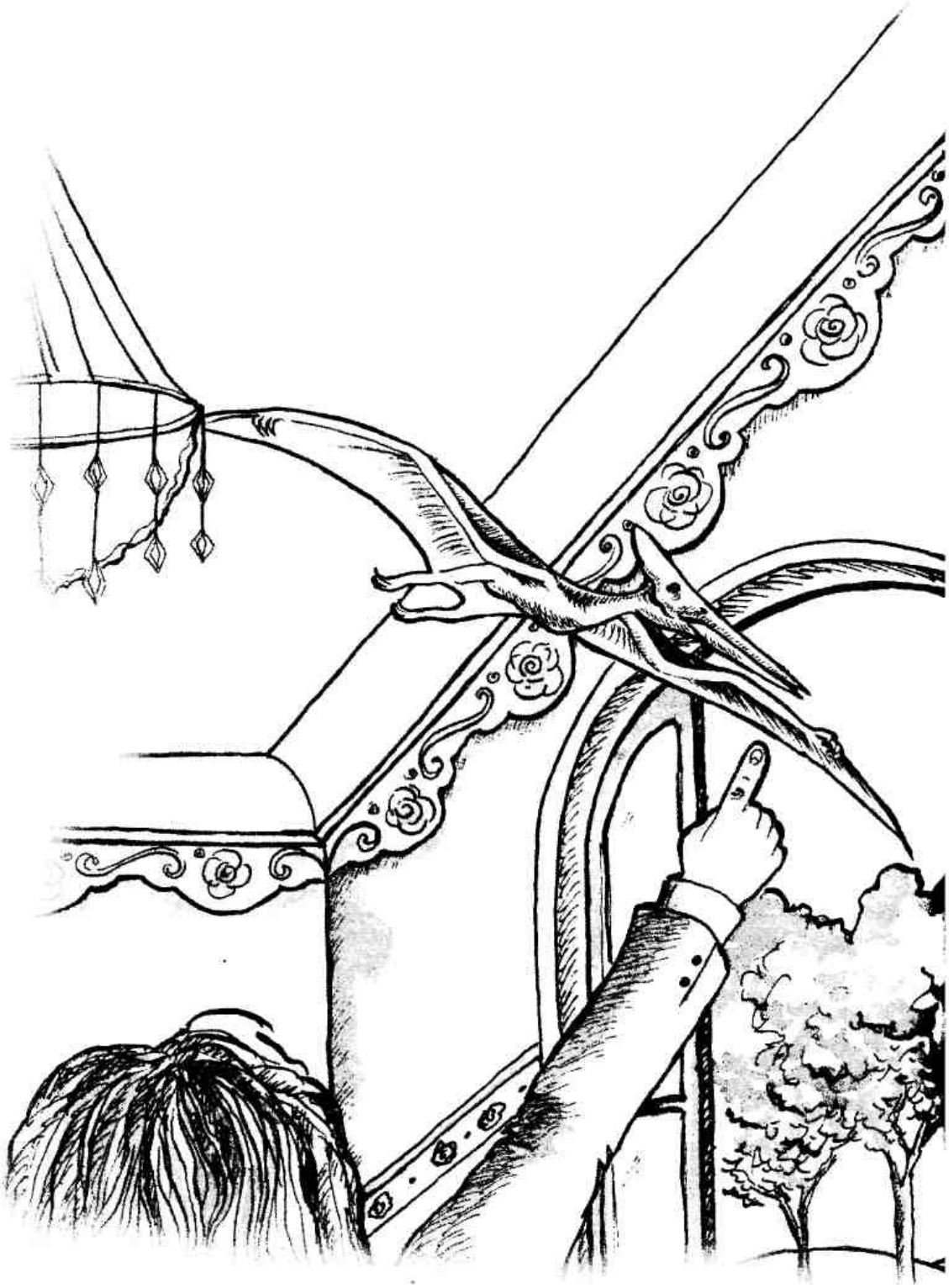
"Referia-se a uma larga vidraça ogival que, acima das galerias, arejava a sala.

"Mas ninguém obedeceu a seus brados aflitos e o pterodáctilo, entrevendo o céu por essa abertura, precipi-tou-se por ela e desapareceu.

"O professor Challenger pulava de furor e movia as mãos agoniadamente.

"Mas o público vira, vira com os próprios olhos, o animal que parecia ressuscitado da era pré-histórica, e toda a gente, num ímpeto de entusiasmo, ergueu-se cercando os quatro expedicionários, quase sufocando-os numa consagração difícil de narrar. Em vão, eles lutavam para se libertar, mas o público, eufórico, ergueu-os nos ombros e os conduziram para a rua, gritando: Regent Street!', 'Regent Street!'. Quando ali chegaram, ocorreu um espetáculo incrível. Uma multidão não inferior a cem mil pessoas os aguardava, estendendo-se desde o Hotel Langham até Oxford Circus. Carregados, sendo a

atração central daquela imensa passeata, eles seguiram com a multidão pela Regent Street, pela Pall Mall, St. James Street e Piccadilly, causando uma confusão imensa no tráfego, com inúmeras colisões envolvendo carros particulares, táxis e até mesmo viaturas da polícia. Por fim, apenas depois da meia-noite, os consagrados, mas exaustos heróis, foram liberados em frente aos aposentos de lorde John Roxton, no Albany. Antes de se dispersar, contudo, a multidão cantou músicas populares em homenagem aos heróis, encerrando o programa da noite com o Hino Nacional Britânico. Desse modo transcorreu uma das mais memoráveis e significativas noites da história recente de Londres."



Essa foi a reportagem de meu amigo Macdona e pode ser considerada um relato fiel, descontados, é claro, alguns exageros. Se a atração central do encontro foi uma surpresa enorme para a platéia, o leitor deve desconfiar que não o foi para nós. Lembra-se quando encontrei lorde Roxton, com uma arapuca curiosa? E minhas menções sobre a grande bagagem do professor Challenger? Tudo isso faz parte, portanto, do nosso empenho para trazer o animal, que — diga-se de passagem — nos deu um trabalho danado durante a viagem, pois tínhamos que continuamente alimentá-lo com porções generosas de peixe podre. Não disse nada antes porque o professor Challenger havia nos solicitado absoluto sigilo, pois tratava-se de um trunfo que deveria ser guardado como argumento irrefutável e final para desmontar a argumentação desqualificadora de nossos inimigos.

Agora, algumas palavras sobre o destino de nosso pterodáctilo perdido em Londres. Nos dias seguintes, tentei conseguir informações, pistas que pudessem conduzir à sua localização. Encontrei muitos boatos infundados, mas mesmo assim prossegui nas buscas.

Ao fim de alguns dias, apesar de toda a minha dedicação, concluí que nunca mais seria possível encontrá-lo. Colhi, no entanto, algumas histórias. Duas senhoras tinham visto sua silhueta fantástica, destacando-se sobre a Lua, num telhado do Queen's Hall. O soldado Miles, dos Coldstream Guards, de sentinela à porta de um paiol em Plymouth, fora sujeito a corte marcial por ter desertado de seu posto. Alegara, em sua defesa, ter sido atacado por um pássaro horrendo "do tamanho de um boi", como ele dizia, o que não foi considerado pelos juízes que conduziram o julgamento.

O mais provável, contudo, é que o estranho animal, arrastado pelo instinto de orientação, tentara voltar ao Brasil e havia morrido, esgotado pela fadiga, em pleno Atlântico.

Quanto a Gladys, minha doce Gladys, cujo nome ficaria gravado para sempre nos anais da ciência, por títulos que eu conquistara jogando a própria vida... Bem, o lago será rebatizado como lago Central, por razões que agora já tenho coragem de contar. Mas, antes, algumas indagações que faço a meu próprio coração: Como não pude ver, em seu rosto angélico, os traços de sua dura natureza? Como não percebi que não havia amor de verdade em suas palavras, quando provocou meu orgulho para tornar-me herói de não importa qual aventura? Ela amaria um homem ou somente seria capaz de amar o

heroísmo que ele gerasse e que nela se refletisse?

Mas permitam-me, em poucas palavras, retratar o que aconteceu. Quando retornei, nem uma carta, nem um simples bilhete, trouxe-me palavras delas. O que teria acontecido? — perguntei-me. Meu primeiro pensamento foi quanto à saúde dela. Teria acontecido alguma coisa? Louco de apreensão, corri para a rua em que ela morava. Com que ansiedade penetrei na bela residência em que tantas vezes suspirara em vão!

O criado, que bem me conhecia, fez-me logo entrar no vasto salão e eu vi Gladys recostada, como de costume, no divã ao lado do piano, folheando uma revista. Dir-se-ia que eu a deixara ali ontem, naquela mesma atitude.

— Gladys!... — murmurei, com voz estrangulada pela emoção.

Ela voltou a cabeça e ergueu-se com a expressão da mais viva surpresa.

Eu estendi-lhe as mãos num gesto de intenso carinho; porém ela retraiu-se, dizendo:

— Perdão.

— Oh, Gladys! — exclamei — Que tem? Por que a encontro tão mudada?

Ela sorriu com desdém, como aquele que se tem pelas crianças, que não compreendem as coisas mais simples. Depois, esclareceu a situação com as seguintes palavras:

— Meu caro Malone, permita que lhe apresente William Pott, meu marido. Casamo-nos há um mês.

E eu, atônito, mas escravo dos gestos habituais da boa educação, achei-me de súbito apertando a mão de um homenzinho, magro e semi-calvo, cuja presença, em meu estado quase hipnótico, não havia percebido. Ele estava sentado na poltrona que eu julgava somente minha.

— Papai quis que nós ficássemos morando aqui, por enquanto. Estamos terminando a nossa casa — disse simplesmente minha ex-noiva.

— Ah!

— Você não recebeu uma carta que eu lhe escrevi para o Pará?

— Não.

— Oh! Que pena... Explicava-lhe tudo.

— Mas não há o que explicar.

— Sim... sim. Contei a William tudo a nosso respeito. Não há segredos entre nós. Sinto pelo que aconteceu, mas creio que não havia nada de verdadeiro entre nós, já que você foi capaz de sumir pelo mundo, deixando-me aqui sozinha.

CAPÍTULO XVIII

Curvei-me. Apertei novamente a mão de William e di-rigi-me para a saída.

Ele me acompanhou até a porta e eu não resisti à tentação de perguntar-lhe:

— Que atos de heroísmo praticou para merecê-la? Que fez neste mundo? Subiu o monte Everest? Atravessou o oceano de avião? Como conseguiu?

Com uma expressão vazia no rosto bem-humorado e com barba a fazer, ele me disse, sorrindo:

— Creio que isso é muito pessoal, não acha?

— Bem, apenas mais uma pergunta: o que faz? Qual é a sua profissão?

— Sou segundo assistente de um escritório de advocacia, o Kohnson & Marivale, na Chacery Lane — disse ele.

— Ah!... Boa noite.

E fui embora, com um sentimento misto de raiva, tristeza e, mesmo alegria, fervendo dentro de mim.

Uma última cena para terminarmos de vez essa narrativa. Na noite passada, lorde Roxton convidou a mim e a seus outros dois companheiros de viagem para jantar em sua casa. Terminada a refeição, apanhou sobre uma mesa próxima uma caixa de charutos. Fumamos num clima de grande camaradagem, enquanto recordávamos nossas recentes peripécias. Era curioso ver as velhas caras, tão conhecidas, num ambiente totalmente diferente. Challenger, com seu sorriso intolerante, sobrancelhas semi-cerradas, barba selvagem, peito enorme e arfante, ditando regras para Summerlee. Este, com seu costumeiro cachimbo curto, enfiado entre o bigode ralo e a barba de bode, discutindo acaloradamente, com o seu constante e, agora, amistoso oponente. E, claro, o nosso anfitrião, lorde John, com seus enganosos olhos frios, que na verdade escondem um menino travesso e cheio de generosidade. E foi depois de uma conversa amistosa que este nosso amigo levantou-se, foi até uma estante, e apanhou uma pequena caixa.

Abriu-a e tirou dela umas trinta pedrinhas de formas variadas que espalhou sobre a toalha. Algumas eram do tamanho de um grão de feijão; outras porém alcançavam a proporção de uma noz.

— O que é isso!... — exclamou logo o professor Summerlee. — Oh! Você

parece ter ai uma fortuna espantosa.

Voltando-se especialmente para mim, lorde Roxton disse:

— E são de primeira grandeza.

Em seguida, ele tirou do bolso do colete uma pedra já lapidada que cintilava como mil fogos. Continuou.

— Lembra-se do dia em que me encontrou metido em uma espécie de gaiola de bambus, andando pelo rebordo do platô em direção ao charco dos pterodáctilos? Parece-me que você até notou que eu me perturbava um pouco com sua presença, pois meu interesse não compreendia apenas a caça de um exemplar da criatura. É que eu anda va por ali tentando uma coisa que podia ter resultados magníficos, mas que também podia não ter resultado algum. Por isso, eu queria manter secreta minha tentativa. Tratava-se do seguinte. Eu não sou um cientista como estes eminentes amigos mas, tendo viajado muito pelo vasto mundo, possuo também alguns conhecimentos da natureza. E, como estive no Transvaal, vi muito bem o que são terrenos diamantinos. Ora, quando pela primeira vez descobrimos o ninho dos pterodáctilos, eu fiquei impressionado pelo aspecto do terreno. Lembra-se?... Era uma antiga cratera de vulcão, cheia de argila azul. Eu só vira até aquele momento um terreno semelhante: o das riquíssimas minas de diamantes de Beers, em Kimberley. Imediatamente tive a idéia de que ali também devia haver diamantes. Nada lhes disse porque os nossos ilustres professores só se interessam por problemas científicos e não dariam importância a vantagens financeiras. Quanto a você, muito jovem ainda, apaixonado, poderia entusiasmar-se demasiadamente com a idéia e sofrer depois um desengano. Preferi fazer a experiência só. Armei aquela singular proteção de bambu para me prevenir contra qualquer ataque dos medonhos habitantes do pântano e andei por lá duas ou três horas escavando o solo com minha faca de caça.

— Aqui está o que eu pude recolher — concluiu ele, rolando as preciosas pedras entre os dedos. Calei-me ainda durante a viagem porque podia estar enganado sobre o valor de minha colheita. Só hoje, tendo mandado lapidar um dos diamantes e verificado que é dos melhores, resolvi convidá-los para jantar comigo e ouvir este último relatório. Spink, o joalheiro de Regent Street, que além de meu amigo é um homem de bem, avaliou em conjunto o lote e oferece por ele duzentas mil libras. Ora, nós fizemos juntos essa viagem, juntos passamos pelos mais duros trabalhos e pelos mais desesperados perigos. Além

da glória, o que se apurou de todas essas aventuras foi essa quantia. Parece-me lógico que a dividamos igualmente. Diga o senhor, professor Challenger... Que vai fazer das cinquenta mil libras que lhe cabem?

— Eu... eu — balbuciou o cientista. — Se o meu amigo persiste nessas generosas intenções, fundarei meu museu paleontológico, que há muito tempo sonho.

— E o senhor, professor Summerlee?

— Eu deixo minhas aulas para me dedicar a uma classificação definitiva dos fósseis calcários.

— Pois eu volto ao platô. Com este dinheiro vou organizar uma expedição com todos os elementos para insta-ar-me ali durante pelo menos um mês. Quanto ao nosso bravo Malone — continuou ele, batendo-me num ombro —, nem é preciso perguntar qual é seu programa. Vai casar.

— Não... Pelo menos, por enquanto não penso nisso — murmurei, procurando disfarçar minha tristeza. — Se o senhor aceitar, gostaria de acompanhá-lo na expedição.

Lorde Roxton nada respondeu, mas procurando minha mão por sobre a mesa, apertou-a vigorosamente.

FIM

(Nota 1) Sir Richard Francis Burton — (1821 -1890) — Explorador britânico que, em busca das nascentes do rio Nilo, descobriu o lago Tanganica, em 1858. (N. do E.).

(Nota 2) JohnRowlands Stanley (1841-1904) —Jornalista e viajante britânico; como repórter, viajou pela África em busca do paradeiro do missionário escocês Livingstone, que se encontrava perdido. Após localizá-lo, empreendeu aventuras nas quais descobriu o curso do rio Congo. Foi também responsável pela colonização do Congo Belga. (N. do E.)

(Nota 3) Alusão ao Barão de Munchhausen (1720-1797), célebre por contar aventuras supostamente verdadeiras, em que ele era sempre o herói. (N. do E.)

(Nota 4) August Weissmann (1834-1914) — Biólogo e zoologista alemão que, ao propor uma teoria acerca dos fatores da hereditariedade, lançou as bases da genética moderna. (N. do E.)

(Nota 5) Charles Darwin (1809-1882) — Naturalista inglês que primeiro formulou um conjunto de teorias da evolução sobre bases totalmente científicas, apresentadas em sua obra-prima Da origem das espécies através da seleção natural, publicada em 1859. (N. do E.)

(Nota 6) Alfred Russel Wallacel 1823-1913) e Henry Valter Bates (1825-1892) — Ambos viajantes e naturalistas britânicos, empreenderam, entre 1848 e 1852, a exploração da Bacia Amazõnica, colhendo e classificando vasto material botânico e zoológico. Wallace concebeu, ao mesmo tempo que Darwin, o princípio da seleção natural das espécies. (N. do E.)

(Nota 7) O autor antecipa, com a questão apresentada por seu personagem, uma possibilidade que apenas recentemente pôde ser enfrentada pela ciência, através das pesquisas relacionadas ao DNA e ã engenharia genética. (N. do E.)

(Nota 8) O autor se refere a quadros de Fragonard, Girardet e Turnet, pintores franceses que produziram suas obras entre finais do século XVIII e meados do século XIX. (N. do E.)

(Nota 9) Referência ao Inferno descrito em A Divina Comédia. (N. do E.)

(Nota 10) Importante praça no centro de Londres. (N. do E.)

(Nota 11) Strophantus ou estrofanto — Planta venenosa, da família das aponináceas, que em pequenas doses tem propriedades medicinais. (N. do E.)